

JÚLIO CÉSAR CARREGARI

CARTOGRAFIAS DA “EXCEPCIONALIDADE”:
PARA UMA (RE)INVENÇÃO DAS PRÁTICAS DE CUIDADO

– Assis –
2002

JÚLIO CÉSAR CARREGARI

**CARTOGRAFIAS DA “EXCEPCIONALIDADE”:
PARA UMA (RE)INVENÇÃO DAS PRÁTICAS DE CUIDADO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia (Área de Concentração: Psicologia e Sociedade) à Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – Campus de Assis, para obtenção do título de Mestre, sob a orientação da Prof. Dra. Sônia Aparecida Moreira França.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da F.C.L. – Assis – UNESP

C314c Carregari, Júlio César
Cartografias da “Excepcionalidade”: para uma (re)invenção
das práticas de cuidado / Júlio César Carregari. Assis, 2002.
185f.

Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras
de Assis – Universidade Estadual Paulista.

1. Psicologia Clínica. 2. Excepcionais – Psicologia. 3. De-
Ficiência mental. I. Título.

CDD 157.9
362.3

JÚLIO CÉSAR CARREGARI

CARTOGRAFIAS DA “EXCEPCIONALIDADE”:
PARA UMA (RE)INVENÇÃO DAS PRÁTICAS DE CUIDADO

COMISSÃO JULGADORA

DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE

Presidente e Orientador _____

2º Examinador _____

3º Examinador _____

Assis, ____ de _____ de 2002

À Luciana,
*intensidade amorosa e
de cuidado
em meu cotidiano...*

AGRADECIMENTOS

À todos que se dispuseram para este encontro e em especial:

Meus pais, Orlando Mário Carregari e Maria Antônia da Silva Carregari (*em memória*), à Eva, pelo seu *devir* mãe, meus irmãos, Pedro Paulo e Tiago e irmãs, Mônica e Renata

...demais familiares, presentes ou ausentes, meus primeiros amigos.

Às famílias Possato, Pinheiro, Barbieri, Nascimento, Ferreira, Vitalino e Giavara,

...meus amigos, de longe e de perto.

Às professoras:

Dra. Sônia Aparecida Moreira França, pelo cuidado e dedicação na orientação deste trabalho.

Dra. Maria Regina Ribeiro Salotti, pela presença instigante de “outro olhar”, sempre.

Dra. Lígia Assumpção Amaral, pela disponibilidade de encontro e de diálogo .

Às APAEs, de Assis e Cândido Mota, seus professores e funcionários, principalmente,
aos alunos que se dispuseram na construção diária e cotidiana dos encontros.

À FAPESP, inestimável apoio e parceria pelo financiamento desta pesquisa e pela ampliação do campo de diálogo, da mesma, concretizado na interlocução de seu parecerista.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1. PRIMEIRA CARTOGRAFIA: Olhares do Cartógrafo.....	16
1.1. <i>Compondo Caminhos</i>	16
1.2. <i>Uma metodologia ou nos bastidores da pesquisa</i>	21
1.3. <i>O AT e o Grupo: os procedimentos do cartógrafo ou. Estratégias de relação com a “Excepcionalidade”</i>	25
2. SEGUNDA CARTOGRAFIA: Quem são e onde estão os parceiros desta pesquisa.....	28
2.1. <i>O conceito de Excepcionalidade</i>	31
2.2. <i>As práticas institucionais: aliança do Estado com a Medicina, a Educação e o Direito.</i>	39
2.2.1. <i>As classes especiais</i>	42
2.2.2. <i>A APAE de Assis</i>	44
3. TERCEIRA CARTOGRAFIA: Exercitando linhas cartográficas.....	49
3.1. <i>A desnaturalização dos conceitos e das práticas</i>	49
3.1.1. <i>Uma história da instituição: uma prática em uso.</i>	53
3.2. <i>Dispositivos de análise em análise: o Acompanhamento Terapêutico e o grupo</i>	61
3.3. <i>A cidade</i>	64
4. QUARTA CARTOGRAFIA: Os parceiros; Esboçando silhuetas na construção de um cotidiano.....	67
<i>Ferdinanda</i>	67
<i>Paçoca</i>	97

<i>Scoob</i>	117
<i>Tigrão</i>	132
<i>Leilóca</i>	145
<i>Um cinzeiro nos escombros</i>	164
<i>Clube da Luluzinha</i>	169
<i>Aposentadorias ou a negação do trabalho</i>	171
5. QUINTA CARTOGRAFIA: Lançando outras linhas nas	
Cartografias das excepcionalidades.....	174
5.1. <i>O cuidado versus tratamento</i>	174
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS.....	180

CARREGARI, Júlio César. **Cartografias da “Excepcionalidade”**: para uma (re)invenção das práticas de cuidado. Assis, 2002, 185 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Assis, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

Resumo

Esse trabalho se concretiza a partir de encontros realizados com cinco alunos da APAE de Assis, São Paulo. Como estratégia de construção das relações, usamos o Acompanhamento Terapêutico e Grupos, entendendo-os como dispositivos de produção de processos de subjetivação. À medida que produzimos, com nosso trabalho, a visibilidade das linhas de força presentes em nossos encontros, também se constituíram as cartografias aqui desenhadas, evidenciando o regime da “Excepcionalidade” que os cinco participantes de nossa pesquisa estão vivendo, circunscritos ao espaço tutelar da APAE ou da família, os quais estabelecem com eles relações de tratamento. Assim, sempre que estas cartografias agiam em nossa relação, estrategicamente procurávamos produzir um desvio para que outras linhas de força entrassem em jogo e nos fosse possível a composição de novas cartografias. Esse acontecimento nos levou a desenhar uma outra forma de relação, a da amizade e do cuidado, num plano de imanência que passou a nos ofertar a sustentabilidade de outras narrativas que tivessem como referência o próprio sujeito, numa relação de pertença a si mesmo e ao mundo.

Palavras-chaves: Excepcionalidade; Grupo; Amizade; Cuidado; Instituição; Acompanhamento Terapêutico; Cartografia.

Abstract

This work concretizes itself through the encounters accomplished with five students from Assis' APAE in the São Paulo state. As strategy of construction of the relationships, we used the Therapeutic Accompaniment and Groups, understanding them as devices of production of subjectivation processes. Whenever we produced with our work the visibility of the lines of force presents in our encounters, the cartographies were also drawn and constituted here, evidencing the regime of "Excepcionalidade" that the five participants of our research are living, bounded to the guardian space of APAE or of the family, establishing with them treatment relationships. Thus, whenever these cartographies acted in our relationship, tried to produce, strategically, a deviation toward other lines of force entered in game to the possible the composition of new cartographies. This event took us to draw another relationship form, the friendship and of the care, through an immanence plan that passed to offer us the sustainability of others' narratives that had as reference the own subject, in a belongings' relationship to himself and to the world.

Key-words: Excepcionalidade; Group; Friendship; Care; Institution; Therapeutic Accompaniment; Cartographies

INTRODUÇÃO

A história desse encontro com a APAE de Assis tem início no ano de 1997, quando, junto a outros companheiros de graduação, tivemos a chance de ingressar no Núcleo de Pesquisa “Psicologia e Instituição”, coordenado e supervisionado pelas professoras Dra. Maria Regina Ribeiro Salotti e Dra. Sônia Aparecida Moreira França.

Há sete anos esse Núcleo de Pesquisa oferece-nos a oportunidade de realizar estágios curriculares na já citada instituição, e se consolida como uma forma de atenção ao sujeito deficiente mental diferente daquelas geralmente encontradas nas práticas tradicionais da psicologia.

O trabalho desse Núcleo constituiu-se na sistematização de três modalidades básicas de atenção prestada aos alunos da APAE: o trabalho de Acompanhamento Terapêutico¹, o Grupo Terapêutico e o Grupo de Histórias Infantis. Estas modalidades permitem o efetivo embate das formas discursivas responsáveis pela conceituação/definição² da “Excepcionalidade”, como também de seus efeitos na constituição dos corpos que a sustentam, ou seja, na produção do “Sujeito Excepcional”.

França e Salotti (1997), nos dizem da necessidade de criação de espaços outros, capazes de possibilitar a invenção e a

¹ No decorrer desse trabalho, usaremos a abreviação AT para nos referirmos a essa técnica.

² Segundo Amaral, “...o conceito de deficiência e sua definição passam por dimensões descritivas e por dimensões valorativas, tendo sempre um caráter histórico concreto, um determinado momento, num contexto sócio-econômico-cultural específico.” AMARAL (1996: 101).

experimentação de novas dimensões existenciais, na composição junto aos deficientes, de “... *um campo de relação, que privilegiando o diálogo, pudesse, através da multiplicidade que cada encontro humano propicia, disparar novas formas de saber e outras direções nas relações de poder.*” (FRANÇA & SALOTTI, 1997: 23).

Dessa forma, à medida que nos comprometemos com esse trabalho e movimentamos os espaços dos saberes responsáveis pela díade conceituação/definição da “Excepcionalidade”, participamos da construção de um trabalho clínico representado pelas três modalidades, sobre a exigência de um pensamento nômade e de uma prática que, segundo Rolnik, refere-se basicamente ao

“... aliar-se as forças da processualidade, buscando meios para fazê-las passar, já que isto é condição para vida fluir e afirmar-se em sua potência criadora; aliar-se a essas forças e esperar – confiando na possibilidade de que algo venha a se agenciar...” (ROLNIK, 1997: 92).

Nos encontros com os alunos da APAE, amplificamos a presença de uma certa resistência ao diálogo e ao exercício crítico das estratégias de atenção ofertadas ao jovem deficiente, sustentadas nas relações que organizam as práticas efetivas da instituição, espaço concreto que age sobre e faz falar a “Excepcionalidade”, assumida como entidade clínica de uma subjetividade produzida no emudecimento do sujeito.

Por ocuparmos o lugar de especialista, mesmo como estagiários de Psicologia, essa resistência encontra passagem também por nossos corpos, afetos e, muitas vezes ainda, por nosso modo de pensar e

tratar as estratégias ofertadas pelo Núcleo de Pesquisa do qual fazemos parte.

Uma resistência amparada sobre um regime de saber, cujas práticas sociais se remetem, a todo momento, às impossibilidades e às incapacidades desses alunos de constituírem uma outra forma de relacionamento que não essa estruturada sobre o Regime de Verdade³ que sustenta o plano ideal de um “Sujeito Excepcional”, em sua essência naturalmente limitado, tão amplamente conhecido através dos diagnósticos das áreas Médico-Psico-Pedagógicas.

É neste cenário, onde se dá a conhecer a “Excepcionalidade” e os sujeitos nela encerrados, que se realiza a confluência de nossos questionamentos acerca deste conceito e das possíveis contribuições que a Psicologia pode e tem, a oferecer para a sua (re)invenção na produção de um plano de encontros entre as forças itinerantes e intercambiáveis da heterogeneidade humana.

Plano este, constitutivo e constituído numa relação dialógica entre nós e a APAE de Assis que, primando pela problematização de tal conceito e de sua institucionalização, se faz na construção de um cotidiano

³ Gore trabalha o pensamento foucaultiano da noção de Regimes de Verdade ao considerar que *“os discursos baseados na disciplina da Psicologia e vinculados a noções particulares de ciência têm sido mais prontamente aceitos que outros tipos de discursos; a razão científica tem sido o meio principal pelo qual esses discursos são sancionados; as técnicas empíricas têm tido primazia na produção de verdade; tem se concedido um **status** profissional, científico e intelectual àqueles que estão encarregados de dizer o que conta como verdade.”* (GORE, 1994: 10).

participativo e de pertença das atividades ali desenvolvidas como estagiário. Ainda como estagiário de psicologia, percebemos um certo constrangimento na atuação profissional do psicólogo ao participar de circuitos de palestras, encontros e congressos, em que os discursos e relatos assumem uma postura, muitas vezes, meramente altruísta, particular, de uma atuação profissional “comprometida” pela ocorrência de uma deficiência ou anomalia muito próxima aos palestrantes, quando não familiar.

Tal ocorrência além de ser evocada como principal motivação para dedicação ao estudo da “Excepcionalidade” e seus tratamentos, também se caracteriza como forte distintivo para aquele profissional que pode falar com propriedade sobre o tema, por “sentir na carne” as agruras que a “existência defeituosa” traz para si mesma como para seus familiares.

Não nos agrada esse “privilégio” de alguns e, cada vez mais, nos embrenhamos no tema a procura de um lugar onde os questionamentos sobre a “estranheza” dessa experimentação do encontro com a “Excepcionalidade”, podem fazer ecoar reverberações que movam os regimes de saber que sustentam a disciplina, a psicologia.

Ainda, como estudante de psicologia podemos encontrar, nos trabalhos dos vários profissionais – e não profissionais – da área da

deficiência⁴, um fértil campo de diálogo e embate de pensamentos que não se colocam na busca de respostas. Porém, caso elas (as respostas) pareçam acontecer, que sejam entendidas e compartilhadas na leitura como uma *cartografia*, cuja validade se limita as condições históricas e as paixões do cartógrafo.

Assim,

“para o cartógrafo ‘entender’ não está ligado a aspectos exclusivamente cognitivos. Não se trata, portanto, do campo da explicação, ou da solução, Para ele, inventar problemas é que é interessante, não há necessidade de revelar o sentido oculto – mesmo porque não há oculto. As cartografias, o dito são efeitos de superfície dos campos intensivos...”
(STREMLOW, 2002: 18).

A autora ainda reforça a idéia de que tanto os problemas quanto os campos intensivos não estabelecem princípios de verdade, pois estes estão sob o efeito das forças históricas.

Deste modo, começamos a empreitada de habitar o campo da “Excepcionalidade” na distensão da primeira linha cartográfica, qual seja:

1 – FORJAR FERRAMENTAS: UM TRABALHO EXCEPCIONAL, ferramentas estas que nos permitem:

Caminhar na produção de visibilidades dos modos de relação para com o deficiente, modos estes colocados sob o Regime de Verdade, que se sustenta na busca do “tipo ideal” de homem.

⁴ Em especial destaque para os encontros com os próprios sujeitos dessa forma referendada, na composição de parcerias e na co-realização desta pesquisa.

Problematizar como este “homem” é inventado no jogo de forças das instituições, as quais, com seus mecanismos e práticas movimentam campos diversos de saber e de poder sobre ele, criando engendramentos normativos.

Uma segunda linha a ser distendida nesse trabalho é a que vai dizer:

2 – QUEM SÃO E ONDE ESTÃO OS PARCEIROS DESTA PESQUISA.

Os parceiros são apresentados inicialmente segundo os registros institucionais que circunscreve-os e os organizam no conceito de “Excepcionalidade”, e são habitantes de classes especiais e instituições especializadas como as APAEs.

3 – EXERCITANDO LINHAS CARTOGRÁFICAS

Essa cartografia é um trabalho sobre esses registros e práticas a fim de encontrar novos intercessores para o discurso psicológico e suas ações. Tomando o AT e o Grupo como instrumentos do cartógrafo e como dispositivos que não se realizam como técnicas de tratamento, mas como dispositivos de individuação, de produção crítica aos regimes de enunciação e de visibilidades que fazem falar modos de ser do homem. Uma cartografia que evidencia a prática da amizade, pautada na ética do cuidado de si que visa a transformação ou invenção de si próprio.

Um trabalho que nos coloca no circuito das relações do homem consigo mesmo e com a cidade, (des)montando conceitos e

práticas que dão forma a “Excepcionalidade”, tal como ela é veiculada nos modos institucionais produtores de territórios identitários.

É portanto, no plano aberto das conexões em rede que apresentamos a tessitura dos encontros realizados com:

4 – OS PARCEIROS: ESBOÇANDO SILHUETAS NA CONSTRUÇÃO DE UM COTIDIANO.

Nessa cartografia, as intensidades possíveis traçam linhas de encontros, afetos e movem as posições dos cartógrafos para memória-lembranças da presença e feitos humanos. A cidade e o homem, eu e ele, outros homens e as coisas, narrando e sendo narrados.

5 – LANÇANDO OUTRAS LINHAS NAS CARTOGRAFIAS DAS EXCEPCIONALIDADES

Por fim, apresentamos a política da amizade e a ética do cuidado de si para a construção de uma estética de vida na (re)invenção dos encontros experimentados entre os homens e o mundo.

1. PRIMEIRA CARTOGRAFIA: OLHARES DO CARTÓGRAFO

1.1- *Compondo caminhos*

Compondo caminhos concatenados ao trabalho desenvolvido na APAE, no Grupo na prática do AT, e às pesquisas realizadas por autores como: Bueno, Amaral, Lobo, Jannuzzi, Foucault, Deleuze, Santos, Arendt, entre outros, figuram na tessitura desse trabalho numa rede prático/teórica consolidada nessas obras.

Este campo de trabalho é tratado por nós como estratégia de ocupação de novos espaços abertos na formação de **territórios do devir**. Trabalhamos na produção de um rastro de histórias de encontros, de partilha e de convivência e na consolidação de uma parceria possível de gerar, anos mais tarde, esta dissertação.

Abrimos um pequeno parêntese em nossa narrativa para expressar os devidos esclarecimentos a respeito dos dois conceitos acima sublinhados (território e devir), de fundamental importância para a constituição dessa pesquisa, pois sua realização se concretiza no trabalho e no exercício da (re)invenção daquilo que comumente se caracteriza como a Excepcionalidade, em excepcionalidades, metamorfoseada e flexionada no plural analisada a partir da expressão da singularidade e da diversidade humana.

Para o uso do conceito de território e para sua também (re)invenção, busco em Milton Santos a retificação desse conceito quando diz que

“...não serve falar de território em si mesmo, mas de território usado, de modo a incluir todos os atores. O importante é saber que a sociedade exerce permanentemente um diálogo com o território usado, e que esse diálogo inclui as coisas naturais e artificiais, a herança social e a sociedade em seu movimento atual.” (SANTOS, 2000: 26).

Mas não estamos habituados a pensar dessa forma, contrariamente pensamos *“a história como se fosse uma relação direta dos homens com a Terra, sem a intermediação das heranças sociais e materiais e do presente social.”* (SANTOS, 2000: 26), e daí a necessidade de (re)inventarmos uma significação que se aproxime, cada vez mais, da primeira conceituação defendida pelo autor.

Dessa forma, quando dizemos da criação das estratégias de ocupação dos espaços abertos na formação de territórios do devir, juntamos também a Paulo César Lopes (1996) e seus dois parceiros no trabalho de *“Aproximações a uma teoria da clínica em Félix Guattari e Gilles Deleuze”*, ao dizer de uma prática do devir, fundada sobre os fluxos de forças que assumem uma forma cujos efeitos produziriam e devem produzir a *“... atualização de um certo campo problemático, constituído essencialmente de agenciamentos sempre em vias de se fazer, desfazer e refazer...”* (LOPES, 1996: 30). Assim, segundo seus autores referenciais: *“(...). Ele, (o devir), é da ordem da aliança.”* (DELEUZE & GUATTARI, 1997: 19).

É possível observarmos, já há algum tempo, que a Excepcionalidade, tal qual a conhecemos, imbuída de um referencial

científico positivista, evolutivo e racional, vem perdendo espaço para uma outra forma de conhecimento construído a partir da análise crítica de seu desenvolvimento histórico e de sua função político/social.

Daremos início à essa *problematização*¹ das tradicionais formas de atenção prestada aos indivíduos excepcionais, compondo um plano constituído a partir da análise crítica daquilo que se convencionou chamar de “Excepcionalidade”, ou seja, da “fórmula” tacitamente estabelecida pelas várias especialidades responsáveis por sua “melhor” descrição e tratamento. O adjetivo “melhor” aqui utilizado, assume o sentido de que cada vez mais essas especialidades agrupam no conjunto de suas práticas, procedimentos e técnicas de análise precisas e eficazes desde a etiologia das anomalias apresentadas pelos indivíduos até a efetiva intervenção profissional.

Apesar de nos posicionarmos (ou pelo menos exercitarmos um posicionamento) de forma crítica – nesta constante (re)invenção prático-teórica – frente ao conceito estratificado daquilo que se convencionou chamar de “Excepcionalidade”, a todo momento nos percebíamos imersos nesse substrato científico, destituído de qualquer análise crítica de seu desenvolvimento histórico e suas implicações ética e política.

¹ Para Foucault *“Problematização não quer dizer representação de um objeto preexistente, nem criação pelo discurso de um objeto que não existe. É o conjunto das práticas discursivas ou não discursivas que faz alguma coisa entrar no jogo do verdadeiro e do falso e a constitui como objeto para o pensamento...”* (FOUCAULT, 1984: 76).

Para efeito de uma melhor caracterização dessas duas instâncias, aqui entendidas como essenciais na realização da formação dos processos de subjetivação produzidos na concretude do cotidiano, por meio da auto-constituição do sujeito moral, recorreremos às reflexões foucaultianas, realizadas sobre o tema da ética e ao trabalho de Hanna Arendt sobre o tema da política.

Em Paez (1988), encontramos a ética foucaultiana na dimensão da relação do sujeito consigo mesmo, relação esta determinante da constituição do indivíduo como sujeito moral engendrado por formas ou modos de subjetivação resultantes de certas práticas comprometidas com a governabilidade de si, no exercício do *cuidado de si*.

Arendt (1992), por sua vez, recoloca no bojo das ações humanas o campo político do gesto realizado no mundo. Mundo este constituído no espaço histórico da obra humana que se inscreve através dos atos e discursos forjados na esfera pública da relação com os outros homens.

Quanto ao referencial científico que dá sustentabilidade ao conceito de “Excepcionalidade”, encontra-se destituído de qualquer sentido ético por afirmar que o sujeito excepcional não produz estratégias de governabilidade da sua vida, através dos impedimentos imputados por uma condição existencial irrealizável no ser anormal, como também de qualquer sentido político por deslocar forçosamente sua ação no mundo à privacidade das condições de seu corpo.

Assim, esse substrato esquadriha-se sobre sólidas bases de experimentação controlada, e serve de suporte às melhores técnicas de tratamento/controle das manifestações comportamentais e afetivas dos sujeitos encerrados numa existência deficiente.

É, pois, com o intuito de (re)inventar as práticas de cuidado ofertadas aos deficientes mentais, que trabalhamos na composição de cartografias a partir dos lugares onde esses sujeitos encontram-se circunscritos, ou seja, no conceito de “Excepcionalidade”, como também, nas práticas institucionais que fundamentam a organização acima referida e forjam seus corpos.

Para tal empreitada, buscamos na companhia dos alunos assistidos na APAE de Assis e na aproximação de seus professores e funcionários, a construção de uma análise crítica da “Excepcionalidade”, voltados para a leitura de seus Regimes de Verdade, expressos no jogo de forças que a compõe (a Excepcionalidade). Concomitante a isso, trabalhamos na confecção de “*conceitos ferramentas*” que possibilitassem a criação de um campo onde a “Excepcionalidade” pudesse se tornar visível tal como se apresenta, objetivada e materializada nos corpos daqueles que têm sua existência marcada pela diferença dos padrões de normalidade veiculados no plano social em que vivemos.

Essas cartografias atualizam também a crítica dos modos de contaminação desses corpos pelo estigma que a forma “Excepcionalidade” proporciona e de como se estabelece, nas ações cotidianas atravessadas

pelas especialidades, os modos de relações de afetos, modos de pensar, de sentir e fazer.

A fim de compor a visibilidade dos mecanismos institucionais que circunscrevem os alunos parceiros desta pesquisa neste conceito, trabalhamos no desenho de algumas cartografias que se processualizam em nosso momento histórico com o propósito de (re)invenção das práticas de cuidado.

1.2- UMA METODOLOGIA ou NOS BASTIDORES DA PESQUISA

Inspirados pelo texto de Marilena de Souza Chauí, publicado na *Apresentação* do livro *Memória e Sociedade: Lembranças de velhos*, de Ecléia Bósi, encontramos um parecer acerca dos mecanismos institucionais responsáveis pela *opressão da velhice*, que pode ser estendida a qualquer mecanismo que atravessa o homem em diversos momentos de sua vida e em toda amplitude de sua existência. Dispositivos institucionais que amarram-no a grilhões cada vez mais fortes e (por que não?) cada vez mais sutis, aparando e descartando tudo o que distingue o sujeito do ideal das formas produzidas pelas institucionalizações formais ou informais.

Gostaríamos de chamar a atenção do leitor para o efeito que daremos às palavras da autora no contexto particular de uma tese escrita na intersecção das realidades, memória e velhice, para o contexto aqui retratado como a realidade da deficiência.

Parafraseando Chauí:

“Como se realiza a opressão da velhice/deficiência? De múltiplas maneiras, algumas explicitamente brutais, outras tacitamente permitidas. Oprime-se o velho/deficiente por intermédio de mecanismos institucionais visíveis (a burocracia da aposentadoria e dos asilos), por mecanismos psicológicos sutis e quase invisíveis (a tutelação, a recusa do diálogo e da reciprocidade que forçam o velho/deficiente a comportamentos repetitivos e monótonos, a tolerância de má-fé que, na realidade, é banimento e discriminação), por mecanismos técnicos (as próteses e a precariedade existencial daqueles que não podem adquiri-las), por mecanismos científicos (as “pesquisas” que demonstram a incapacidade e a incompetência sociais do velho/deficiente).” (CHAUÍ, 1994: 18. In: BOSI, 1994).

A fim de problematizar essa realidade da deficiência, juntos aos parceiros desta pesquisa, inauguramos um novo espaço de relacionamento para a montagem das cartografias realizadas e realizáveis no encontro das possibilidades reais da ampliação de redes de conexões desses sujeitos.

Segundo Cauchic (1999), a utilização das cartografias como trabalho de investigação possibilita o mapeamento de algumas situações cotidianas dos envolvidos no encontro diário, ao mesmo tempo em que essas situações acontecem no desdobramento e na multiplicação no dia-a-dia dos diversos encontros, por nós realizados.

A cartografia, ao contrário do que possa parecer, não é um método pronto: a eficácia de sua utilização não se baseia na previsibilidade dos acontecimentos, ou na simples certeza de se tratar de um instrumental capaz de revelar a tessitura microscópica das relações que se quer conhecer.

Ela se faz na construção de caminhos que nos levam às redes de conexões e agenciamentos, sem, no entanto, confundir-se ou resumir-se ao desenho resultante de sua aplicação. Sendo assim, nenhum de seus desenhos pode ser caracterizado como uma totalidade estática e fechada.

A estreiteza da relação da cartografia com a diversidade e a multiplicidade coloca-a no movimento de constante mudança, caracterizando-a como um processo, algo que possa dizer que o caminho realiza-se na ação de caminhar.

Dessa forma, quando vivenciamos momentos de aparente insignificância lógica junto aos sujeitos da pesquisa, compreendemos estar construindo uma experimentação de acontecimentos que, segundo Foucault (1995), se realiza *“n’uma relação de forças que se inverte, n’um poder confiscado, n’um vocabulário retomado e utilizado contra seus utilizadores, uma dominação que se enfraquece, se distende, se envenena e uma outra que faz sua entrada mascarada.”*(FOUCAULT, 1995: 28).

A partir dessa leitura de Foucault utilizamos da idéia de acontecimento e a atualizamos no encontro com os alunos da APAE, à medida que provocamos um certo movimento ruidoso na ordem natural da instituição, disparando singularidades que têm a propriedade de afecção, ou seja, ao mesmo tempo que são afetadas, podem também produzir afetações.

Tais acontecimentos são forjados às sombras dos regimes de tempo e de saber. O primeiro, prioriza a velocidade e a repetição como forma cotidiana de organização do vivido, muitas vezes amortecido e anulado na falta de tempo, ou de um tempo totalmente organizado em tarefas a serem realizadas, para que os indivíduos institucionalizados se constituam como sujeitos. Já o segundo, através da relação posta no paradigma do tratamento, provoca um constrangimento desses sujeitos, aprisionando-os na repetição interminável das práticas que dizem o tempo todo quem ele é e como deve viver.

Mesmo à sombra desses regimes, pode-se construir, junto com os participantes da pesquisa, os momentos de silêncio necessários para a experimentação de nós mesmos, para transformarmo-nos sem a produção de uma unidade totalizante e fora das relações com o mundo. Assim, também somos responsáveis pela construção de momentos lentos, momentos estes que nos facilitam a captação da dimensão do entorno, a fim de que, os números dos passos e a distância de suas larguras, sejam experimentados nos limites (e não nas limitações) do campo da (re)invenção da existência.

A carpintaria dos bastidores é tão vital aos espetáculos como os refletores, é preciso apenas que deixemos de focar a “Excepcionalidade” como doença, limitação e marginalidade, com as lentes objetivas das especialidades, pois, nada conseguiremos fazer, nada produziremos que não a repetição das formas negativas da diferença. Ao

passo que, se nos deixarmos encantar com as sombras e os acontecimentos que nelas habitam e por eles sermos afetados, podemos compartilhar um relacionamento com a existência de singularidades expressas de múltiplas formações e em focos de acontecimentos também múltiplos, no cotidiano em que se eleva a potência de vida.

1.3 - O AT e o Grupo: os procedimentos do cartógrafo, ou Estratégias de relação com a “Excepcionalidade”

Para o trabalho de construção das estratégias que nos possibilitam a efetiva participação no plano da “Excepcionalidade”, junto aos alunos assim identificados, dispomos de duas práticas tradicionais da psicologia, o AT e o Grupo, como instrumentos de apreensão, e mais ainda de experimentação dessa realidade, para a realização das cartografias apresentadas e produzidas ao longo desta pesquisa. Contudo, para que essas práticas sejam colocadas no campo estratégico da relação com a “Excepcionalidade”, faz-se necessário o abandono do caráter técnico de tratamento, geralmente impressos nas práticas psi, através de um diálogo exercido com outros intercessores, que nos colocam numa posição de cartógrafos, cujos instrumentos de trabalho são acionados como dispositivos de produção de subjetividade e de “(des)individuação”, criando formas na forma “Excepcional”.

O trabalho do AT, nesta pesquisa, realiza-se nas ruas de Assis e Cândido Mota, em passeios com duração média de duas horas.

Nesse período, o acompanhante e o acompanhado experimentam e vivenciam conteúdos próprios desse encontro, além das manifestações e emanações afetivas da cidade recolhidas e sentidas em cada lugar que passamos. Passeamos na história dos homens edificada na cidade e por vezes somos convidados a reconstruir a história de cada um e dos dois nesse território tantas vezes, por nós, revisitado.

Assim também, quando nos dispomos à criação de um Grupo com os cinco alunos acompanhados individualmente, construímos, a expectativa da atualização e da reedição dos passeios num momento de coletividade, de paridade em que todos seriam interlocutores e cada um pudesse ver e ser visto, falar e ser falado em suas diferenças.

Em suma, o grupo que consideramos como dispositivo para a expressão individual no coletivo e seu acolhimento vai, em princípio, se transformando num campo de aparente esterilização das expressões, até mesmo das mais simples, numa conversa a toa.

Caio Fernando Abreu, em um de seus contos, fala da esterilidade da perfeição que buscamos ter na realização de um trabalho em grupo em que exista a participação plena de seus membros na construção das expressões das vontades e desejos, assim, somente depois de compreender e transformar o pensamento dessa perfeição e idealização dos pares, pudemos visualizar o espaço e o tempo do grupo fora dos parâmetros viciados da igualdade e da expressão oral como elementos fundantes da humanidade.

O corpo comunicativo do excepcional se constrói numa base incrédula e estigmatizante da incapacidade de toda e qualquer forma de atenção e de elaboração de conteúdos. A esse corpo é dado apenas o espaço da repetição e do acondicionamento de um mesmo problema, que lhes são apresentados sempre da mesma forma, na espera de respostas consideradas corretas pela disciplina institucional, a partir de uma nosografia dos sintomas, os quais, prescrevem as mesmas verbalizações e gesticulações a todos os indivíduos que se encontram nessa relação de intervenção.

2- SEGUNDA CARTOGRAFIA: QUEM SÃO E ONDE ESTÃO OS PARCEIROS DESTA PESQUISA

Os parceiros aqui apresentados são pessoas reais, singulares, com histórias distintas, participantes de um encontro comum, produzido na vivência institucional e por ela constituídos, nas singularidades que hoje se nos apresentam, como personagens desta dissertação de mestrado.

A criação de seus nomes aconteceu a partir dos apelidos que eles têm entre os amigos da instituição (uns conhecidos, outros nem tanto), como também através da expressão de como eles gostariam de ser chamados no grupo e por este reconhecidos.

Para a realização dessa pesquisa, fez-se necessária a construção de um cotidiano de encontros, os quais nos permitiram a visibilidade das inscrições permeadas pelos dizeres e fazeres da instituição, posta sempre como legítima detentora e produtora do conhecimento da “Excepcionalidade”.

Desse modo, começarei por apresentar Paçoca, é o aluno mais velho dos cinco atendidos nesse grupo, tem 29 anos (2000), e é também o aluno com o maior tempo de vivência na instituição, 13 anos. É residente em Cândido Mota, cidade próxima a Assis. Para o arquivo institucional, seu diagnóstico é encefalopatia congênita com retardo mental, associada ao atraso no desenvolvimento neuropsicomotor. Como consequência, não demonstra possibilidade de aprendizagem sob

condições comuns de instrução, a produção perceptomotora mostra-se prejudicada e, por isso, necessita de acompanhamento neurológico.

Em seguida, vejamos como Scoob é apresentado pelos mesmos registros da instituição, ele tem 27 anos (2000), e é o aluno (desse grupo de 5 alunos) com o segundo maior tempo de vivência institucional, 11 anos. Mora aqui mesmo em Assis.

Apresenta atraso do desenvolvimento neuropsicomotor, nervosismo, dificuldade severa de aprendizado e sono agitado. Apresenta dificuldades em expressar seus pensamentos, porém não apresenta maiores problemas com o uso da linguagem regular.

Na seqüência, apresento Tigrão, um rapaz de 28 anos (2000), freqüenta a instituição há 6 anos e é residente em Assis. Seu arquivo institucional nos diz que, desde o nascimento é diagnosticado com atraso no desenvolvimento neuropsicomotor. Apresenta rebaixamento intelectual, é alegre, mas apresenta um certo grau de timidez. Há uma dificuldade dos pais em aceitá-lo como deficiente e às vezes mostra-se agressivo.

Em seguida, o prontuário de Ferdinanda: moça de 27 anos, e freqüentadora da instituição há 3 anos. É outra aluna de fora, residente em Tarumã, cidade também próxima a Assis. É a única, neste grupo a possuir Síndrome de Down e obesidade. As anotações do prontuário dizem que Ferdinanda é independente nos hábitos de higiene e vida-diária e necessita de reforço em sala de aula para ser trabalhada socialização e algumas noções pedagógicas.

Por fim, apresento Leilóca, moça de 22 anos (2000), e há 11 anos na instituição, residente aqui mesmo em Assis.

Seu registro institucional diz que ela apresenta atraso do desenvolvimento neuromotor e intelectual, como consequência da encéfalopatia anóxica provocada por antecedente de anóxia perinatal com uso de *Gardenal* neste período. Possui comportamentos estereotipados.

Para a produção de um campo de visibilidade que possa proporcionar o efetivo encontro com esses alunos, iniciamos esta cartografia a partir da análise crítica do jogo de forças sociais que engendram esses quadros nosográficos da “Excepcionalidade” produzidos e desenvolvidos pelas práticas institucionais das especialidades Médico-Psico-Pedagógicas, que dão formas a esses corpos.

Nossos parceiros encontram-se, dessa forma, colados aos processos identitários que sustentam as práticas constituintes da “Excepcionalidade”, além de habitarem lugares criados especificamente para seu tratamento/educação, a APAE e as classes de Educação Especial.

Assim, vejamos como se processa o agenciamento dessas linhas de força (o conceito e as práticas: a APAE e as classes de Educação Especial), na história, e como elas se arranjam na institucionalização dessas especialidades, que assumem cada vez mais, a responsabilidade pelo tratamento desses corpos e o desenvolvimento dos conceitos.

2.1- O conceito de Excepcionalidade

Para se entender o conceito de “Excepcionalidade” é necessário que se faça um mapeamento histórico-social de como foi se constituindo, através dos vários discursos assumidos pela ciência, o que se compreende hoje por “Sujeito Excepcional”.

Assim, a formação de um saber específico sobre a “Excepcionalidade” começa e se organiza a partir do século XVIII com a aliança feita entre o Estado Moderno e a Medicina na invenção do que se conhece hoje como a infância.

Com o desenvolvimento das tecnologias de controle e governo das populações, o Estado Moderno cria e refina cada vez mais as técnicas de normatização e disciplinarização dos corpos, até que se realize a aliança entre a política higienista do Estado, a Educação e a família. A partir desta aliança cria-se uma nova construção prático/teórica de um saber/poder específico para o corpo infantil.

A infância passa a ser objeto de intervenção social e científica. É transferida para a família, através do discurso médico, a responsabilidade legal de tutelar e provir ao sujeito a garantia de sua saúde, de sua educação e de sua profissionalização.

Com o desenvolvimento das relações sociais de produção, a família torna-se uma instituição incapaz de assegurar uma educação compatível com o sistema econômico vigente. Toda função da família se modifica devido à necessidade de produção cada vez mais em bases

modernas e com a absorção de toda a tecnologia em prol do desenvolvimento da mesma.

Segundo Jannuzzi,

“certas funções familiares passam a ser institucionalizadas: asilos para idosos, colônias de férias, manicômios, prisões e instituições de ensino, necessárias não só para preparação da nova força de trabalho, mas como forma de acomodação social para reter por mais tempo os que não tem lugar no mercado.”(JANNUZZI, 1996: 114).

A escola, esta instituição responsável pela educação formal, sistemática e científica do sujeito, passa a ser também, consoante França e Salotti, *“... um lugar de moralização dos costumes e disciplinarização do educando, agência de dispositivos especializados que favorecem a instauração de hábitos e comportamentos em harmonia com o modelo social vigente.”*(FRANÇA e SALOTTI, 1997b: 14-15).

É, pois, numa escola fundada sobre essas bases institucionais que tem início a problematização, do conceito de “Excepcionalidade” que hoje se faz presente no discurso médico-psicopedagógico.

É indubitável que seja na escola, em razão de sua prática de avaliação, que o discurso da “Excepcionalidade” se legitime, fortalecendo-se a cada psicodiagnóstico realizado por um profissional da área psi (psicólogos, psiquiatras e psicoterapeutas).

Todo sujeito que, de uma forma ou de outra, por um motivo ou outro, não consegue participar de forma eficiente deste lugar normativo e modelo de desempenho, torna-se sujeito desviante: o aluno excepcional,

que é encaminhado para instituições e formas instituídas de serviços correccionais, terapêuticos e médico-psico-pedagógicos especializados.

Ocorre então, através das construções prático-teóricas da ciência, a patologização desses desvios. Essa diferença-desvio é enquadrada em termos de doença. Somente um corpo de profissionais/cientistas detém o conhecimento necessário – o discurso científico que é transformado em saber/poder específico – para se trabalhar com esses alunos não mais considerados diferentes, mas sujeitos anormais, (crivados pelo saber médico), ou classificados, em termos funcionais, de deficientes.

A prática educacional assim acionada, e com o objetivo de garantir ao “Sujeito Excepcional” a sua inserção social, é fundamentada por esse discurso/tratamento especializado.

Para se entender como vem sendo tratado o problema da deficiência em nossos dias, é necessário que se torne claro o conceito de *norma*¹ e sua implicação no “*princípio de normalização*”, descrito por Lobo (1992), como fundamento de todo trabalho de educação e atendimento especial.

¹França (1999) em seu texto *Diferença e Preconceito: a efetividade da norma*, insere esse conceito na constituição de uma sociedade disciplinar que “*fabrica sujeitos por intermédio de uma tecnologia de poder que toma os indivíduos como objeto e instrumento de seu exercício,*” fazendo da norma “*seu princípio de unidade, a medida que aprecia o que é conforme à regra e o que dela diverge – o que torna possível a comparação e a individualização.*” (FRANÇA, 1999: 207-208).

Segundo a autora: *“O que é a deficiência senão uma característica valorada negativamente em função de uma norma de eficiência que lhe serve de padrão?”* (LOBO, 1992: 113).

É, portanto, na busca de uma trilha que possa explicitar os desencontros e as imprecisões que envolvem o conceito de deficiência e de como esse conceito vem sendo construído historicamente, que se coloca em análise a competência profissional produzida pelas especialidades responsáveis pela determinação desse fenômeno, assim como dos efeitos das generalizações científicas que constituem uma identidade do sujeito deficiente mental.

A deficiência mental, tal como a conhecemos hoje, é criada num momento histórico datado e fundada por práticas sociais específicas, cujos objetivos são o gerenciamento e controle dos corpos para a configuração do sujeito numa estrutura econômica, política, científica e institucional determinante e determinada.

A deficiência mental é inventada no seio de uma sociedade burguesa do início do século XVIII, com a união do Estado Moderno e a Política Higienista. É nesse modo de funcionamento do plano social, embrionário de um sistema capitalista cada vez mais complexo e excludente, estruturado sob a égide de uma alta produtividade e na busca do tipo ideal de homem, capaz de responder de forma eficiente às exigências desta máquina perfeita, que se reorganizam no desvio todos aqueles que, por motivos intrínsecos ou extrínsecos, não correspondem ao modelo vigente.

Para melhor esclarecimento de como se constitui a suposta identidade do deficiente mental, recorro a Foucault (Dreyfus e Rabinow, 1995) e os seus estudos sobre os processos de objetivação e subjetivação do sujeito moderno nas práticas sociais de engendramento dos corpos, realizadas no cerne das atuações profissionais exercidas na sociedade moderna, pelas diversas especialidades criadas nas diferentes áreas de atenção ao indivíduo em particular e a população como um todo.

Dessa forma, as dificuldades de um corpo se afastam cada vez mais do plano das manifestações do modelo ideal humano e adquirem um caráter concreto nos procedimentos de invenção ontológica da deficiência. Processo semelhante podemos observar no que diz respeito ao que hoje temos como sendo a doença, a loucura, fazendo-as aparecerem como objetos de conhecimento.

Em decorrência desses processos de objetivação e subjetivação científica do homem, pode-se observar, na operacionalização dos conceitos de deficiência e de deficiência mental, um modo de produção de subjetividade que forja o sujeito esquadrihado em um sentido *a priori*, quantificado, qualificado e classificado em nome das descobertas/invenções daqueles profissionais que possuem o conhecimento certo, verdadeiro e esclarecido sobre esse objeto. Essa nova forma – deficiência – expressa relações cristalizadas em planos de subjetivação que competem para o estrangulamento da heterogênesidade vivida por esses homens.

Esse processo é produzido e produtor de vários planos discursivos de saber que se solidificam em contornos precisos, inventados e sustentados sobre sólida base científica das várias especialidades, responsáveis diretas pelo desenvolvimento das práticas de tratamento/tutela dos “Sujeitos Excepcionais”.

Na interioridade desses processos de produção de subjetividades, criam-se mecanismos gerenciadores do corpo do deficiente mental fundados na tênue linha divisória entre o tratamento de seu modo de pensar a si próprio, de seu modo de agir, de seu modo de se apresentar e a legitimação da tutela, como forma única de relação possível. Por meio desses mecanismos temos o engendramento de todo um modo de percepção e de conhecimento sobre esse corpo (a deficiência), ligado a uma hierarquia de saberes que se operacionalizam pelos pacotes discursivos das diversas áreas científicas que o objetivam e o assujeitam aos processos de normalização social.

É Lobo quem continua a nos auxiliar no trabalho crítico sobre o conceito de normalização como efeito do *totalitarismo da norma* que norteia todo pensamento e toda prática profissional, que posiciona o sujeito num ideal de homem construído pela norma.

Como exemplo, vemos o corpo do deficiente, seu modo de estar no mundo e de se relacionar, acentuado na diferença-desvio e seu afastamento desse ideal acima descrito, o qual recai sobre ele, de forma contundente.

Com a finalidade de definir um lugar permanente, imutável e conhecido para que o deficiente mental possa habitá-lo e de se poder intervir com melhores tecnologias, esquece-se de experimentar a diferença como heterogênesse do sujeito.

Para a Psicologia, até o presente momento, salvo raras exceções de alguns autores, a “Excepcionalidade” é uma clara e objetiva referência a uma entidade clínica que se atribui a um estado imperfeito da natureza humana, avaliada pelo paradigma da normalidade/eficiência, referência amplamente reconhecida como positivista, evolutiva e racional.

Portanto, é nessa inteligibilidade que se encontram os alicerces da Moderna Sociedade Industrial Capitalista, constituída por um modo de produção da subjetividade que se realiza no interior dos regimes de Saber disseminados pelas técnicas de disciplinarização dos corpos, através das instituições organizadas do plano social agindo sobre a vida, o trabalho e a linguagem.

Dessa forma, a “Excepcionalidade” constitui-se numa conceituação organizada em procedimentos de classificação e generalização, que não considera a diferença como *“... uma pura diferença no mundo dos acontecimentos sempre singulares. Assim, como efeito dos acontecimentos, como qualquer outra característica individual, ‘encontrando’² sua positividade nos sentidos de vida e plenitude, na multiplicidade das formas de existência.”*(LOBO, 1992: 124).

² Grifos meus.

Ela (a Excepcionalidade), referida a um modelo ideal de homem, organiza a concretude dos corpos onde atua por meio de tecnologias de avaliação, exame e registro, traduzindo-os como corpos anormais ou deficientes, inscrevendo o engessamento do sujeito em territórios identitários, os quais não se resumem somente aos conceitos *a priori*, ou aos (pré)conceitos, como querem alguns autores, mas se realizam por meio de competentes e variadas técnicas especializadas de tratamento e intervenção oferecidas aos deficientes, como as classes especiais, as APAEs e outros.

Assim, a Excepcionalidade imprime sobre os traços singulares da diversidade humana o caráter de uma existência desviante e divergente, a qual se expressa e se funde à materialidade dos corpos capturados pelo processo de normalização social, produzindo de forma objetiva a constituição do ser. Ser que agora se encontra assujeitado pela identidade da “Excepcionalidade”, impedido e incapaz, por motivos intrínsecos à sua natureza, amplamente traduzidos e avaliados pelos especialistas e multiplicados pelos encontros diários da instituição.

Constrói-se, assim, uma relação pautada pelos modos especiais de atenção conferidos a “Excepcionalidade”, circunscrevendo, para esses sujeitos tratamentos organizados por procedimentos de correção, reabilitação e competência profissional, em torno das incapacidades e das limitações.

Para a edificação e perpetuação do saber constituído no campo da “Excepcionalidade”, e na configuração dos sujeitos assim

esquadrinhados, as várias especialidades produzem e apropriam-se de todo e qualquer aparato prático/teórico e posicionam-se como representantes das mais avançadas tecnologias científicas, disseminando indistintamente, entre especialistas e leigos, a legitimação dos dispositivos individualizantes, totalizantes e homogeneizantes dos modos de relação do deficiente consigo próprio, com o mundo e com os outros homens.

2.2- As práticas institucionais: aliança do Estado com a Medicina, a Educação e o Direito

Corroborando para o esquadrinhamento da deficiência e a consolidação do conceito de “Excepcionalidade”, pode-se precisar a atuação do Estado Moderno que, aliado a ordem Médica, age como detentor e disparador dos dispositivos de saber e de poder sobre os corpos, na objetivação e no assujeitamento dos mesmos com a intenção de se ter justificado o surgimento das instituições responsáveis pelo tratamento e pela educação especial.

Segundo Costa, “*O Estado moderno, voltado para o desenvolvimento industrial, tinha necessidade de um controle demográfico e político da população adequado àquela finalidade.*” (COSTA, 1983: 51). Porém, para que a *ideologia liberal* do Moderno Estado Burguês não fosse afetada por práticas que se oporiam as liberdades individuais, vários dispositivos institucionais de controle são injetados na “*...reorganização do espaço doméstico em, pelo menos, três linhas: isola a família dos efeitos da promiscuidade social, reconhece o poder educativo da figura materna e*

neutraliza as antigas estruturas de ensino, a disciplina religiosa e o abandono das crianças.” (FRANÇA & SALOTTI, 1997: 64).

É no Estado Moderno que se tem alicerçada a produtividade como regente da vida do sujeito a fim de torná-lo cidadão de direito. Dessa forma temos a cidadania atrelada à produção individual, excluindo do convívio social todos aqueles que não participam de forma eficiente desse processo produtivo: os miseráveis, os ladrões, os doentes, os loucos, os deficientes...

É em nome de uma adequação da instrução formal, sistemática e científica (no sentido positivista do termo “ciência”, ou seja, da neutralidade, controle e generalidade do conhecimento), que se observa no vórtice das forças movimentadas entre o Estado e a ordem Médica, o agenciamento de *“...dispositivos especializados que favorecem a instauração de hábitos e comportamentos em harmonia com o modelo social vigente.”* (FRANÇA & SALOTTI, 1997: 65).

Tais dispositivos são acionados e operados na e para a organização social por meio de instituições responsáveis pela ordenação dos mecanismos de vigilância que assegurem a manutenção e o aprimoramento dos anseios de uma classe social subjetivada na produção de um corpo saudável e perfeito, capaz de alcançar o máximo do desenvolvimento de sua potencialidade natural e inata, bastando que, para isto, o homem seja, desde a “infância”, educado e instruído segundo as necessidades e interesses solicitados em cada fase de sua vida. Vê-se

assim alicerçadas as funções produzidas e produtoras da Instituição Escolar.

A escola, uma instituição por excelência da implantação do Estado Moderno, não foge ao plano da produtividade individual e da eficiência do sujeito ao inserir, em suas práticas, atividades de seriação, avaliação e classificação dos alunos.

Como conseqüência da implementação do ideal da sociedade produtiva, através da compartimentação e da divisão social do trabalho em série, também na escola há a ocorrência simultânea do processo de individualização (por idade) e homogeneização das tarefas, como também das características dos alunos selecionados para executar as mesmas. O aluno passa a fazer parte de uma linha de produção, em que em cada série, há uma tarefa a ser desenvolvida com êxito, dependendo de sua adaptabilidade e de sua eficiência para o cumprimento do objetivo proposto.

Todo esse processo se dá numa sociedade, onde cada vez mais, se busca a individuação, a homogeneização e a produtividade dos corpos e onde se constitui a diferença como deficiência, através das práticas de inclusão/segregação coexistentes na sociedade como organização macropolítica, abrangendo até mesmo as relações de poder que se estabelecem no plano da micropolítica, planos afetivos, emocionais, etc.

O paradoxo da inclusão/segregação é colocado no seio da Moderna sociedade do século XX – com todos os seus avanços científicos

e tecnológicos no campo da biologia, da genética, da química, da psiquiatria médica, da psicologia – pela pedagogia desenvolvimentista que “... exclui de seu interior os efeitos gerados pelo próprio sistema de ensino, qual seja, separar aquele que se encontra incapacitado de se apropriar desse registro.”³ (FRANÇA & SALOTTI, 1994: 13).

Essa prática se faz presente em nosso cotidiano cada vez que reeditamos seu plano discursivo nos pequenos gestos realizados nos procedimentos ofertados ao deficiente, sejam esses atos científicos ou do senso comum. Naturalizamos dessa forma a diferença no campo predeterminado da deficiência. Como “Deficiência”, a diferença é investida de um saber/poder cada vez mais especializado, incisivo no detalhamento das características daqueles indivíduos que se afastam do tipo ideal de homem. Projeto que se realizaria por meio dos planos de humanização outrora oferecidos pelo sistema de ensino comum. Assim, “... se as escolas não bastam para cumprir o projeto de humanização dos indivíduos, criam-se classes e instituições especiais de reeducação.” (FRANÇA & SALOTTI, 1994: 14).

2.2.1- As classes especiais

Machado e Souza (1995) apontam como esse campo determinado da deficiência cristaliza-se nos corpos imersos nesse fluxo de

³ Do aprimoramento humano realizado exclusivamente a partir de sua capacidade intelectual.

práticas específicas, ao apresentarem declarações de alunos e pais de alunos de classes especiais.

“Andreza, de 8 anos dizia: ‘Eu estou na classe especial porque sou idade mental’. (...).

“... O pai de Carlos, um aluno de 15 anos, ficou decepcionado ao saber que depois de 5 anos estudando na classe especial ele poderia ir para uma 2ª série e não para a 6ª série”. (MACHADO & SOUZA, 1995: 40).

Pode-se notar nesses exemplos que os espaços oferecidos a esses corpos apenas lhes servem de contenção, aprisionando e sufocando toda e qualquer manifestação de desejos e afetos diagnosticados como sintomas, em que o sujeito é mais ou menos deficiente à medida que se afasta ou se aproxima do tipo ideal de homem da norma, já que incapacitado de expandir-se para outros campos que não o de sua objetivação e subjetivação deficiente.

Assim, todo o trabalho voltado ao excepcional tem como finalidade a sua adaptação na sociedade. E entendo que, fazer com que ele se molde à vida em comunidade através de uma tentativa de aproximá-lo, o melhor possível, da norma, da normalidade, não permite a sua inserção como participante da história dos enredos do mundo e do homem ou, se participa, é como desvio.

Em sua maioria, é desta forma normativa que são planejadas as atividades a serem desenvolvidas por parte dos alunos e as metas a serem atingidas por eles, segundo critérios bem definidos pelos professores e profissionais das instituições especializadas.

É também na particularidade deste modo de atenção prestada ao deficiente mental, que podemos precisar a criação da APAE de Assis, como uma instituição especial de atenção/tratamento ao deficiente.

2.2.2 – A APAE de Assis

A APAE, Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais, tem sua primeira entidade no Brasil, fundada no dia onze de dezembro de 1954, na cidade do Rio de Janeiro. Após oito anos é fundada a Federação Nacional das APAEs, que segundo seu Estatuto, se apresenta como “... *uma sociedade civil, filantrópica, de caráter cultural, assistencial e educacional, com duração indeterminada congregando, como filiações, as Federações das APAEs e outras instituições análogas, tendo sede e foro em Brasília. Distrito Federal*” (Doc. 4: 001)*, (FRANÇA & SALOTTI, 1994: 20).

Coerente ao discurso científico que visa educar, integrar e socializar o excepcional no sentido de ofertar a ele um espaço que lhe fosse apropriado, funda-se a APAE de Assis, em 18 de março de 1969, por iniciativa do Rotary Club desta mesma cidade.

Segundo França e Salotti (1994), “*Para a criação da APAE, foi necessário todo um movimento que, contrariando a idéia de recluir ou esconder os excepcionais no núcleo familiar, afirmasse a importância ou o*

* Federação Nacional das APAEs. Estatuto da Federação Nacional das APAEs. Brasília, 20 de julho de 1993.

ganho individual do excepcional com uma educação especial." (FRANÇA & SALOTTI, 1994: 47).

A instituição relata, a partir de nossas observações que oferece seus serviços a uma população que não se restringe a cidade de Assis, abrangendo também pequenas cidades vizinhas que não possuem instituições especializadas para o atendimento/tratamento e educação da deficiência mental. A maioria de seus alunos advém de famílias carentes, cujos pais trabalham em serviços braçais ou gerais, com um grau de escolaridade básico.

A APAE funciona na intersecção da instituição especial, com atendimentos clínicos de tratamento, prevenção e diagnóstico, assim como instituição escolar, ofertando àqueles sujeitos alijados do sistema regular de ensino, um espaço especializado de educação.

Porém, o processo de ensino/aprendizagem pelo qual o homem moderno se constrói e aprende a viver em comunidade é organizado nos planos discursivos da Medicina, da Psicologia e da Pedagogia, ou seja, nos conceitos de desenvolvimento, da cognição e do conceito de inteligência. Deste plano instituído de educação, o único lugar possível de humanização do deficiente são as especialidades.

Essa mitificação faz com que as pessoas desvalorizem a experimentação que acontece na relação do sujeito com o mundo e com o outro no espaço institucional, seja na APAE, como nas classes especiais do sistema de ensino, por vezes, aprisionando também a figura do educador neste lugar instituído que se tornou a sala de aula da Educação Especial.

A figura do educador como uma ponte, um facilitador entre o sujeito aprendiz e a cultura, como nos diz Hanna Arendt (1972), dá lugar ao educador que, no modo de operar do mundo contemporâneo, assume o lugar daquele que é o detentor de todo o conhecimento necessário para se viver em sociedade, detentor da cultura, cuja responsabilidade transmitir ao aluno este saber acumulado.

Dessa forma, cristalizam-se os papéis, o que estabelece um modo de relação em que um é o agente ativo: o educador; e o outro, um sujeito passivo: o educando. Observa-se essa cristalização de papéis nas chamadas classes de socialização (ou nas AVDs, atividades de vida diária), onde os alunos são avaliados de acordo com a capacidade que adquirem, com finalidade única e exclusiva de assumirem uma certa adaptação às regras de convívio; uma adaptação treinada e treinável, voltada à realização de sua higiene pessoal, e de tarefas como se vestirem e se alimentarem sem que necessitem da ajuda de outra pessoa.

Os professores e os especialistas parecem esquecer que a socialização pode ser e é muito mais que apenas isso e que ela somente acontece no encontro com o outro, no desafio que cada gesto realizado no mundo nos traz como sendo a conquista do espaço de existência humana.

Já nas classes de alfabetização, o real sentido de se ensinar uma pessoa a ler e a escrever faz com que a palavra oral e escrita seja deixada de lado na relação com o outro, negando-se os “rastros” de uma história que tem início antes mesmo de se entrar na escola. O gesto político é deixado de lado, bem como a escolha de um modo de expressão e

inscrição no mundo, dando lugar a uma preocupação com o tratamento especial e com um modo de relação que busca apenas uma aproximação do modelo ideal de homem, da normalidade. A avaliação do desempenho dos alunos passa pelo crivo da fala e da escrita correta, da fala e da escrita normal e normatizante, da fala e da escrita homogeneizante dos corpos, que tem como objetivo a disciplinarização dos comportamentos desviantes.

É, portanto, através do modelo ideal de homem, construído pelos atributos modernos da produtividade e, alicerçado no tripé da eficiência, competência e inteligência, que todas as relações são moldadas, analisadas e avaliadas segundo os critérios de uma busca incessante do simulacro: o Homem da Modernidade.

Assim tem-se, de um lado, essa efígie de Homem e sua produtividade, eficiência, competência e inteligência, e de outro, o deficiente, o louco, o doente, o marginal e uma recusa de uma certa funcionalidade, racionalidade, ou utilidade, muitas vezes percebida como ociosidade exacerbada de um tempo passivo de contemplação do mundo, de um olhar parado em uma única flor amarela, em um espaço qualquer, na inutilidade de um gesto ou de um passeio sem fim. Tais questionamentos continuam fazendo ecos em nós, na subversão do pensamento naturalizado e já domesticado desde crianças, quando nos (re)apresentam o inusitado e o singelo.

Ora, se bem aceita-se a atribuição de animais racionais e livres de ser racionais, dever-se-ia assumir por completo o pensamento e, também por completo, aceitar-se a sua contaminação e transversalidade

por tudo e por todos. Assim, já não podemos mais aceitar a busca de um conceito de "Excepcionalidade" na definição daquilo que não é normal, ou na revelação de alguma manifestação de um "estado" imperfeito da natureza, ou ainda, naquilo que se vira e se opõe ao Homem.

Ao contrário, deve-se iniciar este trabalho a partir da (re)invenção da Psicologia em toda a sua amplitude prático/teórica, como também das diferenças em toda a sua significação, ou seja, na virtualidade do mundo e do homem em advir outro, sempre.

3- TERCEIRA CARTOGRAFIA: EXERCITANDO LINHAS CARTOGRÁFICAS

3.1- *A desnaturalização dos conceitos e das práticas*

Auxiliando-nos no exercício da (re)invenção da Psicologia, Kastrup (2000), nos apresenta a idéia da produção de novos intercessores, a serem buscados, no entrelaçamento entre a própria psicologia e os conhecimentos advindos das ciências humanas e sociais, como a sociologia, a antropologia e a lingüística.

Estes conhecimentos, figurando como intercessores, devem forçar o pensamento na problematização da psicologia como uma ciência que se quer pura, abrindo “... *os caminhos através de experimentações conceituais e práticas, que exigem grande atenção, trabalho e disposição para correr riscos.*” (KASTRUP, 2000: 19).

Como sua principal característica, a (re)invenção da psicologia deve acontecer no *plano rizomático* descrito por Deleuze e Guattari a partir do *Mil Platôs*, como um plano “*composto de linhas e não de pontos*”, onde todas elas se conectam, “*ou podem conectar-se sem obedecer as relações de hierarquias ou subordinação.*” (KASTRUP, 2000: 20).

Dessa forma, *fazer psicologia* é arriscar-se em um trabalho que tem como característica a utilização dos *princípios de conexão, de heterogeneidade, de multiplicidade e de ruptura a-significante*, descritos por Deleuze e Guattari ao dizerem que, nos dois primeiros princípios,

“... Princípios de conexão e de heterogeneidade: qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo. (...). Um rizoma não cessaria de conectar cadeias semióticas, organização de poder, ocorrências que remetem às artes, às ciências, às lutas sociais. (...).” (DELEUZE & GUATTARI, 2000: 15).

Já no *“Princípio de multiplicidade, (elas), as multiplicidades se definem pelo fora: pela linha abstrata, linha de fuga ou de desterritorialização segundo a qual elas mudam de natureza ao se conectarem às outras.” (DELEUZE & GUATTARI, 2000: 17).* E por fim, no *“Princípio de ruptura a-significante (...). Há ruptura no rizoma, cada vez que linhas segmentares explodem numa linha de fuga, mas a linha de fuga faz parte do rizoma. Estas linhas não param de se remeter umas às outras.” (DELEUZE & GUATTARI, 2000: 18).*

O entrelaçamento do problema da produção da psicologia com a produção da subjetividade necessita de vetores heterogêneos que vão desde as novas tecnologias do mundo contemporâneo, representada pela informática e seus efeitos até as disciplinas que outrora nos serviram, e ainda nos servem de interlocução de conhecimento, a história, a economia, a arqueologia, a arte, a literatura, etc. A fim de, efetivamente, conhecer e habitar as diversas formas que este mundo nos oferta, entre elas as excepcionalidades.

É, portanto, com o intuito de confrontar esse pensamento e essas práticas que se constroem, se constituem e se legitimam pelo discurso de uma ciência positivista, que se justifica a (re)invenção de modos de relação pedagógica e de cuidado/amizade que oferte ao portador

de deficiência a oportunidade de se apropriar, ele mesmo, de sua narrativa histórica no mundo, ao qual temos direito, com toda a sua multiplicidade, heterogeneidade e singularidade.

Essa (re)invenção se realiza ao se problematizar campos já alicerçados, mas também de modo a favorecer a implementação de transformações nos mesmos e a produção de outras bases, quando necessárias. Neste caso, o Acompanhamento Terapêutico não substitui a APAE ou a sala de aula como lugar destinado à produção de conhecimento e de modos de estar no mundo; porém, promove outras ofertas à circulação de afetos, a fim de repor para o sujeito a (re)invenção de si mesmo no mundo, participando e pertencendo aos enredos históricos nele gerados.

As marcas que diferenciam os corpos, são marcas capazes de imprimir singularidades tanto no processo de uma constituição subjetiva, quanto no processo de ensino-aprendizagem, mas não são justificativas para as limitações de ofertas e oportunidades da participação do sujeito excepcional no mundo, espaço de desdobramentos e de produção de multiplicidades, onde as excepcionalidades se encontram e se (re)inventam no diálogo realizado com os novos intercessores.

Ao contrário do princípio básico norteador de toda prática, de ensino-aprendizagem, da qual nos acostumamos a obter o conhecimento prévio e o preparo para acolher determinados conteúdos linear e gradualmente condicionados, Rolnik (1997) nos presenteia com uma nova

possibilidade de pensarmos a Educação e o processo de ensino-aprendizagem ao nos dizer que

“O pensamento, desta perspectiva, não é fruto da vontade de um sujeito já dado que quer conhecer um objeto já dado, descobrir sua verdade, ou adquirir o saber onde jaz essa verdade; o pensamento é fruto da violência de uma diferença posta em circuito, e é através do que ela cria que nascem tanto verdades quanto sujeitos e objetos.” (ROLNIK, 1997: 244).

Fortalecidos com o pensamento de *Nietzsche* (1993) acerca desse processo, encontramos o sujeito apropriando-se da participação dos enredos e dos artefatos humanos, no exercício da composição de modos de ser no mundo, que os inscrevem como sujeitos autônomos, fortes e capazes de agirem de forma ética, estética e política.

E onde está o deficiente mental nesse processo?

Ele está na diferenciação, ele é a expressão de uma diferença que violenta o pensamento, que é capaz de aprender e de ensinar. Capaz também de experimentar esse processo e deixar-se marcar por outras formas de subjetivação presentes no mundo, assumindo a construção de uma subjetividade singular capaz de vivenciar os devires que possam tomar forma em sua existência.

Quando pensamos nas marcas e na disponibilidade para deixar-se afetar por elas, recordamo-nos de nossos trabalhos clínicos com esses jovens e da sua capacidade de inventarem a si mesmos através de sua memória afetiva.

Uma memória que não se constrói apenas com simples repetição de conteúdos, assimilações de tarefas, condicionamentos de comportamentos, mas que se exercita nos passeios e nos encontros realizados dentro e fora das instituições, na vivência experimentada no corpo e na correspondência partilhada com o meio.

Por isso, é preciso não ser ingênuo a ponto de querer deixar a escola de lado para que se crie uma proposta educativa livre e libertadora; ao contrário, é por saber que existe na escola espaço para a (re)invenção de saberes e práticas pedagógicas formais, capazes de fazer com que o próprio sujeito se aproprie de sua narrativa histórica, que se faz necessária a sua participação nas várias conexões realizadas entre o sujeito e o mundo dos homens.

Vejamos como a instituição percebe e trata a memória, ao exercer sobre os sujeitos que dela participam, uma força que se encontra “suspensa” no regime de enunciação (saber) sobre a “Excepcionalidade”, engendrado nas práticas institucionais.

3.1.1- Uma história da instituição: uma prática em uso

Em meados do mês de setembro de 2000, vivenciei junto a esse grupo de trabalho na APAE de Assis, uma radical transformação do quadro de alunos ali matriculados em função da inauguração de uma nova unidade da instituição na pequena e vizinha cidade de Cândido Mota. Até o presente momento, mesmo com a imanência da inauguração dessa

unidade, o clima vivido pelos alunos que vinham para o atendimento em Assis era de curiosidade. Sabiam que em sua cidade teria a mesma APAE da qual faziam parte, mas, quando seria terminada sua construção e exatamente quando se daria a sua inauguração, ainda era uma incógnita, tanto para esses alunos como para os professores, funcionários e diretores de ambas as unidades.

Dessa forma, quando inaugurada, mesmo que ainda não terminada sua construção – uma sala de aula foi improvisada como refeitório, a merenda vinha da prefeitura e outra parte era complementada ali mesmo, com as professoras fazendo também o trabalho de merendeiras. O pátio era somente uma área forrada com pedras afim de facilitar o acesso dos automóveis e de não formar barro quando chovesse. Nas salas haviam condições básicas para o atendimento de um número maior de alunos que já freqüentavam a instituição em formação – não haveria mais a necessidade de os alunos moradores em Cândido Mota virem para Assis, sendo estes transferidos tão logo fosse possível a concretização do novo arranjo burocrático, ficando em segundo plano, todo processo de desligamento, despedida e nova constituição de um espaço que ainda não se configurava (da forma como conheciam e concebiam) como uma nova instituição.

Com essa inauguração, houve também a ampliação do atendimento escolar e institucional ao deficiente mental nessa região, o que nos trouxe algumas questões que nos possibilitaram a visualização da

institucionalização do sujeito, seu processo de assujeitamento e dos pontos fortes das amarras institucionais que forjam os corpos daqueles que participam de seu cotidiano.

Por meio dessa experiência podemos, então, visualizar a emersão do “Sujeito Excepcional”, que se encontra mergulhado nas práticas organizadas em especialidades de atenção às particularidades criadas e naturalizadas sobre as bases científicas da observação, exame, controle e correção. O impedimento institucional dos alunos vivenciarem suas transferências de modo a experimentarem todo o processo de mudança, os sentimentos de euforia, saudade, desconfiança com o novo, foi interpretado como um comportamento de recusa à mudança, lentidão em compreender, explicitando e sustentando a visão institucional da deficiência mental.

A essa forma de relação que se estabelece entre os sujeitos e as redes instituídas de um saber-poder se sustentam várias práticas discursivas descritas por Foucault como conjuntos técnicos, instituições, esquemas de comportamento, tipos de transmissão e difusão, formas pedagógicas reunindo diversas disciplinas ou ciências no que se convencionou chamar de “Excepcionalidade”. Tais disciplinas ou ciências são ligadas pelo modo como se organizam, e não pelo simples resultado, através das práticas especializadas que se comportam, ao mesmo tempo, como instrumento e efeito da formação do objeto “corpo excepcional”

Para a formação e a manutenção desse corpo, busca-se, pelas diversas especialidades científicas, a fundamentação de suas ações e intervenções, pautadas na tecnologia disciplinar descrita também por Foucault, e comentada por Dreyfus e Rabinow (1995), como sendo uma operação individual e detalhada sobre os corpos, na fabricação de indivíduos, de modo que, *“...Ela o faz não os despedaçando ou repreendendo, mas por procedimentos ‘humildes’ de treinamento e distribuição.”*(DREYFUS & RABINOW, 1995: 173).

Desse modo, ao vivenciar o processo de transferência dos alunos da APAE de Assis, para a unidade recém inaugurada na cidade de Cândido Mota, nos foi possível cartografar a força disciplinar que se encontra atuante, através de medidas intervencionistas, no campo da Excepcionalidade e de seu tratamento. Seriam elas: a busca do aperfeiçoamento de saberes e técnicas que têm por objetivo o trato desse corpo construído na concretude das formulações teóricas objetivantes desse fenômeno; a busca do controle dos espaços a serem ocupados por esses sujeitos através da disciplinarização, da supervisão e do controle da diversidade e casuais adversidades que a diferença, posta em termos de desvio e divergência, pode imprimir no campo social.

Gostaríamos de explicitar o desconforto trazido por essa mudança realizada no paradoxo dos interesses entre o tratamento e a tutela da instituição em relação aos seus alunos, relatando este

acontecimento capaz de ilustrar mais claramente quais os modos de funcionamento de uma instituição organizada nesses moldes.

Todo o processo de transferência, desde o desligamento, a despedida, a adaptação até o re-ligamento do aluno de uma instituição para outra foi composto por imperativos institucionais, os quais tentaram romper abruptamente com a rede de conexões históricas tecida entre amigos, colegas, professores e profissionais dessa instituição.

Dessa forma, na análise da produção do discurso marcado pela falta de impressões de registros que possam garantir a lembrança e a narrativa histórica dos participantes do cotidiano instituído, podemos observar que freqüentemente o trabalho institucional imprime, a todos que dele participam – não excluindo aqui os seus funcionários, diretores e outros profissionais –, a vivência de um cotidiano sem rosto e impessoal.

Para a instituição, apesar do longo tempo de vivência desses alunos nesse ambiente, e de todo o exercício de experimentação realizado com os profissionais que ali trabalham, a mudança de instituição não foi objeto de diálogo. Talvez, para os atores da instituição, o tempo vivido pelos alunos naquele espaço não produziu marcas.

A lembrança, a saudade e a amizade talvez fossem experimentações demasiadamente humanas para esses alunos, considerados e entendidos tão somente a partir de suas diferenças intrínsecas e valorados sobre as bases da moral da função normativa.

Ecléia Bosi, em sua obra *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos* (1994), mostra como o fenômeno da memória e seus vários segmentos vão sendo engolfados por uma narrativa instituída pelo saber oficial. Essa ação institucional de solapar as impressões de marcas que possam garantir a lembrança, a narrativa e a expressão de vida, intensifica o que a autora denomina de uma memória-hábito que privilegia a lembrança somente “*adquirida pelo esforço de atenção e pela repetição dos gestos ou palavras*”, num acontecimento que se volta apenas “*para os conhecimentos úteis ao trabalho social.*” (BOSI, 1994: 49).

Dessa forma, o papel primeiro da instituição é dar sustentabilidade a uma terapêutica de exercícios condicionados ao treinamento e à aquisição de comportamentos dados como úteis ao excepcional e sua vivência social, ou seja, da memória-hábito, acima descrita, difundindo em todos os indivíduos essa institucionalização da memória, em detrimento da edificação da memória como imagem-lembrança, realizada na construção histórica do sujeito através de sua narrativa de vida e na “*consciência de um momento único, singular, não repetido, irreversível da vida*” (BOSI, 1994: 49).

Como exemplo, tomaremos o relato de Paçoca no último dia em que viria a Assis, dada a sua transferência para a cidade de Cândido Mota. Paçoca, no dia de sua saída, foi encaminhado por sua professora e por seus amigos a fim de ter uma conversa comigo, na tentativa de amparo

diante da decisão irrevogável da mudança. Nesse dia, ele apenas me diz que aquela seria a última semana em que viria para Assis.

Paçoca também não sabe muito bem o que vai lhe acontecer e sente algo parecido com aquilo que sentiu na ocasião do falecimento de sua irmã. Ele fala que ela era muito boa e que fazia bolo, costurava roupas, e o visitava na casa de sua mãe, com quem mora, além de tantas outras qualidades que se mostravam pelos seus gestos realizados no mundo.

A forma como Paçoca vai me apresentando sua irmã vai se confundindo com a forma como conta a sua passagem pela escola, os professores com quem passou seus 13 anos de instituição e sua aprendizagem através desses encontros.

Realmente, ele é muito querido pelos professores e seus dons para a horticultura se destacam, apresentando-se como exemplo para os demais alunos.

A sua lembrança pode ser equiparada à de Scoob que, em vários de nossos encontros, contava da possibilidade de viver na escola um aprendizado profissional que acontecia desde a sua chegada na instituição, onde poderia ainda desenvolver a função de jardineiro.

A importância da escola na vida desses alunos deve ultrapassar as críticas fáceis vividas pelos seus profissionais, diretores e professores; porém, não deve deixar de ser problematizada pela forma como constitui os corpos/objetos de seu saber instituído pelas práticas de normatização e controle.

Assim, a criação de um campo de visibilidade das relações institucionais de normalização e controle, habitualmente apresentadas *a priori*, naturalizadas e eternizadas nos diversos momentos da história dessa instituição, deve passar pelo estudo dos modos como as práticas especializadas se organizam na confecção do corpo/objeto “Excepcionalidade”, que, a lógica das totalidades, se auto-delegam um suposto saber/poder legitimado pelo estatuto científico realizado pelos diversos métodos que se apoiam num plano discursivo já dado, na atualidade histórica.

Acreditamos que esse seja um trabalho capaz de promover o encontro com as virtualidades do mundo e do homem, de sua potência criadora de novas formas, confeccionando um campo legitimado de convívio para além da incapacidade, da animalidade, da imprevisibilidade de comportamentos agressivos e de outras tantas definições e prognósticos inventados e postos em uso pelo discurso científico. Essa presença e pertença ao mundo somente acontecerá no encontro com a diferenciação constante do homem e do mundo, no ínterim da partilha vivenciada na composição dos artefatos humanos expressos na produção da cidade.

3.2- Dispositivos de análise em análise: o Acompanhamento Terapêutico¹ e o Grupo

Diante dos diagramas apresentados, fica a indagação de como orientar nossa relação com o deficiente mental? Como ofertar modos de relação aos profissionais responsáveis pelo seu atendimento que atualizam diferenciações?

Através das práticas clínicas percebemos que a técnica do AT fornece pistas importantes para o entendimento da deficiência como diferença. Esta prática se processa como experimentação e invenção de produção de sentido para a subjetividade cristalizada na definição da identidade, ou da deficiência ou do especialista, movendo as fronteiras que escondem e protegem o já estabelecido, para aventurar-se em conhecer e habitar o desconhecido, ou tornar desconhecido o conhecido.

Dessa forma, o AT não se opera enquanto técnica, aprisionado às especialidades psi, como também o grupo não possui em si valores positivos ou negativos, é uma prática que facilita-nos o contato com processos de diferenciação e transporta-nos a um território movediço, onde podemos experimentar nossas percepções, sensações e sentidos. Por si só, o AT não consegue retirar da diferença todo o peso negativo e o

¹ Devido a existência de várias obras sobre o trabalho de Acompanhamento Terapêutico não nos deteremos no relato minucioso de sua história, podendo o leitor encontrar várias referências dessas obras ao final desta dissertação. Ressaltamos, ainda, que usaremos a abreviação AT para nos referir a essa prática.

estigma veiculado e justificado pela norma, apenas promove um tempo de reflexão e embate entre o que já existe e o que há de vir.

Esse trabalho de reflexão e embate promovido na realização do AT, não se reduz a um conjunto de práticas específicas e dominadas por áreas de conhecimento estabelecidas *a priori*, é antes um trabalho de partilha de um espaço e de um tempo comum onde acompanhante e acompanhado podem experimentar juntos a produção de um pensamento enunciativo que a complexidade das relações vividas na cidade exige.

De acordo com França e Salotti (1997a), essa modalidade de prática terapêutica possibilita a inscrição de uma concepção dinâmica de atendimento que, ao mesmo tempo em que afirma a presença do excepcional na realidade sócio-política da cidade, proporciona-lhe um lugar transitório de trabalhos sobre os regimes de enunciado e de suporte para descobertas de outros campos de relação. Outras ofertas.

O AT e os passeios na cidade permitem, aos parceiros desta pesquisa, experimentar a pertença ao mundo e a presença entre os homens, partilhando de seus enredos na cidade e em tudo o que o homem produz, na busca sempre de sua dimensão ética e política na construção do cotidiano.

Junto a experimentação da diferença posta em circuito na cidade através dos passeios realizados nos ATs, também acreditamos ser o Grupo um dispositivo, uma prática social, cuja finalidade é a construção de campos de subjetivação outros, que não os institucionalizados pelas

especialidades, promovendo fissuras nos processos identitários que organizam os modos de relação, de ser e estar no mundo para os excepcionais.

Segundo Barros (1996) há algumas constantes possíveis de serem encontradas nos trabalhos de autores que buscam definir o grupo, caracterizando-o como um intermediário entre o indivíduo e a sociedade; como um todo; uma estrutura, uma unidade, objeto de investigação. O que se observa em qualquer uma dessas definições, é o plano de subjetivação, *“...presente desde pelo menos o século XVIII, quando ganha força ‘O indivíduo’ como dominância de expressão da subjetividade”*. (BARROS, 1996: 98).

Quando trabalhamos em grupo e colocamos n’O Grupo sistemas hierarquizados de conhecimento, pré-estabelecemos formas de enunciação que se supõem polarizados, tendo de um lado um *ser-substância-cognoscente* e de outro, um *ser-conteúdo-a-ser-conhecido*.

Dessa forma, pensar num grupo dispositivo é trabalhar o pensamento no descentramento de seu lugar de objeto, *“...tomado pelo emaranhado de linhas das muitas histórias que nele se cruzam, pelos regimes de enunciação e visibilidade que o sustentam, o grupo é um dispositivo conectado não mais a unidades/totalidades, mas a processualidades”*. (BARROS, 1996: 100).

Fazer do grupo e do AT dispositivos significa experimentar territórios que se constituem, se desmancham e que voltam a se

(re)inventarem no fluxo das linhas de forças que levam a todos e a cada um. Produtos e produtores do encontro, a estarem em constante produção da multiplicidade e da provisoriedade.

Assim, trabalhar essas práticas com os parceiros desta pesquisa remete a experimentação de planos movediços, onde as linhas de invenção de modos de existir estabelecem conexões, não apenas entre pessoas diferentes, mas também entre modos de existencializações diferentes, processados nas excepcionalidades dos sujeitos. O outro, se apresenta como possibilidade aberta a arranjos existenciais, que atualizam tendências para o vir-a-ser de nós mesmos e do mundo, essa potência humana de advir-outro-sempre.

Enfim,

“o que caracteriza um dispositivo é sua capacidade de irrupção naquilo que se encontra bloqueado de criar, é seu teor de liberdade em se desfazer dos códigos que procuram explicar dando a tudo o mesmo sentido. O dispositivo tensiona, movimenta, desloca para outro lugar, provoca outros agenciamentos”. (BARROS, 1996: 104).

3.3- A cidade

A escolha da cidade como condição de trabalho para a realização do AT, nos remete ao que Hanna Arendt (1972), fala sobre o mundo como artefato humano, um mundo histórico das obras humanas onde eles se inscrevem a partir das significações de seus atos e palavras na esfera pública das relações com o outro.

Produções que se conectam e se constroem numa relação dos homens com o espaço urbano, com toda a sua multiplicidade e criatividade de (re)significações. Assim, a cidade passa a ser o espaço da heterogeneidade humana, o lugar onde estão seus rastros, pegadas e marcas de tudo aquilo que o homem cria, na constante (re)invenção de si mesmo.

Pelbart, ao utilizar-se da obra de Luís Aragon, *O camponês de Paris*, nos apresenta a cidade como um desejo que habita o homem, ao mesmo tempo em que este habita uma cidade real. Tal desejo se coloca na busca de um meio, um lugar que lhe pertença e ofereça “...suas qualidades, suas substâncias, suas potências, seus acontecimentos”. (PELBART, 2000: 44)

É portanto, no encontro com a cidade que acompanhante e acompanhado experimentam a cultura, suas manifestações populares, suas histórias, seus sonhos, seus acasos, e onde se produz as diferenças, num desafio que nos move a sondar

“que tipo de meio uma cidade ainda pode vir a ser, que afetos ela favorece ou bloqueia, que trajetórias ela produz ou captura, que devires ela libera ou sufoca, que forças ela aglutina ou esparze, que acontecimentos ela engendra, que potências frezem nela e à espera de quais novos agenciamentos”. (PELBART, 2000: 45)

Guattari, nos colocará frente às exigências deste desafio, a restauração de uma “Cidade Subjetiva”, como lugar de engajamento

“... tanto dos níveis mais singulares da pessoa quanto nos níveis mais coletivos. (...) re-singularizando as finalidades da atividade humana (...) para aceder as verdadeiras errâncias

do desejo, às quais as desterritorializações técnico-científicas, urbanas, estéticas, maquínicas de todas as formas, (presentes na cidade) nos incitam”. (GUATTARI, 1992: 170).

Desse modo, a cidade além de possuir a indeterminação como característica imanente, é também condição inventiva de produção das novas formas que o homem deve realizar (e realiza) na construção da cidade como potência que se movimenta em busca do aspecto sensível das coisas. Assim, realizamos o encontro com a cidade, nos aproximando das coisas mais humildes e contingentes que ela nos oferece, como espaços a serem transformados em *“um aproximar-se das coisas com discrição e cautela, respeitando o que as coisas comunicam sem o recurso das palavras*”. (PEIXOTO, 1992: 315).

A cidade, assim produz o destino da humanidade numa relação direta e também inversa, através de suas promoções de encontros, *“assim como suas segregações, a formação de suas elites, o futuro da inovação social, da criação em todos os domínios*”. (GUATTARI, 1992: 173).

Em concordância ao que Pelbart, nos traz quando propõe que: *“perder-se na cidade, perder as referências, perder-se a si mesmo, eis o que o pensamento deveria poder aprender*”. (PELBART, 2000: 43). Nos movimentamos pela cidade na resistência sempre, à totalização, realizando o difícil e constante embate do já dado, no combate ao usual das formas, na busca de brechas já existentes e fissuras, a se fazerem, na experimentação de novas formas das excepcionalidades.

4- QUARTA CARTOGRAFIA: OS PARCEIROS; ESBOÇANDO SILHUETAS NA CONSTRUÇÃO DE UM COTIDIANO

Antes de dar início a apresentação dos cinco alunos que mostram que no mundo das produções humanas, as excepcionalidades são expressões singulares da diversidade de formas de existir, gostaríamos de deixar claro ao leitor, se já não o fizemos até o momento, que os relatos que se seguem não atendem a uma linearidade de fatos, nem mesmo a uma evolução de comportamentos que esses alunos deveriam obter ao fim do trabalho de Acompanhamento Terapêutico juntamente com a experiência em grupo.

Se os dados são organizados de modo que dão a impressão de uma evolução de fatos, um crescente envolvimento, isso se explica por estarem sendo apresentados em sua forma última, após terem sido exaustivamente escritos e (re)escritos, lidos e (re)lidos, estudados e (re)estudados num trabalho que possa ser apresentado como um convite ao leitor, para que este sinta-se à vontade em acompanhar-nos em nossos passeios pela cidade, em nossos encontros em grupo, descobrindo, assim como nós, que a “Excepcionalidade” tal qual a conhecemos, pouco reflete (ou nada se parece) a real existência de nossos parceiros.

Ferdinanda

Apresentamos, Ferdinanda, moça de 27 anos, reside num sítio em Tarumã, pequena cidade próxima a Assis, com seus pais e é a

caçula de quatro irmãos. Com ela, realizamos 11 ATs durante o ano de 2000, todas as segundas-feiras à tarde, além de ter contado com a sua participação em 10 encontros em grupo.

Já no ano de 2001, até o término do primeiro semestre, temos a soma de 5 ATs realizados, além dos 5 encontros em grupo, com o diferencial de, atualmente, sairmos às segundas-feiras pela manhã e realizarmos os encontros em grupo às quartas-feiras, também neste período. Ferdinanda: freqüenta a instituição há 3 anos.

Ferdinanda é morena, baixinha e roliça, seus traços fisionômicos nos lembram o semblante de uma índia. Os olhos negros e oblíquos e sua pele morena reforçam tal semelhança, quando somados à franja reta e ao restante do cabelo cortado por igual, caracterizando-a como mais índia do que nunca.

Os passos lentos de Ferdinanda, algumas vezes me convidam para uma pausa na correria dos afazeres que se iniciam na segunda-feira, permitindo-me viver as preguiçosas tardes de domingo, experimentadas através de um passeio realizado sem a menor pressa de chegar.

Nesses passeios, Ferdinanda parece mesmo não querer chegar a lugar algum, aparentemente anda sem rumo, e constantemente, quase sem nenhum rumor ou qualquer início de uma conversa que se estenda além dos seus apontamentos, ora mostrando-me para onde devo acompanhá-la, ora realizando alguma de suas intervenções ao me chamar

a atenção para que fiquemos na calçada evitando andar no meio fio, ora puxando-me pelo braço a fim de proteger-me de um cão pouco simpático encontrado por acaso no caminho.

Nossos passeios recebem pouca interferência de outras pessoas, devido à escolha de Ferdinanda em caminharmos pelas ruas pouco movimentadas da Vila Cláudia, bairro tipicamente residencial da periferia assisense.

o primeiro encontro a gente nunca esquece

Busco Ferdinanda em sua sala e convido-a para sair. Espera que a professora lhe dê permissão e só então responde ao meu convite levantando-se da cadeira, vindo ao meu encontro.

Ao sairmos da sala, Ferdinanda segura minha mão de um jeito que não mudaria ao longo de todos os encontros realizados dali para frente.

Não conheço muito bem a rotina de Ferdinanda e pergunto se ela gostaria de sair de ônibus, responde que não e aponta com apenas um gesto de cabeça, a direção para onde deveríamos nos dirigir.

Segurando minha mão, guia-me com passos lentos, executados de um jeito cuidadoso, dando-me a impressão de que pode cair a qualquer momento, independente de um tropeço, ou de um pisar em falso. Parece não se incomodar com o calor da tarde e aos poucos vai me mostrando como age e como interage com o mundo, num silêncio que

aguça ainda mais minha curiosidade em saber quem é ela, o que pensa enquanto caminhamos, porque me leva pela mão?

Apesar de saber que o trabalho do acompanhante terapêutico se faz através da narrativa histórica compartilhada no encontro e na vivência de um tempo comum entre acompanhado e acompanhante a idéia de sair com Ferdinanda deixa-me ansioso, pois não consigo ter uma conversa solta com ela, às vezes quando fala, (fato raro em nossos encontros!), é difícil de entender o que diz e mesmo que eu peça para que repita, continua andando sem nem ao menos voltar-se para mim.

Raras vezes encontrava seu olhar a mim dirigido; olha para frente e sempre preocupada em caminhar na calçada, me traz a tiracolo, não demonstrando forma alguma de interesse pelo que eu dizia.

Enquanto estas questões ocupam meus pensamentos, ela aponta a direção por onde deveríamos caminhar, damos duas voltas no quarteirão da escola e quando eu penso que podia me conformar com a repetição daquele passeio no transcorrer de todo o tempo que tínhamos para o AT, Ferdinanda, inesperadamente, me leva para passear por outra rua, aos poucos vamos ganhando um novo espaço de circulação sem que Ferdinanda apresente ou verbalize qualquer interesse específico que justifique a mudança de percurso que me chamava a atenção pelo fato de nos distanciarmos cada vez mais da instituição.

Confesso que fiquei apreensivo com essa decisão de Ferdinanda, afinal eu não conhecia muito bem aquele bairro e preocupava-

me “às intenções” de Ferdinanda, pois, eu não sabia quais eram, ela não me falara nada e, para evitar qualquer constrangimento, apeguei-me à justificativa que tínhamos um horário para retornar à instituição e, a qualquer momento, eu poderia utilizar-me desse forte argumento para por fim às minhas preocupações, afinal Ferdinanda levava-me pela mão sem nenhuma explicação, e eu era o seu responsável.

Nesse momento exercitara com Ferdinanda uma relação de tutela/tratamento que eu não gostaria de vivenciá-la novamente em nossas saídas, muito menos nos passeios realizados com os outros alunos.

Essas vivências devem ser problematizadas em todo momento que uma situação exija de nossa parte uma decisão, um posicionamento frente a vivência do imprevisível, visto a facilidade de ocupar o espaço deixado pela psicologia com todos os seus atributos, assim como a facilidade em aprisionar a espontaneidade de Ferdinanda no espaço configurado pela “Excepcionalidade” e em todo saber legitimado na forma como se veicula nos modos de tratamento especializados.

Descemos por uma rua não muito movimentada, até nos afastarmos uns cinco quarteirões da escola, e Ferdinanda, cada vez mais dá a impressão de estar ansiosa ou cansada, apesar de não conseguir distinguir nela nenhum desses estados, talvez porque, eu estivesse cansado e um pouco apreensivo com seu jeito solitário de ganhar as ruas, é

visível que sua respiração tornara-se ofegante e com um semblante cismado aponta sempre para frente, numa linha reta, como quem já não quer mais andar muito, porém obstinada em chegar o mais rápido possível. Penso que Ferdinanda havia se dado conta do distanciamento que tínhamos tomado da instituição e não sabendo mais qual o caminho a seguir, sentia-se ansiosa e essa ansiedade era sensível na forma ofegante como respirava.

Diante dessa ansiedade, digo a ela que se quisesse poderíamos voltar para a escola e, pela primeira vez sinto que seus olhos repousam sobre mim, ela abre um sorriso e aceita minha proposta sem pronunciar uma única palavra, apenas dá meia volta, posiciona-me do seu lado, agora de braços dados, e começa a caminhar de volta.

Ferdinanda surpreendentemente começa a falar consigo mesma perguntando-se, em voz alta, aonde ela estava indo. Fala como se estivesse repreendendo-se, porém mesmo perguntando-se a si mesma aonde estava indo, tenho a impressão de ser uma outra pessoa, talvez sua mãe, ou alguém que já tenha passeado com ela e tenha feito a mesma pergunta. Assim, aproveitando a deixa de Ferdinanda encarno a personagem trazida por ela e lhe pergunto com o mesmo tom de inquérito:

– Aonde você está indo Ferdinanda? O que você está fazendo?

E, com um sorriso aberto, me responde que vai ver a Biba, sua professora de Expressão Corporal.

no meio do caminho, o caminho e um cachorro

Ferdinanda tem como tarefa, além de outras atividades desenvolvidas na sala de aula, o corte de espumas. Era essa a atividade que estava, novamente, sendo desenvolvida até nos encontrarmos para uma nova saída.

Já sabendo da pouca prosa de Ferdinanda, inicio uma conversa perguntando-lhe o que iriam fazer com tanta espuma naquela sala e ela me responde apenas:

– Almofadas!

Sim, uma resposta precisa, porém minha intenção era sensibilizá-la para um diálogo que pudesse revelar qual o seu interesse nessa atividade, ou ainda, qual o seu grau de implicação numa atividade desenvolvida pela sala, cujo objetivo comum era: fazer as almofadas. Assim, não me resta outra alternativa a não ser perguntar-lhe para quem seriam as almofadas:

Silêncio. Ignora minha presença e, deixando-me de lado, retorna ao corte das espumas.

Ferdinanda continuará indiferente a minha presença até que Eugênia, sua professora, mais uma vez lhe dê permissão para sair e só então levanta-se com um sorriso maroto conduzindo-me para fora.

Leva-me pelas ruas pouco movimentadas e “a passos de tartaruga”, juntos vamos ganhando as ruas por onde normalmente andamos. Por eu ainda não saber qual o motivo que leva Ferdinanda a

insistir nesse trajeto, fico imaginando que talvez esse seja o percurso que o seu ônibus faça quando vem para escola. Porém, curioso para saber onde vamos e a espera de uma justificativa que me esclarecesse o porquê de sua escolha por essas ruas, pergunto a ela se quer ir em algum lugar especial, mas Ferdinanda nada me responde, apenas me guia de mãos dadas e com a ponta de seu indicador direito para a frente.

Como acompanhante terapêutico, não há necessidade desse esclarecimento por parte dela, como também, não há necessidade de “objetivarmos” passeios, pois, não se trata apenas de realizarmos exercícios de ocupação das ruas da cidade, como o aprendizado necessário em se olhar para os dois lados ao atravessar uma rua, ou ainda o jeito de se portar numa lanchonete. Interessava-nos saber o que conecta Ferdinanda àquele passeio e seu entorno, saber onde os seus olhos se debruçam enquanto seu dedo em riste nos conduz.

Queria que Ferdinanda compartilhasse aqueles momentos comigo, seus olhares, suas vontades e seus caminhos, contudo, continuava sem se preocupar em saber como eu estava ao seu lado, se gostando ou se detestando, se indiferente ou conectado a outros acontecimentos que não aqueles que somente ela era capaz de olhar com aguçado interesse solitário.

Porém, como compartilhar um emaranhado de acontecimentos sem o exercício do diálogo? Quais as vias de acesso abertas para a passagem do fluxo de sensações que nos acomete em cada novo encontro? Bem, acreditamos que Ferdinanda já nos convidara a essa partilha desde o momento que nossas mãos se encontram na forma de uma ponte por onde nossas emoções possam se comunicar diretamente, no contato mais profundo da superfície de nós mesmos, assim, apesar da expectativa de compartilhar, com ela, o mundo como acostumamos a ocupar, mediado através da oralidade da linguagem, começamos a aprender com Ferdinanda um novo sentido da palavra Compartilhar.

Com = junto de;

Parte = um inteiro pequeno que se relaciona à outros pequenos inteiros;

Ilhar = separar pela mesma matéria que se une.

– Compartilhar – estar junto de alguém que é inteiro, porém pequeno, que se relaciona a outros pequenos inteiros, separados por aquilo que nos une, a heterogênese humana.

A passos lentos Ferdinanda leva-me por uma rua onde, ao longe, pude ver que um cachorro montava guarda em frente a uma casa, provavelmente a sua, com um detalhe que muito preocupava-me, ele estava solto na calçada e poderia avançar sobre nós caso chegássemos mais próximos. Era um cachorro pequeno, o verdadeiro TL, ou popularmente chamado *tomba lata* (o vira lata), todo preto, não passaria de

uns vinte centímetros de altura, mas que, se quisesse, poderia machucar os calcanhares. Não que fosse uma ameaça, mas eu continuava responsável por Ferdinanda e não podia deixar que nada acontecesse com ela. Quando ele avançou sobre nós, fiquei assustado e tentei proteger Ferdinanda, puxando-a pelo braço na tentativa de escondê-la atrás de mim, mas no final das contas quem saiu protegido daquele cão acabou sendo eu, Ferdinanda, literalmente, puxara-me para junto dela protegendo-me das investidas daquele cão, imobilizando qualquer reação que eu pudesse ter, pois a forma como me segurava, deixava-me sempre um passo atrás dela.

Após este incidente, percebi que Ferdinanda havia quebrado a “fôrma” pela qual nossos encontros haviam se conformado desde o primeiro dia em que a convidei para, juntos aos outros alunos, realizarmos o trabalho de AT. Um trabalho que pudesse nos colocar numa relação de diálogo, de cumplicidade e, até mesmo, de amizade, se a técnica do AT também fosse colocada em “crise”, ou seja, em uma análise crítica constante. Assim, quando Ferdinanda “desenformou-se” da forma, minha responsabilidade, para ser “A Responsável” por mim, protegendo-me dos perigos de nossas andanças.

Além dela assumir o lugar de poder ocupado, pela presença do Responsável, também promove fissuras na forma de relação instituída pela Excepcionalidade que nos possibilita a construção de um *cuidado* que não mais passa pela tutela ou, pelo tratamento, mas que se produz numa relação entre iguais,

em que as existências se ligam no testemunho compartilhado de nossa narrativa histórica.

Continuamos a caminhar pelas ruas por mim desconhecidas, sem que Ferdinanda se preocupasse em me dizer onde iríamos, ou o que faríamos lá, para onde eu deveria olhar, ou o que gostaria de me mostrar... Sem nenhuma explicação e em silêncio, conduzia-me pela mão, enquanto eu não mais me preocupava em ter minhas perguntas esclarecidas. Ferdinanda conquistara um novo lugar em nossa relação e a sensação de peso que eu havia experimentado em outros encontros, – de, por ela, ser responsável – tinha dado lugar à leveza que se tem nas relações de amizade e com toda a responsabilidade e o cuidado que se tem entre os amigos, mantinha-me atento ao caminho por ela apontado, despreocupadamente.

Ao chegarmos num ponto onde já não havia mais asfalto, comento com Ferdinanda se poderíamos voltar, chegáramos ao final da rua e o que mais ela queria, voltar a pé para casa? Ressalto o fato de termos chegado ao fim da rua de asfalto como um obstáculo para continuarmos nosso passeio, na esperança que se convencesse que deveríamos, realmente, voltar, mas ela não se dá por vencida e aponta para continuação daquela rua, me mostra que o asfalto continuava no próximo quarteirão e puxando-me pelo braço convence-me a acompanhá-la por mais uns dois ou três quarteirões.

Mais uma vez minha argumentação desmanchara-se no ar e Ferdinanda arrastara-me até chegarmos numa rua onde não mais podíamos avistar caminho algum que nos levasse de volta à escola e, apesar de não conhecer muito bem aquela região, acredito termos chegado no Jardim Europa, bairro nobre da cidade, uma área caracterizada por ser estritamente residencial, com suas mansões e belos jardins, além de suas ruas sinuosas, irregulares e pouco movimentadas. Evidenciava-se assim, uma forte tendência em nos perdermos por seu “labirinto” de “ruas sem saída” e esquinas irregulares. Um misto de curiosidade e preocupação toma conta de meus pensamentos, olho para as horas e não temos mais muito tempo. Quero continuar a andar, mas assumi a responsabilidade de voltar com Ferdinanda no horário, de modo que não atrasássemos a saída de seu ônibus.

Empaco!

Pelos meus cálculos, se continuássemos andando por seu percurso “misterioso” correríamos o risco de termos que voltar às pressas, de modo que, já sabendo da dificuldade que ela teria em imprimir um ritmo acelerado de caminhada, não seria prudente que nos afastássemos do percurso realizado para chegarmos até aqui. Deveríamos voltar e mesmo assim teríamos que nos apressar.

Ferdinanda insiste para que eu a acompanhe, porém, lhe digo que não continuaríamos, que poderíamos voltar no outro passeio, e voltaríamos muitas outras vezes, convencendo-a pelo cansaço. Na volta,

procuro encurtar o caminho descendo por ruas onde ainda não havíamos passado e Ferdinanda diz que eu estou errado, que o caminho não era aquele e outra vez, tenho que convencê-la de que aquele caminho também daria certo.

Diferente das intervenções anteriores, com relação ao tempo esgotado dos passeio, este não é interrompido com justificativas que evocam a responsabilidade colocada na ordem das relações de tutela/tratamento, ao contrário, é assumido o compromisso de acompanhar Ferdinanda com o cuidado de chegar em tempo (ela não sabe ver horas), de tomar o café da tarde, antes de partir com seu ônibus. Assim experimenta-se com ela a passagem do tempo neste passeio, através da cumplicidade de nossas vivências compartilhadas.

Mais tarde, conversando com a professora Biba, descobri que todo aquele caminho realizado por Ferdinanda e por ela reconhecido era o mesmo caminho percorrido pelo professor de Educação Física quando levava seus alunos para uma caminhada. Ferdinanda levava-me pela mão, protegia-me dos perigos de seu caminho com o mesmo cuidado que eu tive em lhe trazer de volta no horário combinado para que não perdesse o ônibus.

as vontades de Ferdinanda

Vou até a sala de Ferdinanda e com uma certa ansiedade esperava que, depois daquele passeio em que, juntos rompemos com a forma de se relacionar instituída pela Excepcionalidade, construiríamos uma certa cumplicidade, uma amizade que se fizesse visível em nossos encontros posteriores, porém não era isso o que estava acontecendo nesse momento.

Ferdinanda não quer sair e, o que mais me confunde, não quer nem ao menos conversar o porquê dessa sua decisão. Insisto numa conversa que não acontece, pois, durante todo o tempo que a ela me reporto, suas amigas de sala são quem vêm ao meu socorro, dizendo que ela era assim mesmo, que se ela não queria sair eu poderia levar uma outra aluna para passear, na tentativa de, também elas, provocarem uma reação de Ferdinanda. Mas ela está irredutível, não se abala facilmente e recusa-se a responder meus chamados escondendo seu rosto entre os braços debruçados sobre a mesa onde estava acostumada a trabalhar com suas colegas. Ficamos nesse movimento até que sua professora me diz o que está acontecendo:

– Ferdinanda está com gripe e não tem vontade de fazer nada!

Aproveitando a indisposição de Ferdinanda nesse momento de minha narrativa, gostaria de esclarecer que quando digo: – *ficamos nesse movimento...*, assim, no plural, é porque suas amigas já haviam me

ajudado a conquistar-lhe a confiança em outras ocasiões em que havia apresentado uma certa resistência em querer sair comigo. Dessa forma, realizaram o mesmo jogo de “chantagem emocional” ao se organizarem, entre elas, para saírem comigo a cada nova recusa de Ferdinanda. No início, sem saber o que fazer, não gostava muito dessa interferência e acreditava que seria até prejudicado por esse modo “coercitivo” de convencimento de Ferdinanda. No entanto, elas conheciam melhor a amiga, e esse método utilizado para seu convencimento por algum tempo permitiu uma aproximação que não mais se desmancharia ao longo dos nossos encontros.

Queria que Ferdinanda me dissesse o que estava se passando com ela, eu sabia que estava gripada através da explicação dada pela sua professora e suas amigas, que já haviam dito que hoje ela nada queria fazer, mas porque ela não olhava para mim? Será que a minha presença ali, na sua sala, lhe intimidava?

Esperava que ela ao menos conversasse comigo.

Enfim, vencido pelo cansaço e percebendo que, realmente, Ferdinanda não queria e nem teria condições de sair, desisto da conversa comunicando-lhe que poderíamos sair outro dia e que, se quisesse, podia ficar quietinha na sala. Dito isso e já me despedindo da turma, Ferdinanda, num movimento inesperado, levanta a cabeça e sorrindo, mostra-me seu rosto. Com um gesto afirmativo de cabeça concorda com a minha proposta. Ela estava mesmo muito gripada, sua respiração era ofegante.

Apesar de experimentar uma nova forma de diálogo nos passeios, ainda é preciso a construção de uma narrativa comum, a construção de uma relação que deve se exercitar nos limites dos territórios identitários veiculados pelo saber/poder das especialidades médico/psico/pedagógica.

Não poderia apenas interpretar a recusa de Ferdinanda como uma recusa em participar das atividades propostas no Acompanhamento, uma forma de medição de força para comigo, para com o significado que a minha figura de poder representa numa relação, mas posso perceber a diferenciação que existe na forma de tratamento realizado por Ferdinanda quando estamos na escola e quando saímos. Ferdinanda é bem quieta, mas para mim ela também se apresenta como alguém perspicaz, alguém que sabe o que fazer quando quer muito algo, seu modo de persuasão é tão vagaroso quanto silencioso, porém apresenta-se muito eficaz na resolução de seus conflitos cotidianos.

Ferdinanda em busca de um suco

Como tem acontecido em nossos encontros, vou até a sala de Ferdinanda a fim de saber se ela está disposta a sair, porém, tenho que convencê-la que o fato dela não querer sair não deveria servir de justificativa para que não conversasse comigo, eu não ficaria zangado se ela não quisesse e nem a obrigaria a realizar tal atividade se não fosse do seu interesse. Portanto, poderia dirigir-se a mim e responder-me se gostaria

ou não de sair e, mesmo não encontrando muita resistência de sua parte, tenho que esperar por uns dois ou três minutos, para que resolva levar a minha presença em consideração e me dirigisse seu olhar. Passado os três minutos puxa-me pela mão e, tomando a iniciativa do passeio de hoje, despede-se da sala e da professora num breve aceno de mão.

Deixo-me levar por Ferdinanda através do caminho geralmente realizado em nossos passeios, ruas pouco movimentadas, as mesmas escolhidas pela turma de Educação Física, o mesmo itinerário escolhido por Ferdinanda, o mesmo silêncio, a mesma indiferença..., não fosse pela vontade incomum de Ferdinanda, assim como pela extraordinária forma dela dizer que quer um suco. Mal nos conversamos na sala de aula e agora diz que quer um suco. Onde vamos tomar um suco, se eu não conheço muitos lugares por lá?

Pensei comigo, se o problema é um suco podemos ir a um Café, lá é possível nos sentarmos e apreciarmos um bom suco junto ao movimento calmo da rua e, na esperança de incluir um outro roteiro em nosso passeio, convido Ferdinanda para que me acompanhe até a lanchonete onde poderíamos tomar o suco que queria, porém teríamos que nos voltarmos para o outro lado do qual acostumáramos passear, deveríamos seguir rumo a avenida principal, deixando para trás a Vila Cláudia, tão conhecida e especialmente aconchegante a ela.

Percebendo seu tempo e seu jeito não insisto em querer mostrar o caminho certo para o suco, proponho acompanhá-la até onde ela

quisesse, mas se não encontrássemos o seu suco, iríamos onde eu lhe mostrasse. Seu silêncio foi considerado como uma afirmativa.

Aos poucos vou conseguindo deixar as tardes de segundas-feiras com um ritmo suave de tempo marcado através dos passos lentos de Ferdinanda. Aprendo a não esperar um acontecimento extraordinário nesses nossos momentos e ao contrário cultivo a disponibilidade da ação em acompanhar Ferdinanda por onde seu indicador aponta com a frase seca *“não, é prá lá!”*, corrigindo-me nos momentos que tento desviar do caminho que conhece.

Ferdinanda anda muito até que encontramos um bar que, pela surpresa expressa de seu rosto, percebo que era este lugar que ela procurava. O bar estava fechado e algumas crianças brincavam em frente, um dos meninos distribuía drops aos outros e, ao perceber a presença de Ferdinanda, oferece também a ela um drops.

O menino pergunta, dirigindo-se a mim, se ela podia chupar bala. Respondo que não haveria problema se ela quisesse. Ferdinanda recebe a bala e fica segurando, sorrindo sem nada dizer, nem ao menos um ensaio de movimento. O menino continua observando Ferdinanda e pede para que eu retire o papel da bala. Pergunto a ela se queria que eu fizesse o que o menino tinha pedido, ela diz que não e dá a bala para eu guardar no bolso.

Noto que Ferdinanda havia chegado a seu destino, pois dizia querer tomar um suco ali. Convenço-a de que o bar não vai abrir tão cedo e

que poderíamos ir naquele lugar que eu havia dito no início de nossa conversa. Ferdinanda quer continuar andando por aquele bairro a procura de outro lugar que tenha suco, mais uma vez digo que a acompanharia e se acaso não encontrássemos seguiríamos ao lugar que eu sabia.

Andamos por mais uma ou duas ruas até que passamos em frente a escola e Ferdinanda resolve entrar. Ao perceber que Ferdinanda desiste do passeio, lembro a ela que poderíamos ainda tomar o suco e então resolve me acompanhar.

Vamos direto ao Café, onde experimentaríamos além dos sucos os olhares curiosos, porém atenciosos de Cristina, a dona do local. Cristina procurava conversar com Ferdinanda perguntando se o suco estava bom, se não faltava açúcar, etc; e Ferdinanda apenas sorria, ao mesmo tempo em que tomava o suco escondendo o rosto entre as mãos e olhando para o chão.

Acabado o suco, nos despedimos de Cristina e Ferdinanda lhe acena com a mão dando um *tchau* como quem quer dizer até a próxima.

Ferdinanda em: O riso

Como de costume, fui buscar Ferdinanda em sua sala. Ela estava sentada, mas já a minha espera, pois hoje ela queria ir ao Cris Café, uma pequena lanchonete, que havia se tornado um lugar de referência em nossas saídas, pois era ali que nos refrescávamos com um suco de laranja

depois de caminhararmos pelas casas da Vila Cláudia, lugar predileto de Ferdinanda. Porém hoje, Ferdinanda não queria passear pela Vila, saímos da instituição e logo pedi para irmos tomar o suco, puxando-me pela mão, sem deixar que eu manifestasse qualquer opinião a respeito de sua escolha. Eu queria o suco tanto quanto ela, fazia calor e a sede era constante.

Bem próximos a lanchonete, percebi que havia algo diferente no lugar, não avistando as mesas do lado de fora e à medida que nos aproximávamos a minha desconfiança foi confirmada, estava fechado. A porta, daquelas levadiças, estava baixada e não ouvíamos nenhum barulho que saísse lá de dentro. Ferdinanda batia na porta na esperança de ser atendida e eu, movido pela frustração do momento, esforçava-me para explicar-lhe, ou melhor, por chamar-lhe a atenção para o fato de que não adiantaria ela bater, chamar, pois não tinha ninguém ali.

Acredito que Ferdinanda já tinha se dado conta da impossibilidade de ter alguém ali, mas custava-lhe desistir do intento de ser atendida pela Cristina, a moça com a qual já havíamos nos acostumados, e que participava de nossos encontros com uma certa frequência desde que Ferdinanda experimentou a sensação de estar sentada na mesa colocada ali na calçada, saboreando seu suco de laranja em silêncio, comigo ao seu lado.

Deixei que Ferdinanda tentasse, o tempo que achasse necessário tentar, ser atendida pela Cristina. Ela chamou, bateu, espiou

pelas frestas do portão contíguo ao estabelecimento enquanto eu a observava, até que desistindo de chamar pelo atendimento sentou-se na calçada, no meio fio a espera de nem sei o que. Diante daquela situação comecei indagar-lhe o que faria ali sentada, se a porta estava fechada e não teríamos como entrar. De um jeito sério e impaciente me mandou abrir, como se eu tivesse brincando com ela, como se já havia passado a graça daquela brincadeira e ela estava cansada.

Percebi que ela falava da chave que eu carregava no bolso da calça e lhe mostrei que minha chave era diferente, que era a chave da minha casa e não podia abrir a lanchonete porque a sua dona não estava ali para nos atender.

o outdoor de Ferdinanda

Após alguns dias de repouso e cuidado intensivo, Ferdinanda estava pronta para outra, a gripe estava chegando em seu estágio final e, enfim, voltara a participar das atividades exercidas na sala de aula, assim como de nossos passeios pela cidade. Poderia dizer que estava quase curada, não fosse por apresentar uma leve coriza que obrigou-nos, no momento de nossa saída, a carregarmos um providencial rolo de papel higiênico.

Uma vez mais caminhamos direto ao ponto de encontro freqüentado por nós desde aquele dia em que apresentei-me para Ferdinanda como alguém que também poderia lhe ensinar coisas novas,

alguém disposto a compartilhar seu tempo junto dela na descoberta de um novo caminho, de um novo lugar onde poderíamos ir e ficar sentados, conversando ou em silêncio, não importava, mas que para Ferdinanda havia se tornado, já a algum tempo, um lugar de referência que, qualquer que fosse o rumo que tomássemos no início, invariavelmente, passaríamos pelo Café Cristina.

Mesmo sabendo que a Cristina havia se mudado e que o Café estaria fechado, Ferdinanda fazia questão de levar-me até lá sem nem ao menos passearmos por outras ruas, nem mesmo àquelas, as quais já figuravam como certas em nosso itinerário cotidiano. Se Ferdinanda sentia falta do suco ou da Cristina não dava para saber, ela apenas levava-me, como tantas outras vezes, a tiracolo e nada me dissera.

Era um lugar gostoso de se ficar, poderíamos ficar sentados na calçada admirando o pouco movimento de carros e pedestres, que passavam para ir ao hospital ali perto e nem perceberíamos o tempo passar, mas intrigava-me essa vontade de Ferdinanda e minhas indagações eram feitas na tentativa dela me esclarecer o porquê de sua escolha, o que ela esperava naquele lugar, qual a importância da Cristina em nossos passeios, como ela estava montando esta história compartilhada numa narrativa comum junto a mim? Cada vez mais eu mergulhava em dúvidas e divagações que não nos levariam a lugar algum, se eu não as colocasse de modo que pudessem ser respondidas.

Essas respostas só podem aparecer na oferta de novos modos de escuta capazes de ouvir o silêncio pelo qual Ferdinanda acostumara a se comunicar.

A partir desse momento, percebi que se continuássemos ali parados, eu não seria capaz de ouvi-la, pois em mim havia se formado um turbilhão de idéias que não sossehariam, se não imprimíssemos, juntos, um movimento contrário à velocidade dos pensamentos que, nesse instante, se colocavam como uma barreira a realização do encontro.

Convido Ferdinanda para andarmos, passearmos por ruas que ainda não havíamos passado, ruas que nos levariam ao início da avenida principal da cidade e onde poderíamos nos sentar em um outro lugar para tomarmos um suco. Explico que havia uma padaria ali perto e, se ela me acompanhasse, chegaríamos lá, rapidinho. Com rara disposição acompanha-me, agarrada ao meu braço, como dois namorados e, pelos seus olhos vidrados, de gripe, atentava para todos os lados que pudesse olhar, para a grande construção que se erguia junto ao hospital, para a madeireira que toma um outro quarteirão inteiro, cercado apenas por alguns fios de arame, permitindo-nos observar seus trabalhadores cortando, cerrando, amontoando as madeiras de acordo com sua função, sua qualidade, até chegarmos a esquina que nos levaria a rua principal, ao final dela para quem está saindo da cidade.

É necessário andar um pouco mais para chegarmos a padaria, mas Ferdinanda já nem mencionara tal intento, tudo era novo, eu

podia ver em seus olhos e em seu sorriso explícito, ela gostara da novidade. Desse lugar, temos uma vista panorâmica da cidade e principalmente da avenida mais movimentada, o fluxo de carros, motos e caminhões aumenta e ela acautela-se, um pouco mais para atravessar as ruas.

Descemos um, dois quarteirões, passamos por uma loja de implementos agrícolas, um restaurante e, quando já estávamos conquistando o terceiro quarteirão para chegarmos a padaria, Ferdinanda se encanta pela imagem de uma moça colocada em um *outdoor* fixado num terreno baldio, um lugar onde poderíamos chegar bem perto daquela estrutura. Ferdinanda comenta comigo naquele momento:

– Ela está chorando!?

Ferdinanda produzi uma ação na imagem de uma propaganda de calças *jeans*, onde se mostra a figura ampliada de uma moça que, olhando para frente, parecia olhar para quem olhasse aquele cartaz, sem a intenção de despertar maiores afetações, ou sensações impactantes aos observadores. No entanto, Ferdinanda olha com olhos curiosos, com olhos capazes de supor uma ação que poderia se remeter a um acontecimento experimentado recentemente ou não, mas que lhe permite a expressão de um conteúdo seu, talvez, uma forma de mostrar uma saudade.

E, nessa linha de raciocínio, perguntei:

– Ela está chorando? Porquê? – e ela, evasivamente, responde:

– Ela está chorando.....

Explico a Ferdinanda que eu gostaria de saber porque ela estava chorando, o que aconteceu para ela chorar. Ferdinanda olha para mim e diz sorrindo:

– Ela está chorando!! Captando sua brincadeira, não mais preocupo-me com o significado do choro para Ferdinanda, mostro a ela que eu havia entendido, que ela, a moça estava chorando e pergunto se por acaso, ela não estaria precisando de um lenço, afinal tínhamos um rolo de papel higiênico e não nos faria falta um pedaço. Ferdinanda topa ajudar aquela moça e, terreno adentro, encontra uma caixa de papelão desmontada. Levanta aquela caixa em direção aos olhos da moça e lhe pede, de modo maternal, para que não chore mais. Ajudo Ferdinanda com o seu “lenço” e quando, já cansada da sua boa ação me pede para voltarmos à escola.

uma só coisa: Sopa

Hoje, iniciamos com o mesmo percurso realizado usualmente por nós, porém com uma certa disponibilidade de conversa por parte de Ferdinanda. Assim, como Ferdinanda encontrá-ra-se disposta a conversas, resolvi, também eu, dispor-me a acompanhá-la sem me preocupar tanto com o tempo de nossa saída, com o lugar por onde

andaríamos, sem me importar muito, se hoje chegaríamos atrasados, respeitando somente o tempo necessário de chegada para que pudesse pegar seu ônibus.

O desconforto por estar junto a Ferdinanda e não ser levado em consideração já não se apresenta mais com tamanha freqüência em nossos encontros, (como outrora), mas ainda não conseguimos travar um diálogo fluente sobre os acontecimentos de sua casa, sua sala de aula. Participamos de uma conversa silenciosa ou apenas restrita a uma conversa como de inquérito de perguntas e respostas, onde eu assumo o papel do entrevistador e ela de entrevistada:

– O que você fez na sua casa, como estão seus pais?

E ela, sem maiores esclarecimentos, apenas me responde:

– Sim, sopa...

Num primeiro momento pode parecer um tanto quanto frustrante para o leitor deparar-se com um diálogo colocado dessa forma, desconexo e, até certo ponto, sem sentido, mas era assim que começávamos nossas aventuras. Confesso que, até me acostumar ao modo como Ferdinanda se colocava nas questões por mim trazidas para nossos passeios, tive que tomar uma série de cuidados para não cair no desânimo e na triste constatação de que eu nada poderia fazer para transformar aquela realidade a ela atribuída em função das características imanentes a sua “Excepcionalidade”, tão bem definidas e estruturadas pelas especialidades responsáveis pela melhor forma de tratamento capaz

de assegurar-lhe, dentro da previsibilidade clínica, o desenvolvimento de suas parcas habilidades físicas e mentais.

Assim, mesmo sabendo da dificuldade que Ferdinanda apresenta para se expressar num diálogo fluente e com uma certa ordenação de palavras, continuo conversando com ela a partir do conteúdo que me traz como referência e, nesse caso, o tema da sopa era a melhor pedida.

– E que sopa você gosta?

– Batata, cenoura, carne... e eu continuo:

– Como você faz a sopa?

E Ferdinanda segue com um sorriso sincero repetindo a receita da sopa feita de batata, cenoura, carne e macarrão...

A dificuldade que Ferdinanda possui em conversar, não se revela por uma impossibilidade do uso do aparelho fonador, ou por uma certa falta de organização intelectual dos conteúdos abordados em nossos encontros, mas se mostra na particularidade da velocidade que Ferdinanda imprime no ato comunicativo, desde a recepção de uma informação até a emissão de uma resposta, por mais simples que possa parecer. Assim, Ferdinanda esgueira-se da ocupação do espaço/tempo/moderno que a nós se impõe pelo esquadramento de uma vida produzida na efemeridade dos encontros e na velocidade de um tempo cada que vez mais subjugado pela forma de produção capitalística das afetividades.

Hoje começo a perceber melhor o silêncio de Ferdinanda e sua concentração na busca de um traçado de itinerários que se forma, talvez, por lembranças e recordações de algo que eu não consigo distinguir quando me encontro ao seu lado, mas que se dispõe nesta relação onde juntos aprendemos a compartilhar novas formas de parar, de olhar, de avaliar a situação e continuar andando, ambos, amparados pela mão que nos estende o espaço/tempo desobjetivado, na peculiaridade que se produz através da singularidade dos nossos encontros.

Assim, se olharmos a relação que Ferdinanda estabelece comigo e com o mundo a partir do espaço de possibilidades de (re)invenção que se institui na prática do Acompanhamento Terapêutico, é possível observarmos a criação de um campo de visibilidade, capaz de forçar os limites da existência deficiente de Ferdinanda para a experimentação inventiva de si e do mundo em cada novo encontro realizado à margem das formas prontas das relações que se desenham pela Excepcionalidade.

as maçãs de Ferdinanda

Hoje, ao procurar por Ferdinanda em sua sala encontrei apenas a professora organizando o material que mais tarde as alunas teriam para a realização das atividades de artesanato previstas para dias de chuva como este.

Ferdinanda fazia aula de Educação Física no galpão da escola. Esperei que ela voltasse para que, devido à chuva, combinássemos um outro dia de saída. Ela voltou e com um sorriso largo nos olhos cumprimentou-me, sussurrou para que eu avisasse a professora de nossa saída e assim déssemos início ao passeio. Certifiquei-me se ela tinha vontade mesmo de sair e num gesto do exercício de sua escolha, pedi que ela mesma avisasse a professora. Como em outros passeios, segurou a minha mão e saímos com o consentimento da professora.

Ao pisarmos fora da sala de aula, começa a cair uma garoa fina, algo como aquela chuva conhecida como “molha trouxa”, pois de tão fina muitos não acreditam que irão se molhar e, no entanto, em razão de alguns minutos a ela expostos pode se sentir as roupas grudando no corpo, ensopados até as tampas!!

Sou o primeiro a demonstrar ares de desânimo frente a impossibilidade de nosso passeio hoje. Expresso esse desânimo ao me dirigir a ela e dizer que, pelo visto, o tempo não ia melhorar e, nesse caso, o melhor que poderíamos fazer era ficar por lá mesmo. Ao dizer aquilo, não tinha a mínima idéia do que faríamos, mas estava gostando de ter Ferdinanda ao meu lado recebendo também em seu rosto aquela umidade de um dia tipicamente de outono.

Sou, nesse momento, levado por Ferdinanda ao galpão de escola, lugar de onde viera há pouco, e, passando pela segunda turma da educação física dessa manhã, chegamos à sala do grupo.

Ferdinanda resolvera nosso primeiro problema, mas como ela se comportaria sozinha naquela sala comigo? O que ela faria naquela sala, onde mesmo com os outros alunos do grupo ela nada fazia exceto folhear as revistas?

Abrimos a sala e logo peguei a caixa de lápis de cor de cima do armário, algumas folhas em branco e as coloquei sobre a mesa. Ferdinanda pegou uma revista e, como de costume, ficou a observá-la, folheando vagarosamente suas páginas e detendo-se, vez ou outra, em suas fotos.

Já sabendo desse tipo de passatempo de Ferdinanda, comecei a desenhar formas simples como uma casa, uma cerca, uma árvore e dizia a ela que se tratava do lugar onde ela morava, então Ferdinanda se interessou pela brincadeira. Pede uma folha e começa a “copiar” algumas fotos da revista, com a técnica do papel de seda sobre a figura desejada.

Não me preocupava o conteúdo de seus desenhos e nem com a forma de seus rabiscos no papel, pois era a primeira vez que Ferdinanda se dedicava a uma ocupação lúdica (a meu ver), por expressão de sua vontade.

Ferdinanda nesse dia recebeu a visita de uma amiga na sala e mostrou-me, então, um desenho dizendo que era a casa de sua amiga.

A partir dos desenhos e das cópias da revista, mantive com ela um diálogo de expressão que pouco se utilizava da verbalização, mas

que muito nos envolvia em um campo de trocas de informações rápidas, tais como o nome do objeto desenhado, a cor daqueles objetos e a assinatura que por fim esclarecia aos outros de quem era o trabalho realizado.

Percebendo, então, esse campo fértil, inverti as funções que Ferdinanda vivenciara na escola e pedi que ela me fizesse desenhos a fim de pintá-los, e assim tornar meu fazer condicionado à forma que ela me apresentasse através da realização de seus desenhos.

Tendo em mãos um lápis vermelho, ela começa a desenhar círculos-ovais de diversos tamanhos, que mais tarde vim a saber, eram maçãs. Pintei-as de várias cores e Ferdinanda gostou, aos poucos montamos uma exposição com três trabalhos, os quais deixamos dependurados no varal, para apreciação dos outros alunos que freqüentam aquele espaço.

Paçoca

Paçoca tem 29 anos (2000), é um rapaz branco, cabelos negros e olhos claros. Dentre suas características físicas, nos chama a atenção o seu sorriso largo e farto, um gesto que revela a falta dos dentes incisivos superiores. É o aluno (desse grupo de 5 alunos) com o maior tempo de vivência institucional, 13 anos.

Com ele realizamos 13 passeios pelo AT, (10 em Assis, às terças-feiras à tarde e 3 em Cândido Mota, às sextas-feiras de manhã),

além de oito encontros em grupo. No primeiro semestre de 2001, realizamos 5 encontros individuais.

Paçoca tem os passos curtos e rápidos que forçam-me, em certos momentos, a correr atrás dele para poder acompanhá-lo.

Sua conversa se faz num monólogo constante, no qual ele mesmo se questiona sobre determinado assunto, ou a respeito de uma pessoa, geralmente alguém da escola, colegas, professoras, ou funcionários, e ele mesmo se responde, ora com elogios, ora com xingamentos.

Com Paçoca, devido a sua transferência para a cidade onde reside, Cândido Mota, tive a oportunidade de experimentar a vivência do AT em duas cidades diferentes e por tempos distintos.

Quando iniciamos nossos atendimentos, em 2000, Paçoca era ainda aluno da APAE de Assis, e nossos passeios se davam pelas ruas do Centro dessa cidade. Saíamos às terças-feiras, no período da tarde, e também ele participava às sextas-feiras do grupo realizado com os outros alunos.

Cândido Mota, cidade situada a uns quinze minutos de Assis, tem inaugurada sua unidade da APAE em meados do mês de setembro, de 2000 e Paçoca, juntamente com outros, mais ou menos, vinte alunos, é transferido para lá, a fim de receber os mesmos cuidados ofertados, até então em Assis, agora em sua cidade.

Desde a sua transferência, realizo o trabalho individual em sua cidade; porém, todo o trabalho realizado em grupo viu-se abruptamente interrompido, pois, sem poder nos encontrar com o restante do grupo, a partilha de nossas experimentações restringiram-se a nós mesmos, limitando-nos apenas aos encontros semanais individuais, até que pudéssemos absorver o impacto da mudança e transformá-la numa potência outra de criação de novas conexões.

Em Cândido Mota, Paçoca é mais “senhor da situação” e é ele quem assume a função de ser meu acompanhante. Mostra-me os lugares equivalentes àqueles pelos quais passávamos em Assis (a Catedral, a Prefeitura, os Bancos e algumas lojas), além de me apresentar, de forma pouco cerimoniosa, aos seus conhecidos. Mostrando-me, com a mesma displicência com que me apresentava seus conhecidos e familiares, os lugares, as casas onde já morou.

Paçoca é palmeirense roxo e invariavelmente se utiliza desse fato para dar início a nossas conversas, pois, sabendo que sou corinthiano, sempre me pergunta:

“– E o curinguinha...?”

Mexo com ele dizendo que, melhor que seu “palmerinhas” ele está...

Assim, seguimos em nossas andanças, nossas conversas sobre o futebol, seus afazeres na escola, sobre sua família, até Paçoca me chama para “tomar uma”, o que significa pararmos em algum barzinho e

bebermos um refrigerante, convite sempre bem vindo, pois, assim, posso acompanhá-lo um pouco mais em seus monólogos sem ter que me preocupar em correr atrás dele para entender melhor o que me diz.

seguindo outros passos

Encontro Paçoca a minha espera logo na entrada da instituição. Ansioso para sair, pergunta-me se hoje era a sua vez e ao lhe responder afirmativamente, estampa um sorriso convidativo em seu rosto e oficializa o comunicado de que está pronto. Digo a ele que assim que avisarmos sua professora, poderemos sair.

Saímos com uma certa pressa, Paçoca caminhava em minha frente quase sem perceber que imprimia uma velocidade em nossa caminhada que dificultava nossa conversa. Perguntava o porquê dele andar tão apressado, o que ele haveria de fazer na cidade que não podia nem sequer prestar-me atenção. Mas, se Paçoca diminuía sua marcha por uns breves momentos, era apenas para atravessarmos as ruas. Assim que ganhávamos a próxima calçada, lá estava eu, correndo para escutar o que falava, na tentativa de, pelo menos poder ouvir sobre o que pensava em voz alta.

Minha primeira tentativa de fazer com que ele parasse um pouco, foi justamente convidá-lo para irmos até o centro da cidade de ônibus. Justifico que, além de ganharmos um bom tempo, também economizaríamos uma boa “caminhada”. Não disse a ele que não estava

conseguindo acompanhá-lo, tanto em seus passos como em suas conversas, não queria ser “chato” logo no primeiro dia de passeio.

Porém, Paçoca, neste momento, parecia estar indiferente a minha presença, apesar de estarmos juntos e me esforçar para criar com ele um campo de diálogo possível, ainda não havíamos nos sintonizado, nossos passos ainda não estavam sincronizados num mesmo passeio e nossas conversas, para alguém que pudesse nos observar de fora, poderia ver claramente que elas não se conectavam num mesmo assunto, numa ordem direta entre perguntas e respostas. Era mais ou menos assim: se eu lhe perguntasse o que gostaria de fazer, ele me responderia que estava na hora da aula de jardinagem, e assim por diante...

Embora sabendo que Paçoca se dedica as suas atividades desenvolvidas na instituição com uma dedicação exemplar assumindo-as de forma que até ousaria dizer, profissional, percebo que sua pressa “fora” é o reflexo do sentimento que muitos trabalhadores tem quando impossibilitados de executarem suas tarefas, por qualquer justificativa que seja. Assim, Paçoca deveria apressar-se com aquele passeio, ele era necessário na instituição e suas responsabilidades para com os professores e outros alunos nos acompanhavam em nossa saída.

Já cansado com essa pressa de Paçoca, resolvo, numa atitude quase que limite, segurar-lhe um pouquinho para poder lhe explicar o que estava acontecendo, dizer-lhe que não era preciso andar tão depressa daquele jeito e que temos um tempo bom a nosso favor, que no

mínimo teríamos uma hora e meia para andarmos por aquelas ruas e todos os lugares por onde talvez quisesse passear. Seguro Paçoca aproveitando-me de um gesto de amizade, um abraço. Abraço-o passando meu braço sobre seus ombros e lhe digo para ir mais devagar, que, de outro modo não conversaríamos e, quando estávamos passeando, não era preciso ter pressa.

Aos poucos vamos nos acostumando um ao outro, de minha parte passo a andar um pouco mais ligeiro e da parte dele, passa a dirigir-se a mim com mais frequência apontando com o dedo para os lugares onde vê algo interessante, convidando-me para irmos lá, ver um tênis numa vitrine, uma revista numa banca de jornais, etc.

a irmã de Paçoca

Já acostumado com a forma que Paçoca escolhera para sair, raramente queria tomar o ônibus, preferia mesmo nossa caminhada pela rua principal da cidade de Assis, uma caminhada que se iniciava na altura da rotatória do “homem de ferro”, uma escultura feita de ferragens moldadas que representa a imagem de São Francisco de Assis, chegando até a conquista da praça da igreja matriz, onde poderíamos nos sentar num banco até que ele, mais uma vez, nos pusesse em movimento. Assim, já acostumado a esta “fórmula”, todas às vezes em que sentia a necessidade de imprimir um ritmo mais lento, no passeio com Paçoca, eu abraçava-o e logo estávamos conversando, por uns instantes, parados no meio da

calçada. Resolvendo algum impasse do tipo: Aonde ir? Como fazer para chegar até lá? O que fazer? E assim por diante.

Paçoca raramente dizia onde queria ir, eu o acompanhava até a Catedral até que lhe sugeria um passeio pelo shopping, ou uma visita a uma banca de revistas a fim de procurarmos as suas tão sonhadas revistas do “Palmeiras”, uma visita numa loja de calçados e materiais esportivos, ou qualquer outra sugestão que julgava apropriada no momento que nos encontrávamos perdidos, sem saber o que fazer. Mas por que não nos perdermos, por que não, o não saber onde ir?

Para Paçoca, a experimentação do não saber o que fazer, a falta de sentido imanente de seus gestos no mundo o lançava, (consequentemente a nós), numa velocidade que lhe impede de saborear as sensações trazidas pela indefinição do momento seguinte, a ociosidade parece ser uma grave falta e a confusão desses momentos é somente a constatação de uma certa “disfunção” mental da qual é portador.

Conversar com Paçoca a respeito de sua “deficiência”, dos efeitos que esta singularidade dispara no mundo, passa pelo crivo do trabalho, sua ocupação é o que faz dele um homem, sua profissão é ser aluno da APAE e seus direitos não vão além da aposentadoria que anseia receber por meio daquele exame médico que ele nem sabe bem para que fez, muito menos o seu resultado.

Como de costume, rumamos para a Catedral, no entanto, ao chegarmos na praça, Paçoca não quer parar, continua e me convida para acompanhá-lo até mais adiante. Aceito sua proposta e, ao chegarmos na estação ferroviária, Paçoca começa a contar como as pessoas de sua casa estavam tristes. Comentava que seus olhos estavam inchados de tanto chorar, que em razão do falecimento de sua irmã, seu cunhado havia se mudado para a cidade de São Carlos, e levava seu sobrinho com ele. Apesar de saber pouco ainda sobre Paçoca e sua família, a psicóloga da instituição já havia adiantado este fato recente da vida dele, no entanto, era a primeira vez que ele mesmo me relatava como sentira e experimentara aquele acontecimento.

Paçoca apresenta uma tristeza que ele mesmo custa a acreditar que está sentindo, a seqüência dos fatos aparece de forma confusa em seu relato e, para melhor compreensão do que estava acontecendo com ele naquele momento, convido-o para sentarmos num barzinho situado na esquina em frente a estação, um lugar onde poderíamos conversar um pouco mais sossegadamente sobre aquele fato.

Peço um refrigerante e Paçoca repete meu gesto pedindo um para ele também. Sentados e um pouco mais aconchegados, Paçoca me diz, olhando nos olhos, que sua irmã havia falecido no sábado, que eles a trouxeram para o hospital em Assis, e, no hospital, ela morreu.

Falar da morte de sua irmã, parecia ser uma necessidade latente em Paçoca, mas como falar de um tema assim, tão dramático para

a família e para Paçoca, sem deixar de lado a vida que segue seu curso quase que indiferente aos abalos sofridos de tempos em tempos? Como experimentar este acontecimento sem deixar-se apanhar pelo apelo da vida contemporânea, que nega a morte como acontecimento constitutivo da vida do ser, e junto compartilhar este acontecimento com Paçoca, permitindo-nos um tempo de elaboração maior do que aquele imposto pelo rito do “velório até a missa do sétimo dia”?

Questões humanas, complexas são misturadas as características de uma “Excepcionalidade”, que deve ser tratada, amenizada, a fim de que ele “se esqueça” da morte da irmã e retome suas “obrigações” da mesma forma que outrora.

Mas nossas conversas rumaram para o dia em que sua irmã teve de ser internada e da confusão que foi para poder trazê-la para Assis, Paçoca ficou em Cândido Mota com sua mãe, enquanto seus irmãos acompanharam sua irmã até o hospital. Os médicos pareciam não saber o que acontecia com sua irmã e, assim que ela faleceu, seus irmãos o avisaram juntamente a sua mãe.

Paçoca misturava os tempos, em seu relato se faziam “idas” e “vindas” nos acontecimentos que dificultavam, um pouco, para que eu entendesse o que dizia, mas não me preocupava a ordem lógica de sua fala, pois o que experimentávamos era a expressão de um sentimento

comum, do homem comum frente a vida. Às vezes em que eu não o entendia, pedia-lhe que repetisse sua última palavra, talvez a frase toda e, dessa forma produzimos uma página a mais de sua história, com a minha, compartilhadas numa mesa de bar, em frente a estação ferroviária, o lugar escolhido para celebração da memória de sua irmã.

vamos tomar uma?!

Ao procurar por Paçoca na sala de aula, sua professora faz um pedido que ele parece não aprovar a princípio, mas entra na brincadeira e assume que hoje, em nossa saída, passearemos pelo shopping da cidade.

A professora de Paçoca comenta que ele é muito tímido, que sua dificuldade em lidar com as pessoas estava lhe atrapalhando o relacionamento construído até mesmo na escola, pois tinha vergonha de perguntar sobre uma determinada explicação que não entendesse no início das atividades que se propunham nas aulas e, mais tarde, seu “desentendimento” aparecia, numa atividade errada, ou numa forma errada de execução de suas tarefas.

Concordo com a professora e assumo, colocando Paçoca ciente daquilo que ela acabara de falar dele, que “trabalharíamos” um pouco mais essa timidez de Paçoca e que o levaria para passear no shopping, caso quisesse.

Paçoca ri muito com sua professora, afinal, é uma professora que o acompanha já há um tempo significativo, mais ou menos há uns sete anos. Apesar de não apoiar muito a forma como as professoras, (que geralmente se expressam da mesma maneira, independente de serem da rede regular de ensino ou do ensino especial), se referem aos alunos, num discurso impessoal, como se estivessem produzindo sobre os mesmos um discurso distante, quase mesmo que indiferentes a presença deles, que ouvem todo o discurso ali, do lado e em silêncio como se aquela história não tivesse nada a ver com ele. Apesar disto, era possível perceber sua preocupação com “isto” que ela chamou de timidez de Paçoca, pois ele já era um homem formado e o que a escola poderia oferecer além daquelas noções básicas de como trabalhar numa horta, cuidar de um jardim, as quais ele já provara ter aprendido com êxito, nos anos institucionais que carrega.

Faço questão de chamar Paçoca para junto de nós e permitir-lhe saber o que estávamos falando sobre ele, os planos que traçava, junto a professora para minha saída com ele. Porém, rindo muito, sua intervenção não vai além de um dedo em riste, apontado para mim e um sonoro – Óóóóh! – como quem diz: Olha lá o que você vai fazer com isso, hein?

Agora, longe de sua professora, pergunto a ele o que gostaria de fazer, onde gostaria de ir, e apenas me responde, confirmando

as minhas suspeitas (por ser essa proposta, uma constante em nossas saídas):

– Vamos tomar uma!?

Gosto da forma como Paçoca se apropria do AT, sua disponibilidade nesse momento equivale a pausa que um trabalhador realiza na seqüência de seu dia de trabalho, a fim de, ao tomar um fôlego, recordar o que já fizera no período da manhã projetando para tarde o que haveria de realizar para fechar o contorno do dia. Assim, Paçoca já não se apressava tanto no andar e a nossa estratégica paradinha num bar, lugar de encontro dos trabalhadores, numa hora de folga, ou no fim do dia de serviço, permitia-nos a produção de uma narrativa histórica de amizade e encontros de sentimentos comuns, partilhados no momento do AT.

Lembrando-me do pedido da professora e, percebendo a disponibilidade de Paçoca em me acompanhar, pergunto se não gostaria de ir até o shopping, para tomarmos uma lá. Como se tivesse mexido numa “ferida”, Paçoca, num sorriso um tanto quanto nervoso, repete o mesmo gesto apresentado na escola e com o dedo em riste, aperta o passo, para que entre nós ficasse um espaço considerável, que não nos permitisse conversar. Apenas ouvia o seu longo e sonoro – Óóóóóóóh! – enquanto gesticulava com a mão suspensa no ar, sozinho a minha frente. Custei a me aproximar, mas assim que o fiz, segurei-o num abraço e pedi para que parasse um pouco para conversarmos. Não era preciso irmos ao shopping,

apenas estava lhe fazendo uma proposta e ele podia escolher onde iríamos tomar uma.

Paçoca, apesar de ter-se distanciado, continuava rindo e, um pouco mais calmo, num tom de enfrentamento e coragem me diz:

– A Cristina (sua professora) é foda...!!! Porque ela não vai lá?...É foda...Bom! vamos lá, então... E, num gesto seguro, aponta em direção ao shopping. Não estávamos longe, e o prédio do shopping fazia parte já de nosso itinerário, apesar de nunca termos entrado.

Acompanhando a avenida principal do comércio de Assis, não demorou a encontrarmos o shopping. Entramos pela galeria central e espero alguns instantes numa vitrine de uma loja de CDs para que Paçoca pudesse “curtir” aquela visita. Paçoca parece estar deslumbrado com os estímulos das lojas, suas apelações visuais de oferta de produtos, cores e formas, na tentativa de fazer com que os passantes parem, se interessem pelos produtos. Paçoca olha em quase todas as direções, mas não se afasta de mim. Enquanto paro para observar melhor o que ele estava fazendo, Paçoca nada diz, apenas observa as coisas, as pessoas, parecendo procurar algo que lhe seja conhecido naquilo tudo.

Digo a ele que, se quisermos tomar uma, era preciso subir ao outro andar, aviso que iremos de escada rolante e, diante da escada, coloco-me atrás dele, primeiro, para deixar que ele visse o funcionamento daquela geringonça, e em segundo, para orientá-lo como deveria fazer para andar naquilo, sem cair. Desconfiado, Paçoca recua, mas logo percebe o

tempo que leva para que o degrau móvel, fique numa posição favorável para nossa utilização, titubeando, coloca o pé esquerdo e em seguida o direito, sofre com uma espécie de empuxe, mas logo se equilibra, de modo a aproveitar o passeio realizado sem esforço. Fico logo atrás e Paçoca até mesmo arrisca uma viradinha para trás, para dizer que estava mesmo com vontade de tomar uma.

Após passarmos por mais uma escada rolante, chegamos, enfim ao andar da praça de alimentação. As várias lanchonetes e restaurantes confundem um pouco Paçoca, e faço às honras da casa ao apresentar-lhe, uma a uma o que ofereciam, que tipo de comida faziam, até que ele escolhesse pela comida árabe, ou seja, um quibe e uma *esfiha* com um grande copo de refrigerante.

Enquanto comíamos, sentados em uma mesa em frente a lanchonete de comida árabe, os olhos de Paçoca não descansavam, corriam em torno a procura de algo, talvez de apreensão de tudo aquilo a fim de, quando chegar na escola, dizer a Cristina que foi difícil, foi necessário um esforço grande para aceitar e realizar o desafio, mas ele havia conseguido, e juntos celebrávamos sua conquista.

Paçoca não vence a timidez, não é assim que entendemos sua resistência em frequentar lugares movimentados de pessoas e aquele enfrentamento se faz devido a condição de deficiente na qual ele é diagnosticado e o modo de apropriação de mundo que esta condição lhe proporciona durante a vida toda. Não

há, na história de vida de Paçoca, um único momento em que pôde se afirmar como sujeito de si mesmo, sempre na dependência de um outro para lhe dizer como fazer e o que fazer tendo, na “fórmula” timidez, a explicitação de um modo de ser justificado na deficiência da qual era portador.

o dia que ele foi embora...

Ao chegar na instituição para a saída com Paçoca, sou abordado por alguns de seus amigos que, de um modo tumultuado, pedem para que eu converse com ele e, sem maiores explicações, dizem apenas que ele não está bem!

Encontrando Paçoca, espero que ele venha me contar o que estava acontecendo sem fazer qualquer menção ao pedido que seus amigos haviam feito. Cumprimentamo-nos de um jeito não muito diferente das outras vezes em que saímos e, apesar de achá-lo mesmo um pouco abatido, não quis entrar em detalhes, não ainda na escola. Não sabia se a minha percepção de seu estado de ânimo já havia sido afetada pela informação de seus amigos, ou se realmente ele estava “para baixo”.

Conquistamos a rua e seguimos em direção a avenida principal sem que Paçoca dissesse se existia algo o preocupando. Em mim havia e, numa primeira oportunidade de conversa, pergunto se estava acontecendo algo com ele, se estava chateado com algo e se não queria falar.

Paçoca, sem rodeios, diz que vai embora e pergunta se eu sentirei sua falta.

A razão da saída de Paçoca é sua transferência para a nova unidade da APAE em Cândido Mota, que deve assumir, todos os alunos residentes nessa cidade, entre eles Paçoca.

Tento saber dele se há alguma posição oficial, de qualquer uma das unidades, que possa esclarecer quando e como se dará essa transferência, numa tentativa de também esclarecer a mim mesmo, o que significaria a experimentação de um corte no trabalho que vínhamos desenvolvendo no sentido da construção de um campo de circulação de afetos que já não era mais considerado, somente na relação comigo, mas também aquele campo de experimentação com os outros parceiros. Paçoca apresenta uma leitura sobre essa transferência, de modo que em nossas andanças, ele começa a resgatar todo plano afetivo vivido nos seus treze anos de APAE, lembrando das professoras, seus nomes, suas fisionomias, funcionários e estagiários que já tinham desenvolvido uma atividade, qualquer que fosse, com ele.

Paçoca, enquanto andávamos meio que perdidos, naquela situação toda que tal informação causou, parecia mesmo brincar com suas lembranças, memórias cujos acontecimentos resgatados o levavam, muitas vezes a um riso fácil, escondendo, de certa forma, os traços tristes que, vez por outra, figuravam em seu olhar. Tomando minha presença por testemunha do que já vivera, descortina para mim os relacionamentos de

forma que sua vida era confundida com a história da instituição, numa relação de interdependência que se movia para além de uma leitura de simples passagem por ali, na APAE.

Paçoca resgata com suas lembranças um fluxo de forças que a instituição tende a encarar como secundário, quando não, nem mesmo o leva em consideração, que se fundindo numa história comum, a vida de seus alunos e dela, representada na figura daquelas pessoas das quais Paçoca vai recordando e nomeando, mais uma vez, numa apropriação lenta e gradativa de seu próprio registro institucional.

A iminência de sua transferência trazia-lhe a necessidade de organizar o que vivera nesses treze anos de APAE, seus encontros e desencontros, seus amigos e desafetos, suas queridas professoras, outras nem tanto, o corpo de profissionais que o viu crescer, desenvolver suas potencialidades, outros que ainda nem sabiam direito quem era Paçoca, aqueles que são chamados pelo nome e aqueles que se sabe, enfim, um universo de informações se misturava em meio ao nosso passeio, perdíamos o fio da meada, mas ele sabia que iria embora e que esta mudança seria rápida demais e não seria possível arrumar as “malas”.

E assim aconteceu, Paçoca, juntamente de seus companheiros de Cândido Mota, foram transferidos tão logo a nova unidade pôde recebê-los, fato ocorrido na mesma semana, quando deste encontro

com Paçoca, não dando tempo nem mesmo de nos despedirmos como dois bons amigos.

aqui é o meu lugar...

Retomar os passeios com Paçoca em sua cidade não foi tarefa muito simples, afinal tinha agora que me por a “errar” num outro lugar, num outro tempo que obrigava a uma viagem um pouco mais longa do que aquela que havia me organizado a realizar, mas era preciso continuar. Nova escola, novos amigos, novas professoras, “velhas ocupações”!

Paçoca, durante seus anos de APAE em Assis, havia se tornado referência, tanto para professores quanto para os outros alunos, como alguém que sabe mesmo fazer uma horta. O processo de construção de seus canteiros, o afofamento da terra para o plantio, o “tempero” dela, adubo, esterco e tudo o mais. E foi como “jardineiro” que ele começou as suas atividades na nova unidade. Além de sempre reclamar um pouco sobre o volume de trabalho que tem para fazer, o que também lhe irrita, é a presença de uma professora que ele diz não fazer muita coisa, “coisas de Paçoca”.

Quando saímos pelas ruas familiares a ele, coloca-se como um guia turístico, relaciona-se comigo a partir de uma posição de cuidado, sinto sua presença como de um amigo que, preocupado em mostrar-me o seu lugar, mostra-me ele mesmo como é, seus amigos, seus itinerários e

reminiscências. Leva-me aos lugares que deseja mostrar como espaço de pertença de si, lugares que nos lançam numa linha de tempo traçada na lembrança experimentada pela visita das casas onde já morou, dos bares que já frequentou, das ruas onde já brincou e dos velhos amigos que se fixam em nossa memória, como decalques, figurinha que transferem seu conteúdo num encontro de pele, muitas vezes presentes apenas no campo das sensações, não mais do intelecto.

Paçoca e suas memórias

Eu até já me conformara com as queixas de Paçoca, sua vontade de visitar a escola onde vivera 13 anos, suas professoras, seus amigos, em suma a história que fora obrigado a deixar para trás assim como deixamos as casas onde um dia moramos, os prédios onde, por anos, passamos aprendendo a ler, a escrever, a ouvir histórias, a contar “causos”, etc.

Hoje seria mais um dia desses se D. Ermelinda, uma simpática senhora, viúva e muito amiga de Paçoca não tivesse falecido na última sexta-feira. Conheci essa senhora por intermédio de Paçoca, apenas a visitamos uma única vez, mas ele tinha por ela uma eterna gratidão pela sua bondade e pelo presente que um dia ganhou, um belo par de sapatos.

Paçoca me fala de D. Ermelinda como se ela apenas tivesse lhe feito esse gesto, não relata outras passagens de seus encontros na

cidade onde um dia foram vizinhos, porém o que ele transmite em suas palavras intensifica-se numa emoção que atravessa a singeleza do gesto.

O lamento de Paçoca parece ultrapassar a questão da morte em si, da perda, da insignificância do ser humano frente a finitude da vida, mas se expressa no inconformismo de terem, em sua casa, recebido a notícia do falecimento dessa amiga depois de passado todo o ritual funerário e, dessa forma, não ter conseguido se despedir da amiga.

Sem pensar nos efeitos dessa ação, o que despertaria tanto em mim quanto em Paçoca, proponho que, se quisesse, poderíamos ir até o cemitério para nos despedirmos de D. Ermelinda. De pronto, Paçoca aceita, mas age como se não necessariamente iríamos hoje.

Sigo acompanhando-o em seus silenciosos pensamentos, às vezes me diz que irá para Marília visitar seu irmão, que anda trabalhando muito na escola e que tem vontade de vir para Assis visitar seus amigos. No caminho, paramos numa padaria e Paçoca pede um refrigerante.

Percebi que Paçoca me levava por algumas ruas que não costumávamos andar até atentar-me ao redor e perceber que estávamos perto do cemitério. Paçoca me levava ao nosso destino, mas como saber agora onde estava o jazigo de D. Ermelinda? Confesso que não esperava que Paçoca fosse capaz de querer me levar até lá, mas contra todas as minhas convicções e sem muito alarde chegamos.

Paçoca caminhava pelos túmulos de uma forma confusa, ia a minha frente e de tempos em tempos, parava em frente a um jazigo e

perguntava-me se era aquele. Sua não alfabetização não lhe permitia descobrir qual era o túmulo da amiga, porém, mesmo andando de forma desordenada, paramos em frente ao túmulo de seu pai. Tive dúvidas quanto a localização e perguntando o nome de seu pai, constatei que estávamos em frente ao jazigo certo.

Admiro sua capacidade de localização espacial na construção do caminho que fez no momento do caminhar, deixando-nos a vontade para um passeio que invariavelmente teria como ponto final a reverência dele ao seu pai.

Depois dessa parada, da mesma forma que antes, Paçoca me apresenta o túmulo de sua avó e de sua irmã até pedirmos informações aos homens que ali trabalham sobre o túmulo de D. Ermelinda.

Paçoca num sinal de respeito, faz o sinal da cruz e abaixa a cabeça por alguns minutos diante do túmulo da amiga, nos despedimos em silêncio e voltamos para a escola, novamente acompanhado de suas lamentações sobre os trabalhos na mesma, sobre a horta e a professora que não queria lhe ajudar.

Scoob

Scoob tem 27 anos (2000), é moreno, alto, cabelos castanhos e lisos e seus olhos são escuros. É o aluno (desse grupo de 5 alunos) com o segundo maior tempo de vivência institucional, 10 anos.

Com Scoob realizamos 8 encontros individuais no ano de 2000, além de 10 realizados em grupo. Nossos encontros individuais eram feitos às terças-feiras pela manhã; porém, a partir de setembro, devido à transferência de Paçoca para Cândido Mota, mudamos nossos passeios para às terças-feiras à tarde.

Já no ano de 2001, até o término do primeiro semestre, realizei com ele o total de 3 Acompanhamentos Terapêutico às segundas-feiras à tarde, além de 3 encontros em grupo.

É dono de um semblante calmo e sereno, além de possuir um tom de voz aveludado (ou enovelado), o qual, muitas vezes, dificulta ao seu interlocutor uma apreensão mais precisa do que diz. Porém possui uma paciência complacente, o que lhe confere um certo aspecto de aprendiz, aparenta ser dono de uma atenção que se detém nos acontecimentos ao seu redor, de um jeito aplicado, antenado e em silêncio, à espera do início de uma conversa, de um convite, ou de uma proposta para irmos a algum lugar.

Scoob demonstra ser um grande companheiro de Tigrão pois procuram estar sempre juntos, trocam informações sobre suas saídas, levando-me, muitas vezes, a passear pelas mesmas lojas esportivas da cidade, pelas mesmas lojas de CDs. Scoob age assim até conquistarmos as ruas contíguas ao Centro, pelas quais dificilmente passaria com Tigrão, pois são mais calmas e silenciosas, com pouco movimento, portanto propícias às de nossas conversas.

As nossas conversas geralmente começam no banco da Praça da Igreja Matriz, em frente à fonte, e são povoadas pelas histórias dos filmes que Scoob assiste na TV, à noite, ou então quando ele, não raramente, falta da instituição. Elas partem de um ponto comum de nossas experiências na instituição e vão sendo conduzidas à sua vida dentro de casa, à montagem de seu cotidiano familiar. A atenção que Scoob presta às coisas que realiza faz com que ele seja dono de um relato minucioso, porém entrecortado por momentos de esquecimentos, brancos de memória, os quais tentam ser amenizados com o estalar dos dedos e a constante pergunta:

“– Como era mesmo o nome daquilo...?”

em silêncio, caminhar

Encontro Scoob sentado, a minha espera, em uma carteira de sua sala de aula, onde, juntamente com sua professora e seus colegas, iniciava as atividades que iria desenvolver durante o período da manhã. Ao me ver chegando próximo a porta, Scoob levanta, despede-se da classe e vem ao meu encontro, parecendo estar mesmo ansioso para sair. Da porta cumprimento o pessoal da sala e, sem demora, peço que Scoob me acompanhe a fim de pegarmos os passes do circular. Nesse percurso, pergunto a Scoob se ele gostaria de pegar o ônibus para passearmos no centro da cidade e, com uma resposta precisa, me diz que não era preciso, que poderíamos ir a pé até lá, que não haveria problema algum, pois ele

gostava de andar. Aceito a proposta dele, porém pego os passes mesmo assim, somente para tê-los caso fosse necessário.

Começamos a ganhar as ruas próximas a instituição rumando para a avenida principal, Scoob imprime um ritmo rápido em suas passadas, dificultando qualquer conversa que quisesse ter com ele. Tentava perguntar-lhe coisas como: o que ele iria fazer hoje na escola, que tipo de trabalho estavam realizando no jardim, o quê Tigrão havia lhe contado? Mas não conseguia, ele não me ouvia e eu tinha que apressar-me se quisesse ficar ao seu lado.

Nos primeiros momentos do AT com Scoob, tive a impressão de que talvez eu devesse ir me acostumando com um passeio sem conversa, algo como um exercício físico de resistência e que ele se tornara meu treinador. Cansado, chamo pela primeira vez a atenção de Scoob, dizendo a ele que não era preciso correr, tínhamos um bom tempo para passearmos e que, caso não chegássemos a ver as coisas que ele queria hoje, voltaríamos várias outras vezes. Afinal estávamos começando um trabalho que teria a duração de um ano e meio de encontros e passeios. Digo ainda que, para conversarmos, era preciso que ele se dirigisse a mim e que falasse mais devagar cada vez que quisesse me dizer algo, pois no ritmo em que estávamos andando eu não conseguia entender o que ele falava e quando eu pedia para que repetisse, não me dava ouvidos.

Scoob é uma pessoa que transmite uma certa tranqüilidade, como já o descrevi, parece possuir uma paciência difícil de se encontrar na

maioria das pessoas e, somente quando chegamos na praça da igreja matriz é que pudemos experimentar um pouco dessa paciência. Nos sentamos em um banco e ali ficamos observando o movimento da rua em silêncio. E ficaríamos por mais tempo assim se eu não dissesse para Scoob que o passeio de Tigrão também havia começado por ali, na praça da catedral despertando nele uma atitude, no mínimo inusitada, pois, com um ar de espanto e alegria, diz conhecer aquela pessoa da qual eu estava falando, que ele também estudava na APAE e era seu amigo. Sem saber muito bem como resolver aquela pequena confusão, apenas confirmo as informações que Scoob traz, com a mesma intensidade com a qual me transmitia aquele sentimento de pertença a um universo conhecido. Um amigo seu, com o qual eu já havia saído e conversado um pouco, servia-nos como conexão para a nova relação que se iniciara há pouco, fortalecida por elementos comuns a ambos e que, portanto, poderia mesmo ser o prenúncio de uma amizade em curso.

calçando as chuteiras

Tigrão passa por mim e antes mesmo de me encontrar com Scoob, me diz que Scoob quer ir ver as chuteiras também e que vai me pedir para levá-lo onde havíamos passeado. O jogo se aproxima e os ânimos do pessoal estão a flor da pele, todos se preparam para aquela que seria a experiência mais emocionante na vida desses jovens e anônimos jogadores.

Encontro com Scoob no corredor e logo que nos cumprimentamos comunica-me que já conversara com Tigrão, já sabia onde tínhamos passeado na semana anterior, que também queria ir ver as lojas de calçados, as lojas de materiais esportivos para ver as chuteiras, afinal, seu amigo lhe contara que havia muitas chuteiras bonitas e o jogo seria já, no final do mês. Explico para Scoob que deveríamos pegar o ônibus, para dar tempo de visitarmos as lojas que Tigrão havia lhe contado e, no ponto do circular, proponho irmos até a praça da catedral para iniciarmos nossa procura pelas chuteiras.

Ao chegarmos na praça, Scoob pede para que fiquemos um pouco por ali, quer ver a fonte e, enquanto isso, diz que vão jogar em Marília, ele e todos os seus amigos da escola estavam treinando muito com o professor de Educação Física.

O tema do jogo ganha importância entre os alunos a mesma medida em que se aproxima o dia deles irem para Marília, sentem-se importantes por representarem o nome da APAE frente aos outros times, não necessariamente de educação especial, e seria uma honra e uma responsabilidade, fazer bonito nos jogos. Scoob se põe a conversar sobre os jogos que já fizera pela escola, em outros anos, relembra que os resultados nem sempre foram favoráveis, mas que estaria disposto a treinar para esse jogo. Após alguns relatos de suas experiências como jogador, Scoob me convida para vermos as chuteiras.

Iniciamos por uma loja próxima a catedral e da vitrine podemos ver as chuteiras, várias cores, várias formas, várias marcas e vários preços nos entretém até a aproximação de um vendedor. O atendente pergunta-nos se precisávamos de ajuda e Scoob, de um jeito desconfiado, olha para o atendente, mas não lhe responde a indagação. Espero para ver como se dará a comunicação entre o vendedor e Scoob sem interferir naquele início de diálogo, afinal, se Scoob estava experimentando a dinâmica do comércio da cidade a partir daquela loja, seu vendedor também estava tendo a oportunidade de vivenciar uma situação pouco comum em sua loja. Prefiro dar um tempo para que a situação tenha continuidade a partir de Scoob, mas logo sou colocado no lugar de interlocutor entre ele e o vendedor, pois ao refazer a pergunta, se precisávamos de algo, o vendedor a faz diretamente a mim, enquanto que Scoob, visivelmente tenso por aquela pergunta sem resposta, não para de mexer sua cabeça ao olhar para o vendedor e para mim, como quem diz, ele vai lhe responder!

No mínimo essa situação torna-se angustiante para aqueles que se encontram no cerne de uma conversa iminente, mas que não se configura devido ao inesperado encontro “sem propósito” de um aluno da APAE e um vendedor de uma loja de materiais esportivos, pois o que tem o vendedor a oferecer a uma pessoa portadora de deficiência mental e o que Scoob pode querer nessa loja?

Por fim, utilizo-me da fórmula, geralmente eficaz para essas situações, quando os vendedores perguntam se vamos comprar, ou o que estamos querendo e, digo, que não precisávamos de nada, estávamos apenas observando as chuteiras e lhe agradeço a atenção. Scoob repete a fórmula, olha por mais alguns momentos as vitrines e então me chama para continuarmos andando.

A mim, não interessa saber se Scoob tem condições de comprar aquelas chuteiras, não sei nem se ele está interessado nelas, mas sei que aqueles calçados assumiam, naquele momento, um significado importante, tanto para ele como para Tigrão, portanto não estávamos fazendo compra, ou uma pesquisa de preços, juntos compúnhamos uma história.

Passamos por várias outras lojas de calçados e a cena só não se repetiu porque Scoob tomava a iniciativa de dizer aos vendedores que nós apenas observávamos as chuteiras.

Scoob e a pedinte

Scoob espera por mim em sua sala, pronto para sair. Ao ser perguntado onde gostaria de ir, com certa dificuldade em se lembrar, esfrega o polegar contra o indicador na tentativa de encontrar, em algum lugar de sua memória, o nome de onde queria ir. Nessa dificuldade responde-me apenas que gostaria de ir lá...Percebendo sua dificuldade em se lembrar e conseqüente angústia, não insisto que me responda a

pergunta, onde sair, mas que me diga o que tem "lá", nesse lugar, para que eu possa ajudá-lo em sua lembrança.

Fala da fonte e da igreja e então, nomeio para ele que "lá", é a Praça da Catedral, dessa forma, aliviando o esforço de memória que realizara responde que é lá mesmo que quer ir, na praça da Catedral. A Praça tornara-se para nós como o ponto de partida para nossos passeios, um lugar onde, às vezes, ficávamos quase todo o tempo conversando sobre ele, sobre seus anseios por um trabalho, uma saída com Tigrão, pelos cuidados dedicados ao seu cachorro, além da convivência que tínhamos com os diferentes grupos que habitavam, de diferentes modos, aquele lugar, pessoas que faziam da praça um ponto de passagem apenas, outros que aproveitavam as sombras das árvores como um momento de descanso para a correria diária, outros ainda que por ali passavam para irem rezar...

Pegamos o ônibus e Scoob lembra que Tigrão faltara na segunda-feira e que hoje, terça-feira, ele também não veio, comenta que Tigrão pode estar doente e que podemos organizar uma visita um dia desses.

Pergunto se ele sabe onde o Tigrão mora e Scoob explica que Tigrão mora naquela rua onde tem uma padaria, refere-se a uma rua onde um dia nos encontramos, (ele ia buscar pão e encontrara-me em frente a minha casa), que era só virar a esquina e encontraríamos uma casa com portão vermelho. Continua me explicando o jeito da rua, da casa,

mas não sabe responder o nome e nem ao menos o número da casa de Tigrão, ele sabia onde era e isso lhe bastava para chegar até lá, porque deveria saber o nome da rua e o número da casa? E enquanto Scoob me conta o caminho que faz para chegar até a casa de Tigrão, chegamos ao nosso destino, a Praça da Catedral.

Sentamos em um banco estrategicamente escolhido para que ficássemos próximos à fonte e por alguns instantes ficamos em silêncio, apenas observando e ouvindo o murmúrio das águas.

Scoob, ao observar um grupo de jovens que estava perto, transfere sua atenção das águas para o conteúdo da conversa daqueles jovens, realizadas entre risos e comentários que, mais tarde pude saber, segundo Scoob, se tratava de um filme que havia passado no dia anterior, na sessão da tarde.

Scoob fita aquele grupo com um aparente interesse de entender o que dizem, interesse expresso em seu semblante, até que, num certo momento, Scoob volta-se para mim e começa a contar-me do filme que eles estavam falando e que ele também tinha assistido. Assim como Tigrão ele havia faltado na segunda-feira e pode assistir ao mesmo filme do qual comentavam aqueles meninos.

Pergunto coisas sobre o filme e se recorda que era um filme muito engraçado, onde as pessoas faziam muita palhaçada e que tinha além disso uma mulher junto deles. Continua sua história e sem se lembrar do título do filme, conta as cenas dos policiais e o quanto eram cômicas. O

relato de Scoob provoca risos que se seguem até o término de sua narrativa.

Andamos por ruas contíguas ao Centro, ruas pouco movimentadas e basicamente residenciais. Nessa caminhada Scoob destaca a tranqüilidade e o sossego daquelas ruas por onde passamos. Conversamos sobre as coisas que costuma fazer quando está em casa, tais como: assistir televisão, ficar de “bobeira”, além de cuidar de um gato e um cachorro que são de sua responsabilidade.

Scoob marca dois lugares e tempos distintos que ocupa e como se relaciona a partir desses espaços, a escola como lugar de trabalho, e a casa como lugar de lazer e descanso. Esses lugares marcam modos de relação com o mundo engendrado a partir de um campo de subjetivação determinado pelos efeitos observáveis naquilo que esses modos produzem, tendo como partida seus atos concretizados no meio. Assim, é possível que Scoob experimente a ocupação de um outro lugar, contrário aquele do discurso (e da prática) incapacitante da Excepcionalidade, para ocupar o lugar de responsabilidade e de cuidado para com os outros, seja a preocupação expressa pela falta de seu amigo, seja pelo relato de cuidado de seus animais de estimação.

Bom, até agora só pudemos observar um dos dois lugares ocupados por Scoob, o espaço familiar de sua casa. E o outro lugar citado, o espaço da escola, como Scoob o ocupa? Continuemos nosso relato.

Antes de voltarmos para a instituição porém, uma pedinte aborda a mim e ao Scoob, suplica-nos dinheiro, digo que não tenho e Scoob faz o mesmo. Enquanto a mulher se afasta, Scoob lamenta a atitude daquela mulher, dizendo que essa forma de arrumar dinheiro era errada, que isso não é bom e não se pode pedir dinheiro na rua. A tal pedinte afetara Scoob de modo que ele não conseguia parar de olhar seu gesto, repetido com todos aqueles com os quais encontrava em seu caminho, com uma certa desaprovação expressa pelo movimento negativo de sua cabeça. Questiono como ele conseguia dinheiro e, prontamente, me responde que seria trabalhando. Insisto ao perguntar-lhe onde trabalharia e nessa indagação limite, Scoob diz que não sabe como ganhar dinheiro.

Digo indagação limite, pois o espaço ocupado pelo tema trabalho encontra-se atrelado as atividades que Scoob realiza juntamente com seus amigos de sala, afinal, são responsáveis pela horta, pela manutenção do gramado e do jardim, auxiliam na oficina de marcenaria e alguns até trabalham na confecção de tapetes, atividades que cansam, segundo esses mesmos alunos, e portanto, são encarados como trabalho.

Para esses alunos, assim como para Scoob a atividade exercida na instituição não vai além de uma ocupação, de uma disciplinarização para o trabalho, que não se insere no campo da produção humana e nem ganha espaço de narrativa realizada e reeditada no cotidiano das relações de trabalho atravessadas pelo tempo, onde o aprendiz de hoje pode vir a ser o profissional do amanhã. Para Scoob e seus

amigos, não há mercado de consumo (fato não raro nos dias de hoje), que dirá mercado de trabalho.

Assim, Scoob e eu voltamos em silêncio para a escola, a pedinte seguiu seu caminho, mendigando e Scoob? Seria eu o responsável por arrumar-lhe um trabalho, uma forma digna? De ganhar dinheiro?

como hoje, perder-se

Da mesma forma que fazemos desde aquele dia em que fomos ver as chuteiras, encontro Scoob na instituição e, já pronto, esperava para pegarmos o circular. Scoob fizera da praça da catedral nosso ponto de partida, sentávamos em frente a fonte e observávamos o movimento das águas, ele parecia precisar de um tempo para poder começar a conversa, arrumava-se no banco e só depois de alguns minutos ali, em silêncio é que começava a contar como estava difícil aquele trabalho de jardinagem nos canteiros da escola..., como estavam progredindo nos treinos..., comentava as faltas de Tigrão e que ele também faltaria qualquer dia desses e que ficaria em casa, debaixo das cobertas..., assistiria televisão e à tarde veria a Sessão da Tarde... que, na sua opinião, eram os melhores filmes, pois dava para assistir o filme todo, diferente daqueles que passavam a noite que, não bastando serem impróprios, com mulheres peladas, passavam justamente no horário que ele tem que dormir para poder acordar cedo...

Dessa maneira, ficamos por um bom tempo em frente a fonte, até que Scoob me convida para caminharmos. Não tem um lugar em especial que queira ir, mas pergunta-me o nome daquela loja onde vimos as chuteiras quando passeamos pelas lojas especializadas em material esportivo e com o dedo aponto onde ficava, dizendo-lhe o nome. Perguntado se gostaria de ir até lá, mais uma vez, responde que não, começa a caminhar numa direção que não costumávamos tomar e eu o acompanho sem preocupar-me com o destino de nosso passeio, ou mesmo seu itinerário.

Há uma certa tranqüilidade de minha parte por saber que, por mais que nos afastemos do centro de Assis, por mais que caminhemos por bairros não conhecidos, o máximo que pode acontecer é nos atrasarmos. Acompanho-o e juntos vamos conhecendo ruas, lojas, lugares bem diferentes daqueles com os quais havíamos nos acostumado em nossas saídas. Encontrávamos agora uma certa quietude nas ruas, o movimento de carros diminuía e Scoob sente essa diferença e comenta:

– Que bom que saímos daquele movimento. Não gosto muito de barulho.

– Que barulho você não gosta? – Pergunto a ele, que me responde:

– Ah! Aqueles carros, aquele movimento, é perigoso de atravessar as ruas com aqueles carros correndo, não param nem para gente atravessar a rua.

Concordo com Scoob, mas também lhe digo que é possível caminhar pelo centro sem correr perigo, bastava tomar um pouco mais de cuidado ao atravessar as ruas e, afinal, foram naquelas ruas do centro que pudemos visitar as lojas de calçados.

Não espero, com essa explicação, dizer para Scoob que era preciso voltar a caminhar pelo centro para encontrarmos com as pessoas das lojas, o movimento de pedestres. Apenas marco a diferença, que ele mesmo expressou entre essas duas localidades, (o centro e suas cercanias) como diferentes lugares que podem ser ocupados de diferentes maneiras e momentos, sem que, no entanto, um lugar se privilegie em detrimento do outro, mas que ambos componham uma variedade de territórios a disposição de traçados de nossas cartas político-geográficas dos lugares percorridos na cidade com toda peculiaridade que cada um oferece.

Scoob, depois de alguns passos em silêncio, enche o peito de ar e, em tom sério, diz que gostaria de morar naquele lugar, naquele bairro. Mesmo conhecendo pela primeira vez aquela localidade sentira por ela uma afeição que se expressara no desejo de pertencer, de participar e de fazer daquele lugar, um lugar de refúgio para as preocupações diárias de seu cotidiano institucional e familiar.

Tigrão

Tigrão é um rapaz de 28 anos (2000), reside aqui mesmo, em Assis. Branco, olhos castanhos claros, cabelos lisos e castanhos e um sorriso que, quando estampado, o que não é raro, lhe cobre o rosto com seus dentes perfeitamente brancos, frequenta a instituição há 4 anos.

Com Tigrão, realizamos 8 encontros pelo AT durante o ano de 2000, além de 10 encontros em grupo. Já no ano de 2001 realizamos, até o término do primeiro semestre, 3 ATs, às terças-feiras à tarde, além de 5 encontros em grupo.

O baixo número de ATs realizado com Tigrão nesse primeiro semestre deve-se ao elevado número de ausências que esse aluno acumula durante o ano letivo. Suas faltas acontecem constantemente e são muitas vezes seqüenciais, constituindo-se numa construção de cotidianos experimentados por espaços de tempo ora mais próximos, ora mais distanciados.

Os passeios com Tigrão são feitos, em sua maioria, pelo Centro da cidade, na visita a lojas de calçados, materiais esportivos, além das de CDs e de uma especializada em instrumentos musicais.

O sorriso de Tigrão é o início de qualquer conversa quando estamos juntos, a sós, ou quando nos encontramos na companhia de outras pessoas. A sua conversa é clara e objetiva, manifesta sua curiosidade através de indagações simples e pacientes, dirigidas sempre a seus interlocutores e à espera de respostas.

Seus temas preferidos para o início de nossas saídas são, geralmente, os que se referem à política e ao futebol – os quais aborda desde fatos corriqueiros e próximos, veiculados principalmente pelas redes de rádio da cidade, até os temas trazidos pela programação dominical da rede televisiva nacional.

conhecendo Tigrão

Ao dar início às saídas com Tigrão é possível observar uma certa expectativa tanto dele, quanto minha, no que diz respeito a forma que daremos ao relacionamento construído nos encontros cujo pano de fundo é o AT, lugar onde acontecerá nossas, (inter)ações e (re)invenções de modos de ocupação do espaço, desde a conquista das ruas pelas quais caminharemos até a conquista de um outro lugar de subjetivação motivada pela vivência dessas andanças.

No entanto, Tigrão é apreensivo na forma como se relaciona comigo e parece querer marcar bem, a distância dos lugares instituídos que ocupamos (eu como seu acompanhante, ele como aluno a ser acompanhado).

Numa primeira análise desse distanciamento e tomando por base a relação de respeito, acreditamos que Tigrão se utilize de uma forma hierarquizada de relação entre as pessoas que ocupam os lugares a serem respeitados socialmente definidos, onde aquele que ocupa o lugar de subordinação fica preso a uma forma

“ajuizada” de referência ao outro, colocado como seu superior, até mesmo quando esse outro não se coloca como tal, pois esta hierarquização não é pessoal, ela acontece na dinâmica das relações, na construção subjetiva e inconsciente das formas humanas.

Assim, enquanto construção da dinâmica das relações humanas acredito que poderíamos iniciar uma outra forma de respeito, na qual Tigrão pudesse se colocar ao meu lado e, sem se preocupar com as formas prontas e hierárquicas no seu jeito de falar, dirigir-se a mim como um companheiro, um cúmplice nas suas andanças, nas suas narrativas e experimentações da cidade.

Para pôr em prática essa proposta não posso esperar que Tigrão tome a iniciativa de nossas saídas, proponho sempre onde poderíamos começar nossos passeios, mas deixo que ele nos guie a partir do momento que chegamos ao local proposto. E, numa dessas saídas nos encaminhamos ao shopping, precisamente, as máquinas de jogos eletrônicos onde por um bom tempo ficamos em silêncio, com Tigrão passando de máquina em máquina e eu achando que explicava-lhe o funcionamento das mesmas.

Tentando aproximar-me dele ofereço-lhe a chance de jogar em uma daquelas máquinas se quisesse. Prontamente aceita e escolhe a máquina que simula uma corrida de carros, seus controles nos chamam a atenção por serem iguais aos carros de verdade, direção, freio, marchas e

embreagem. Na expectativa de ver Tigrão jogar de verdade e não só mexer em seus controles desligados, criei uma tensão interna capaz de imaginar o sucesso daquela experiência que me fizesse amigo, cúmplice da alegria de Tigrão. Orientando-o, a partir dos comandos escritos da máquina, pois eu não sabia jogar, fui dizendo o que devia fazer para acelerar, virar, mudar de marcha, ultrapassar os outros competidores...de repente vejo-me numa enchente de informações que não mais permitia estar com Tigrão.

Minha preocupação era de ensiná-lo a jogar, porém seu interesse pela máquina não se alterou, da mesma forma que mexia nos comandos com a máquina desligada, ele mexia agora e o fato de estar “jogando para valer” (essa era a minha visão só porque eu havia dado a ficha a ele), não modificara em nada a forma com a qual interagia com a máquina anteriormente.

A virtualidade da máquina capturara a atenção de Tigrão antes mesmo de entrar no jogo e eu, como ainda não tinha entendido essa dinâmica na forma dele se relacionar com a situação proposta na máquina, forçava-o quase a uma sobrecarga de afetos, (de todos aqueles efeitos visuais, sonoros e táteis além da própria sensação de estar dirigindo).

A partir dessa experiência começamos a perceber o tempo necessário para juntos experimentarmos as situações vivenciadas no AT, sem um certo atropelamento de sensações, mas sim, que fosse, amplamente exercitada, na construção de uma relação capaz de testemunhar a existência de uma experiência

comum entre duas pessoas diferentes, compartilhantes de um mesmo tempo e espaço.

verdades? histórias e estórias de Tigrão

Acreditando estar mais próximo de Tigrão devido as aventuras contadas e vividas por ele nos fins de semana, aproveito suas “deixas” para introduzir alguns dos temas que encontram-se intimamente ligados a questão da “Excepcionalidade” experimentada, particularmente por ele em nossos encontros.

Assim, quando diz que seu irmão quer ser policial, que vai para São Paulo e que vai ter um revólver na cintura, sem deixar de acolhê-lo na sua informação, pergunto a ele, o que gostaria de fazer, em que trabalharia, o que faria com o salário?

Questões pontuais, possíveis de serem feitas a qualquer um que tenha um mínimo de acesso ao plano do trabalho, nem que esse acesso se restrinja a uma utopia, (para alguns mais próxima, para outros, nem tanto), mas que reflete a intenção da ocupação de um mundo real das realizações humanas, onde as pessoas se apresentam pelas ações (intenções, pensamentos, feitos, realizações), pela forma com que se constróem a si mesmas e não pela forma como são configuradas ou emolduradas num modo de produção preexistente que se quer homogeneizante e intolerante.

Não era minha intenção obter respostas a essas questões e acredito que ainda não as temos, mas cada vez que eu colocava para Tigrão uma possibilidade de ocupação de um outro espaço de produção subjetiva, ele aceitava como um presente a ser vivido no momento de sua narrativa e começava a construir sua vida fora do plano conhecido e contagioso da “Excepcionalidade”, vislumbrando uma vida sonhada sim, seja no plano do trabalho, dos encontros amorosos, dos encontros entre amigos, do lazer, etc, mas muito mais próxima da realidade por ele experimentada em casa, nas relações familiares, na escola com seus amigos, professores, funcionários e técnicos responsáveis pelos cuidados prestados na instituição.

Questões que vão nos aproximando a mesma medida em que se tornam mais complexas no engendramento de uma amizade cúmplice no testemunho das experiências vividas em nossos passeios, mesmo que somente na forma de relatos de imaginações, de contos e narrativas das histórias e estórias minhas e de Tigrão.

o coração nos pés

Hoje, minha saída com Tigrão já está um tanto quanto decidida, mal o encontro e ele vem me contar do jogo que terão em Marília. Um jogo programado pelo professor de Educação Física e que deveria acontecer por esses dias, ele não sabia ainda quando seria, mas já deveriam começar a treinar logo. As autorizações estavam sendo

aprontadas para que fossem levadas para seus pais assinarem e, o que era melhor, deveriam começar a arrumar as “tralhas do jogo” (mochila para as chuteiras, os meiões, as luvas para o goleiro), enfim, era preciso que não fossem pegos de surpresa no que se referia às condições técnicas e táticas para o jogo.

Era possível perceber a efervescência desse acontecimento em todo e em cada encontro que tínhamos com Tigrão, como também com todos os outros jogadores. A expectativa era grande e os alunos só falavam disso.

Saio com Tigrão e vamos pegar o ônibus. Junto à expectativa do jogo, fala dos resultados dos jogos do fim de semana, comenta uma jogada duvidosa, e trás notícias do Jaboticabal Atlético, sabe que sou de lá e começa a construir, numa conversa aparentemente corriqueira sobre futebol e por iniciativa própria, um espaço de diálogo a ser ocupado por uma certa cumplicidade que, a meu ver, nos colocaria numa paridade de significações onde já poderia prefigurar uma relação de amizade a ser cultivada e cuidada por ambos, colocando-se a disposição do AT, deixando-me, dessa forma, à vontade para a realização do trabalho que me propus fazer, sem que, para tal atividade fosse necessário cair no discurso intimista do sujeito.

Tigrão inaugura em nossos encontros, a partir dessa sua colocação, um campo de diálogo fora do discurso intimista do sujeito, coloca a amizade como

uma construção a se fazer na dinâmica de nossas conversas, na política dos nossos encontros e na ética de nossas condutas em relação, sempre, consigo mesmo e com o outro.

Não havia o peso da confiança em suas palavras, ou a seriedade triste e medrosa de um segredo, na superficialidade rara das proposições, (rara porque difícil de se encontrar numa conversa), Tigrão encontrava no tema “futebol”, um canal de acesso a mim, que nos fez mais próximos, permitindo-nos experimentar uma outra forma de, juntos, realizarmos um sonho. Sonhava em, um dia, poder ter uma chuteira, afinal o jogo estava próximo e ele precisaria ter condições de ajudar seu time. Saímos a caça das tais chuteiras e, em cada loja de sapatos ou materiais esportivos, Tigrão escolhia suas preferidas, mostrando-me pela vitrine mesmo, quais as cores que mais gostava, qual o tamanho que lhe serviria e quais suas melhores jogadas.

Assim, durante algumas saídas tudo o que conversávamos era a respeito do futebol, as bolas, as chuteiras, as luvas e os possíveis lugares onde o professor de Educação Física os levariam para treinar. Tigrão por fim, ganhara as chuteiras, usadas, de um amigo, dizia-me que ela estava em bom estado, só precisava de uma engraxada, tarefa que seu pai havia lhe dito que faria.

Tigrão, junto ao time, perdera o jogo, porém a oportunidade de competirem com outros times fora de Assis, de serem tratados como

jogadores (não deficientes), possibilitou-nos o início de um encontro cujos efeitos reverberam-se na lembrança de um sonho.

em busca do som

Ao encontrar Tigrão, sou por ele convidado, para acompanhá-lo num passeio diferente, diz que vai ver alguns CDs e que possivelmente seu pai iria comprar um e, portanto, era para ele escolher. Tomamos o circular e descemos na praça da Matriz, um bom lugar para começarmos a busca pelo CD. Digo a ele que a partir dali, da praça, seria mais fácil passarmos pelas lojas e, se seguissemos o percurso da avenida principal, ainda daria tempo de visitarmos também algumas bancas de vendedores ambulantes. Tigrão gosta da proposta e, ansioso por escolher seu CD, mal suporta a espera do ônibus perguntando-me, por várias vezes, se o mesmo já não tinha passado.

É um passeio diferente, pois Tigrão tem planos formados para hoje, e a mesma espera tantas vezes já vividas é experimentada a partir de um plano de sensações que lhe causam uma certa expectativa, uma certa apreensão do tempo que se diferencia, sensivelmente, daquela que estávamos acostumados a experimentar.

Gostaríamos de chamar a atenção do leitor para a quebra na rotina de trabalho realizada pelo AT e a sua disposição em agenciar outras formas de “rachaduras” dentro dela mesma. Uma fissura que nos coloca num campo de

possibilidades de agenciamentos e conexões da ordem dos sem números de descrição de encontros que, uma vez posto em movimento nos orientam em nossos passeios sem nos conduzir por caminhos preexistentes, nossos caminhos vão se desenhando no momento mesmo da conquista dos espaços que habitamos. Tigrão habitara o plano da música e hoje, saímos em busca do som.

Tal como uma “moda” ligeira, Tigrão via-se acelerado pela difícil tarefa que teria pela frente, de escolher um único CD no meio daquela variedade imensa de oferta de sons, ritmos, cantores, conjuntos existentes entre os ritmos musicais que gostava (que também, não eram poucos).

Como combinamos, descemos na praça da Matriz e começamos nossa busca por uma loja situada no quarteirão seguinte e seguimos em direção a estação na intenção de também passarmos pelos ambulantes.

Nas lojas especializadas de CDs, eu também aproveitava para ver os últimos lançamentos, procurava nas prateleiras, sem querer achar, enquanto Tigrão era atendido pelas vendedoras, que lhe colocavam os fones para poder ouvir as músicas do disco que escolhera, e nesse movimento ficamos por um bom tempo. Em cada loja uma parada, um encontro, uma nova audição e uma dúvida a ser discutida até a próxima loja. Tigrão já ouvira funk, axé, pagode, samba, heavy metal, sertanejo...e ainda não sabia o que escolher. Na verdade escolhera todos que ouvira, porém não decidira qual comprar, uma ação ainda distante, haja visto não

ter o dinheiro ali, no momento em que exercitávamos a escolha. Afinal, quem de nós não nos atrapalhamos um pouco num momento de escolha, ainda mais quando a oferta do que nos interessa se faz farta e o número da escolha, reduzido?

Passamos pelas lojas, pelos ambulantes até ganharmos uma rua onde já não era mais possível encontrar lojas que trabalhassem com CDs e, como já havíamos tido uma boa amostra do campo de escolha de Tigrão, peço que comecemos a retornar, ou perderíamos o horário de chegada. Proponho a Tigrão que vá pensando no CD que gostaria de pedir para seu pai e, ao dobrarmos a esquina para voltarmos por uma rua diferente daquela que havíamos passeado, Tigrão avista uma loja de instrumentos musicais e, com olhos vidrados, me pede para fazermos uma última visita às lojas. Diferente das outras lojas visitadas, iniciamos nossa visita a partir da vitrine. Guitarras, violões, baterias, instrumentos de sopro, microfones, pedestais, teclados, enfim, uma verdadeira sinfonia de instrumentos que encantavam a Tigrão e faziam-no, por um momento, esquecer os CDs para agora deter-se sobre aqueles instrumentos com seus segredos e mistérios que só os músicos são capazes de desvelar. Tigrão quer ser músico e como seus ídolos cantores, quer aprender a tocar guitarra, quer ter uma banda, quer ser famoso, quer poder sentir a música de um outro lugar.

Entramos na loja e Tigrão foi direto nas guitarras, perguntado pela vendedora se queria experimentar pegá-la, fica um pouco acanhado e

somente quando eu pego a guitarra e passo para ele, se sente à vontade para ensaiar uns esbarrões de seus dedos nas cordas.

Apesar do pouco tempo que tínhamos para experimentarmos aquela sensação, foi o suficiente para que Tigrão não mais falasse sobre o CD que iria comprar, sua vontade voltava-se para a guitarra que um dia teria e a qual por algumas outras saídas ainda seria o objeto do desejo de sua procura...em busca do som.

Tigrão: o correspondente do Fantástico

Durante minhas saídas com Tigrão, não entendia muito bem a preocupação que ele tinha em contar as notícias da noite de domingo, veiculadas pela revista eletrônica da rede Globo, o Fantástico.

Deixava-me curioso a forma como ele abordava os temas controversos da televisão, suas críticas iam desde os fatos políticos até as questões da moda, sua preocupação com a diferenciação entre hábitos femininos e masculinos, dúvida que ainda o persegue nos dias atuais na difícil escolha entre furar a orelha ou fazer uma tatuagem, além de outras informações trazidas na programação dominical da TV, trazia também os comentários que sempre vinham à tona em nossas saídas, o perigo das drogas e a presença de vizinhos maconheiros em seu bairro.

Essas ebulições do seu pensamento davam início as nossas conversas, porém nem sempre seguíamos os apontamentos que ele fazia, pois ao ser questionado em sua opinião a respeito desses assuntos, Tigrão

parecia não possuir opinião própria qualquer formada a respeito dos mesmos. Às vezes em que parecia possuir uma opinião e a possibilidade de sustentá-la tratavam-se apenas quando conversávamos sobre futebol, algo como um outro desastre da seleção brasileira, ou as notícias que me trazia do Jaboaticabal Atlético, time de minha cidade natal.

Ao trazer o futebol para nossas conversas, Tigrão coloca-se na relação, assumindo sua escolha de torcedor e passa a orientar nosso passeio na busca de camisas que tenham estampado o logotipo de seu time, além de expressar de forma concreta na procura de chuteiras o sonho que todos nós, um dia meninos, tivemos em ser um jogador de futebol.

De início, não percebia esses momentos distintos de Tigrão, não diferenciava a paixão pelo esporte preferido dos temas outros que rondavam o jornalismo do Fantástico, equiparava os seus comentários aos dos seus pais, pensava em Tigrão como alguém que repete o que ouvira em casa na tentativa de compartilhar apenas um punhado de informações que se reciclavam a cada novo fim de semana.

Afinal de contas, esse fato pode trazer algum dado de trabalho ou mais uma vez se confirmar o aprisionamento do sujeito em mais um sintoma da excepcionalidade, revelado por um discurso labiríntico e cíclico. Algumas dessas questões começam a se clarear na reflexão desse quadro composto por nós em nossos passeios através do processo de normatização que se inculca como meta a ser atingida pelos cuidados prestados ao deficiente mental.

Tigrão, de forma alguma na presença de um profissional da área de psicologia, ou mesmo de outro adulto pode se mostrar como uma criança, não o é, mas, devido a sua deficiência – característica singular dessa forma diagnosticada e atendida – tende a apresentar desta forma, quadros de regressão em seu comportamento. O objetivo dos atendimentos estão dessa forma, protegidos e justificados ao mostrar-se atento às mudanças políticas importantes em nosso país, aos problemas sociais, às injustiças e às manifestações de toda forma de indignação que só diz respeito ao mundo “adulto”.

Tigrão tornara-se um adulto, não um mero reproduzidor das informações que assiste na TV e muito menos, das opiniões que ouve em casa, mas alguém que se torna capaz de manter uma conversa sobre coisas sérias, relevantes para uma conversa entre iguais, dois adultos do mesmo sexo e com o mesmo interesse. Tigrão assume o seu lugar ao meu lado, somos dois homens adultos.

Leilóca

Por fim, apresento-lhes Leilóca, moça de 22 anos (2000), há 12 anos é assistida pela instituição.

No ano de 2000, realizamos com Leilóca 11 encontros individuais, além de 10 encontros em grupo. Atualmente, no primeiro semestre de 2001, foram realizados 5 encontros individuais, além de ter contado com sua presença em 4 grupos.

Jovem branca, de cabelos castanhos e lisos cortados na altura dos ombros, olhos negros e confusos, pois, quando uma determinada situação exige dela uma maior atenção, acentua-se ainda mais o estrabismo que possui. Leilóca, além do estrabismo acentuado, também apresenta leves espasmos musculares nos braços e na face realizando movimentos pendulares com o corpo, para frente e para trás, numa intensidade que varia de acordo com o grau de excitação por que esteja passando.

Disposta a agenciar nossos encontros com tudo e todos que vemos em nossos passeios, ou os que se encontram como nós, nos pontos de ônibus, lhes estende as mãos e, com um “bom dia” sonoro e sorridente, cumprimenta a todos, indistintamente.

Leilóca é a mais nova dos participantes desse grupo e é também a única que me chama de “tio”, fato que muitas vezes me pega de surpresa pois, em alguns lugares as pessoas se reportam a mim como se eu realmente fosse seu parente próximo.

É nesse encontro que procuro deixar que Leilóca nos guie pelas ruas de Assis, levados pelas suas vontades e, como um tio atento às vontades de sua sobrinha, apenas trabalho na viabilização desses passeios os quais, nunca se repetem. Um dia, ao Mercado Municipal, outro dia ao Centro, outro ainda à Praça da Catedral e ao “rio” (forma como Leilóca se refere a fonte), além de outros lugares, conhecidos ou não por ela,

sinalizados numa conversa, ou mesmo na ocupação do espaço físico do interior de uma loja, de uma agência de banco, etc.

Sempre que saímos, também acompanha-nos sua amiga “Ela”, um ente imaginário, para quem se dirige constantemente e que se tornou a via pela qual ficaram mais fáceis nossos diálogos, pois “Ela”, além de sua companheira, é também sua intérprete, quem lhe ajuda a organizar os encontros e as conversas comigo.

Leilóca, gosta muito d’ “Ela”, e suas conversas vão desde os fatos acontecidos na escola, principalmente aqueles em sua sala, até aqueles do cotidiano de sua casa, da brincadeira às suas brigas com seus irmãos, etc.

conhecendo Leilóca

Leilóca, por muitas vezes confunde-me com seu jeito de se relacionar com as coisas que a cercam, pois estas vão ganhando novos sentidos a medida que ela se apropria dos espaços conquistados em nossos passeios pela cidade. A atenção que tem com as experimentações proporcionadas pelo AT se refletem no modo como olha para as coisas, devido ao estrabismo acentuado, assim como na forma objetivada que me fita, quando quer apresentar uma novidade, uma descoberta realizada no caminho sem rumo, escolhido ao acaso, forçando-me a imaginar o que está vendo em mim quando me olha assim, ou, o que está procurando ali, parada.

Leilóca deixa-me nessa expectativa até que as palavras, formas itinerantes de seus pensamentos, cheguem à boca, certeiras e objetivas. Estas, apresentam-se tão conectadas aos acontecimentos de nossas saídas que, por muitas vezes, vejo-me surpreendido pela clareza que parece ter de suas vontades, de suas escolhas expressas em momentos lúcidos de diálogo. Uma conversa realizada com ela mesma, porém expressa numa terceira pessoa do singular, a quem um dia fui apresentado como sendo “Ela”, uma amiga e via pela qual pude me aproximar um pouco mais de Leilóca.

Nesse dia, como de costume saímos para caminhar e Leilóca parou em frente a uma loja de implementos agrícolas. Uma loja sem qualquer atrativo que pudesse interessar às pessoas que não lidam com a agricultura, mas que despertou em Leilóca uma certa curiosidade deixando-a imóvel e atenta obrigando-me a parar, uns passos a frente, a espera de sua resolução. Por alguns minutos apenas olhava para a loja e voltava-se para mim sem nada dizer. Percebi uma atenção mobilizada para aquele acontecimento que me fez esperar um pouco mais pela sua resposta e ela então diz:

– Tio, a Leilóca quer entrar, ela quer escrever.

Leilóca reportava-se a atividade na qual estava envolvida na classe de Clarice, num momento e num lugar onde nada me fazia supor qualquer aproximação entre essa atividade com nosso passeio, nem mesmo com aquela loja, no entanto ela insiste:

– Tio, ela quer escrever no papel, vamos entrar, vamos ver tio?

Ainda sem saber ao certo o que Leilóca queria, concordo em entrarmos na loja, mas para escrever seria preciso que ela esperasse até encontrarmos um lugar para nos sentarmos. Ela concorda e, quando entra, encaminha-se diretamente aos folhetos explicativos a respeito do plantio de milho, seu tempo de desenvolvimento, o melhor período para se plantar e assim por diante. Cumprimento o vendedor e pergunto se poderíamos pegar aqueles folhetos, responde que sim e só então Leilóca volta-se para ele fazendo a mesma pergunta.

Leilóca pede para que nos encaminhemos para um banco, um lugar onde poderíamos nos sentar e escrever. Convido-a para ir até a padaria ali perto, lá seria possível nos sentarmos numa mesa.

Junto ao meu material, Leilóca agora também carrega o seu material, as propagandas de milho ganhadas na loja e que iriam lhe acompanhar nas incursões realizadas pelo mundo das letras nas aulas da Clarice, assim como em nossas excursões pela cidade nos encontros que teríamos dali para frente.

passeios no Café Cristina

Andar com Leilóca nas ruas de Assis significa estar disposto a caminhar por lugares dissonantes, lugares sem um itinerário fixo, suas escolhas acontecem ao sabor do acaso e quando descobre a novidade de

uma loja ainda não visitada, uma lanchonete pouco freqüentada tem um jeito muito especial de convencer-me a entrar. Pára na frente do estabelecimento, na minha frente, e com um acentuado movimento pendular do corpo, aponta com o indicador dizendo:

– Olha tio, o que é isso?... Nossa, que bonito!... Vamos ver tio?...Olha...

E assim, de um modo expressivo, ressalta as características do ambiente onde quer visitar, sua beleza, seu cheiro, sua arrumação, etc, como se ela estivesse tentando convencer a uma criança, assim como acostumamos fazer para que a criança se interesse por determinado assunto ou atividade que nos agrada e que acreditamos, também, lhe agradará, se entender o que está se passando. Entretanto, ela deve ater-se ao fato. Sou dessa forma fisgado pelo olhar estrábico de Leilóca e sou convencido a acompanhá-la pelas suas incursões na cidade.

O Café Cristina passou a fazer parte de nossos passeios devido a essa curiosidade e a sua fama conquistada entre as participantes femininas do AT (Ferdinanda e Leilóca). Cristina, proprietária e atendente do estabelecimento, acostumara-se com nossas visitas semanais, tornando-se presença (a)efetiva de nossos encontros, como representante concreta das relações que se estabelecem na cidade e, através dela e de seus serviços, experimentamos a movimentação dos territórios identitários ofertando-lhe, desse modo, um outro lugar não mais fixado a características pessoais dos sujeitos, mas que se define na situação socialmente definida

como comercial, entre aquele que compra e aquele que vende determinado produto ou serviço.

Ressaltamos aos leitores que, não só a Excepcionalidade é movimentada nessa relação, o lugar de acompanhante terapêutico também é colocado em crise, pois se nos perguntarmos quem está agindo para que Leilóca encontre outros caminhos de conexão, talvez encontremos como resposta: a dona do café, ou seja, Cristina. Dessa forma, diluímos as responsabilidades de cuidado, juntos ofertamos espaços diferenciados que não se excluem, mas que se colocam como virtualidades que, enquanto devir, não se confina em uma, duas, uma dúzia de formas de relacionamento, mas que se multiplica em cada nova visita ao Café.

– Vamos de ônibus?

Apesar de Leilóca gostar de ficar ali por perto de alguns lugares já apresentados, gostaria de experimentar, com ela, um afastamento maior, um passeio que não se resumisse ao caminho conhecido, queria dividir com Leilóca a expectativa de um novo itinerário, queria compartilhar com ela um outro movimento em nossas saídas, o qual poderia despertar-nos para uma outra possibilidade de ocupação do espaço urbano diferente daquelas já vivenciadas por nós nas lanchonetes.

Quando perguntei a ela, se gostaria de andar de ônibus ficara bem ansiosa, seus “tiques” acentuaram-se pela ansiedade que deixava transparecer num monólogo que não mais chamava-me a atenção,

mas que, constantemente retornava quando eu colocava para ela uma situação como essa, um momento de escolha que exigia-lhe um pouco mais de atenção. Leilóca não era muito afeita as atenções, concentrações, afinal, quando conversávamos, “Ela”, sua amiga imaginária e via pela qual facilitava-lhe o processo de atenção, também se fazia presente em todos os assuntos que exigissem de Leilóca uma resposta precisa. E, ajudada por “Ela”, Leilóca me responde:

– A Leilóca vai andar de ônibus, tio. Tô com medo!

Antes de continuarmos, esclarecemos que a forma de Leilóca dizer que está com medo, em nada se refere ao convencional medo do qual mentalizamos quando evocamos a palavra medo. Leilóca utiliza-se dessa expressão como uma fórmula capaz de sintetizar uma explosão de sensações que lhe percorrem o corpo e que ainda, em Leilóca, torna-se possível a convivência dessas afetações junto a consciência da experimentação do novo.

O fato de estar sentindo esse turbilhão de afetos, não lhe paralisa o momento seguinte, na espera da decifração ou na denominação dos mesmos e, diferentemente, do que acontece na maioria dos sujeitos, subjetivados na dualidade entre razão e sentimento, assim como no enquadramento dos afetos, quase todos classificados e distribuídos segundo critérios definidos a partir do gênero, idade, função social, etc. Lembramos que esta manifestação nada tem a ver com a Excepcionalidade na qual Leilóca é diagnosticada, diz sim, de uma condição

existencial colocada na singularidade da forma como acontece sua relação com o mundo, consigo mesma e com os outros.

Dessa forma, continuo nossa conversa sem ater-me na expressão da palavra medo e retorno-lhe a pergunta:

– Onde Leilóca vai passear hoje, de ônibus? E ela então responde:

– Tio, hoje eu vou andar de ônibus e vou passear na rua, depois eu vou embora de perua...

Leilóca, quando fala, utiliza-se daquilo que chamaria de recurso teatral de sua voz, enfatiza as entonações de espanto com um “nossa” que mais parece um canto do que uma expressão de admiração, fazendo-a rir de si mesma na repetição divertida e intercalada dos “nossas” e dos “tio, tô com medo”. Fica assim até nos encontrarmos na presença das outras pessoas que nos acompanharão na espera do circular que nos leve a conquista do centro da cidade.

O ônibus chega e tenho que descrever os movimentos de Leilóca, passo a passo, como subir no veículo, a quem deve entregar o passe, como passar pela roleta, enfim, de tão ansiosa, Leilóca não conseguia parar de rir e dizer que estava com medo, porém sua maior dificuldade foi, sem dúvida a roleta. O motorista, com paciência, esperava que ela se acomodasse, mas ela empacou na roleta e mal chegava perto para que eu pudesse ajudá-la. Leilóca já andava de ônibus, mas não ainda

comigo e, acredito que a situação de passeio lhe deixava ansiosa e provocava-lhe uma certa confusão, que também me acometia e, por algumas vezes, me via paralisado, sem saber o que fazer, pois era preciso deixar que ela organizasse tal experimentação de modo que minha intervenção deveria ater-se ao agenciamento das possíveis conexões que poderíamos realizar no presente de nossas ações. Assim, após um breve impasse, peço para que Leilóca me deixe passar a sua frente, agora, não só através da orientação verbal, mostro-lhe como deveria fazer para passar pela roleta, descrevo meus movimentos ao mesmo tempo em que os realizo e Leilóca segue-me, ainda desconfiada e ansiosa, porém com sucesso. O ônibus foi nossa maior conquista hoje, no entanto, Leilóca apresentaria esta mesma confusão cada vez que andássemos de circular, a mudança aconteceu em mim, que já não via-me mais preso em suas confusões, eu entrava primeiro e íamos embora.

...o dia em que fomos a fonte e voltamos de barco

Assim como normalmente tem acontecido nos dias de nossas saídas, Leilóca está sempre a minha espera, numa ansiedade incapaz de deixar a professora sossegada, por um instante sequer, ao perguntar-lhe, insistentemente, que horas eu iria chegar, o que havíamos feito no passeio anterior, qual sabor de suco havíamos tomado no Café Cristina, onde iríamos, e assim por diante até o momento que nos

encontrávamos de fato e a professora recomendava-me que levasse o rolo de papel higiênico, pois Leilóca encontrava-se, mais uma vez, resfriada.

O envolvimento de Leilóca com esse trabalho nos permitiu, desde as primeiras saídas, conhecer um pouco mais de sua dinâmica no relacionamento com os colegas, em família e, principalmente, com sua professora com quem ela buscava uma comunicação quase sempre voltada para as questões das atividades propostas em sala de aula. Leilóca, pedia para ligarmos para professora Clarice cada vez que passávamos por um telefone público. Ligávamos de brincadeira, ela sabia que não era verdade e encarnava a si mesma, conversando por vários minutos com a professora que por mim era interpretada. Colocava-me atrás do orelhão e perguntava-lhe o que estava fazendo, onde estava, o que iriam fazer (Leilóca e o tio), enquanto ela respondia com um certo desembaraço que normalmente não encontrava quando reportava-me diretamente a ela.

Dessa forma, inauguramos um canal de diálogo em que Leilóca pode exercitar um outro modo de atenção: as palavras, que lhe são dirigidas e não apenas as constantes repreensões as quais se acostumara ouvir e autoproferindo na tentativa de corrigir as características que acentuavam sua existência excepcional.

Então, saímos em busca de um lugar onde pudéssemos dar vazão a toda essa ansiedade de Leilóca, convido-a para caminharmos um pouco antes de apanharmos o ônibus e ela, à vontade, acompanha-me a

passos largos, forçando-me a uma marcha um tanto quanto rápida para nosso passeio. Tendo já experimentado a comunicação a partir da terceira pessoa, pergunto:

– Onde Leilóca está indo hoje, será que ela sabe? E, de bate pronto recebo a resposta:

– Sabe tio, ela está indo passear e vai ver roupa bonita...

Se iríamos ver as roupas bonitas ou não, não sabia, mas Leilóca anunciara sua vontade deixando-me pistas de como seria nosso passeio hoje, e sem hesitação entra numa loja de tecidos. Motivada pelo movimento de mulheres lá dentro, começa a experimentar as sensações daqueles tecidos convidando-me para também sentir sua textura e maciez e a espera de um comentário que reforçasse sua primeira impressão, terminava suas interlocuções com a indagação: não é tio? Já acostumado a ocupar o lugar de seu parente próximo, e dessa forma ser confundido pelas pessoas com as quais nos relacionávamos, respondia afirmativamente esperando até que ela tomasse a decisão de continuarmos.

Não sei como essa proximidade parental atingia as pessoas que encontrávamos nas lojas, com as quais Leilóca travava uma conversa, mas elas pareciam ficar um pouco mais à vontade com a sua presença depois que se referia a mim como seu tio. A familiaridade comigo, essa equiparação talvez pudesse trazer às pessoas a sensação de que havia uma certa normalidade em Leilóca, mesmo que externa a sua pessoa, no caso a figura de um familiar.

No entanto, na maioria das lojas de roupas pelas quais passamos e experimentamos seu atendimento de perto, Leilóca é uma consumidora muito exigente com o produto que procura, (deve ser bonito e deve agradar também a quem está olhando), fomos atendidos de um modo especial sem que as atendentes se prendessem a um modo estereotipado de relacionamento, mas que se dedicassem diferentemente na atenção prestada a uma consumidora singular.

Assim, continuamos nosso caminho na conquista da avenida principal da cidade, com Leilóca também conquistando a simpatia de todos que encontrávamos, com seu jeito despojado de conversar e sorrir, achando graça do passeio desde os encontros nas lojas até a primeira vista que teve da fonte da praça da Matriz.

Leilóca vivenciara um paradoxo que a partir deste dia faria parte obrigatória de nossos futuros passeios no centro da cidade. Ao mesmo tempo que se apresentava ansiosa para poder chegar perto da fonte acometia-lhe um medo que a fazia recuar e se esconder atrás de mim. Ria o tempo todo em que tentava aproximar-me da fonte e acompanhava de longe, dizendo para eu tomar cuidado e, brincando consigo na tentativa de melhor lidar com a situação que lhe mobilizara, dizia que iria jogar Leilóca dentro do rio. As várias vezes em fomos ao centro da cidade, Leilóca pedia para vermos o tal rio, apesar de não suportar chegar perto da fonte, ficava sempre a uma distância de uns dez passos longe, num banco da praça, acompanhava-me com os olhares atentos e

sorridentes numa atividade lúdica que não mudou até o fim de nossos encontros. Leilóca continua admirada com o rio no centro da cidade!

Leilóca no ponto

Leilóca diz hoje que quer ir ao mercado, de um jeito um tanto quanto inusitado apresenta a sua vontade e convincentemente me pergunta:

– O que tem no mercado?

Aprendi a me comunicar com ela amargando tentativas e erros nas várias situações em que me via preso pelo seu labirinto de perguntas e respostas, feitas sempre na terceira pessoa do singular, quase que me excluindo da relação, em detrimento do relacionamento de Leilóca com “Ela” a mesma amiga de sempre.

Para nos inserirmos em seu círculo de assuntos sem no entanto, nos configurar como mais um objeto no campo de seu universo, utilizamos também a “terceira pessoa” e, como “um terceiro elemento”, ganhamos forma, vontade, corpo, como também um espaço de possibilidades de trocas afetivas.

Assim, pude saber que Leilóca queria ir ao mercado, pouco importando se queria dizer da compra que sua mãe realizara na semana anterior, ou se era uma escolha realizada ao acaso, ao gosto do universo dos passeios imaginados ou lembrados por ela, o que eu sabia era que ela

nomeára um lugar possível e era meu trabalho possibilitar a experimentação do mesmo.

Escolhi levar Leilóca no supermercado do centro da cidade, deveríamos tomar um ônibus e, ainda no ponto ela continua expressando sua vocação para “relações públicas”. Começa por cumprimentar as pessoas que ali estão e, de um modo pouco convencional, estende-lhes a mão e lhes deseja um:

– Bom dia!!

Surpreendo-me ao ver a cena que invariavelmente acontecia nos momentos de nossa saída e que eu, tantas vezes, me preocupei em considerá-la caricaturada, posta na falta de limites para o seu relacionamento com os estranhos ou na perseverança de um comportamento estereotipado e vazio de sentido. Percebi que minhas críticas às imposições normativas ao sujeito deficiente mental e a justificativa de seu comportamento realizada sob a égide do sintoma se faziam tão presentes em minhas análises quanto na forma em que trabalhava com Leilóca.

Preocupamos com a forma “politicamente correta” de favorecer a participação desses jovens, (aqui representados por Leilóca), no mundo social pautado por certos princípios que, esquecemos de que, mais que ensinar, é preciso juntos abirmos um canal de comunicação capaz da invenção diária e cotidiana do encontro comum. Afinal, qual a transgressão de Leilóca? Que norma estatutária da

vivência em sociedade ela está quebrando quando estende a mão a um desconhecido e lhe deseja um bom dia?

Vivemos nossas vidas isoladas como se fôssemos pequenas ilhas auto-suficientes, essa característica, ao contrário do que muitas vezes somos levados a crer, é um privilégio às avessas dos grandes centros urbanos, que nos atravessa em todo e qualquer momento que somos levados de encontro ao outro e assim obrigados a vivermos unidos por aquilo que nos separa: a idéia de uma igualdade homogeneizante, capaz de apagar toda singularidade, toda marca pessoal impressa na forma dos relacionamentos com o mundo a partir de uma existência forjada por modos intimamente ligados às características intrínsecas e/ou extrínsecas do sujeito.

Leilóca nos mostra que talvez apenas a extensão dos braços nos seja suficiente para se fazer a ponte e promover o encontro com o outro de nossas singularidades, cada vez mais mergulhadas no isolamento individualizante dos sujeitos. Com Leilóca podemos aprender que, com um simples gesto é possível se ter de volta o contato, a comunicação, a circulação do afeto e a formação de redes de conexões múltiplas, como condição radical para abertura de um novo entendimento a cerca de nós mesmos, da construção de um olhar livre da tirania da igualdade.

Leilóca nos põe no campo do embate com o outro, ao oferecer-nos sua mão e, ao saudar-nos com um sonoro bom dia, inicia um contato que pode se fazer do outro lado da margem convencional de relacionamento entre as pessoas

cujas funções encontram-se previamente definidas e condicionadas aos grupos os quais pertencem e, dessa forma, sua presença participativa no mundo se encontra compartilhada na heterogênese inventiva do humano.

Quanto ao supermercado, visitamos a parte destinada aos brinquedos e aos materiais escolares, Leilóca gosta dos cadernos e das canetas, haja visto sua disposição em carregar meus materiais em cada nova saída, tal qual a figura da aluna preferida da professora, a escolhida na turma para cuidar de seus livros e responsável por ajudá-la na saída, Leilóca assim se coloca a minha disposição e disposta a voltar, pede:

– Vamos voltar, tio?

Apenas respondo que sim e deixamos para trás o supermercado, a vida daquelas pessoas com as quais encontramos no ponto, as ruas, a lembrança, os rastros de uma história que se refaz na quebra da rotina do tratamento, toda vez que Leilóca abre um outro canal de comunicação ofertado no gesto das mãos que se encontram na saudação singela e, realmente desejante de um:

– Bom dia, tio...

o Mercado Municipal ou um passeio no Mercado

Após passarmos alguns encontros caminhando nas proximidades da instituição sem que Leilóca apresentasse outro interesse específico em nossa saída, escolhe quebrar esta rotina pedindo para

sairmos de ônibus. Leilóca não se incomodava em passear de ônibus, mas ainda confundia-se um pouco para passar na roleta.

O motorista, desta vez, aborrecera-se e pedira para que ela entrasse pela porta de trás enquanto eu entrava e entregava meu bilhete ao cobrador. Pensava em lhe explicar que era preciso colocar o corpo próximo a roleta para ativá-la e rodopiá-la com a força do próprio corpo, sem necessariamente utilizar as mãos como geralmente tem feito, fato que dificulta o movimento giratório da catraca. Mas, como mostrar-lhe isso, se não a deixavam experimentar a sensação de subir pela porta da frente e passar pelo cobrador na possibilidade de receber e ofertar um olhar ou um sorriso, ao invés da desaprovação do motorista, por ela não ter conseguido passar em tempo (como a maioria) pela roleta?

O ônibus colocara-se a caminho da avenida principal e eu conversava com Leilóca a fim de saber o que iríamos fazer, onde passearíamos, se na “praça do rio”, em qual loja queria ela passar, o que escolhera para fazermos hoje...e ela, num sorriso aberto pergunta-me:

– Tio, vamos no mercado?

Estávamos próximos ao ponto onde deveríamos descer para podermos chegar ao supermercado do centro, levanto-me e respondo:

Leilóca, se vamos ao mercado, precisamos descer no próximo ponto, você está pronta?

Leilóca não se mexeu e disse que não era ali que queria descer, mais uma vez perguntou do mercado e apontou para frente, que

era para continuarmos sentados. Sem contestá-la fiquei esperando que ela desse o sinal de parada do ônibus, mas não acreditava que iríamos ao supermercado, poderíamos descer em outro lugar, no lugar que ela escolhesse e que, provavelmente não seria o lugar que havia me comunicado no início.

Enganei-me! Leilóca ao ver-se próxima do seu objetivo inquieta-se e batendo em meu ombro aponta para a campainha do ônibus. Havíamos chegado ao seu destino e estávamos no mercado, não ao supermercado onde havíamos passeado num outro momento, mas estávamos agora no Mercado Municipal.

Leilóca encontrara um novo espaço de comunicação comigo e com a cidade que não mais dependia da função do AT, ou da própria ocupação utilitária dos lugares coletivos restritos ao consumo, ao contrário, minha presença fôra tomada como uma companhia para um passeio público em meio as lojas de roupas, bancas de brinquedos, quitandas e “barzinhos” tão variados que, ao mesmo tempo em que estão espalhados, encontram-se dispostos num lugar comum: o Mercado.

Lugar de circulação, movimentação de produtos ou valores, porém lugar de encontro, o lugar escolhido por Leilóca para nos encontrarmos fora do circuito consumista da cidade, lugar onde também poderíamos consumir, caso tivéssemos vontade, mas não era essa a primeira preocupação dela, que imprimiu uma dinâmica de ocupação do espaço, sem deixar que lhe escapasse até mesmo os detalhes de uma loja

de *lingerie*, colocada abaixo somente para ver qual das peças melhor lhe cairiam. Apesar dela chamar-me de tio, Leilóca porta-se como uma verdadeira amiga, compartilha suas dúvidas acerca das peças de roupas que experimenta, pede minha opinião, indagando também a vendedora sobre a beleza das mesmas. Ao final do passeio, já cansados, Leilóca convida-me para um refrigerante, antes de voltarmos. Chegando lá, não havia outra coisa que Leilóca dissesse:

– Fui passear no mercado e vi um montão de roupas, vou falar para minha mãe comprar, né tio!?

Concordo com ela e despeço-me por hoje.

um cinzeiro nos escombros

Estávamos todos na sala de reunião do grupo e digo então que trabalharíamos com argila, assim dessa forma, ARGILA. Todos se surpreendem e perguntam o que seria isso?

Com exceção de Ferdinanda que já havia retomado seu cantinho com as revistas sobre a mesa, folheando-as, página por página, num movimento quase que em câmera lenta na tentativa de conciliar as fotos que ia revirando através das folhas que passavam ao leve toque de suas mãos cheias de anéis e pulseiras com a atividade que eu estava a propor ao grupo.

Ainda, enquanto falava que essa tal de ARGILA era uma espécie de barro que podemos modelar várias coisas e que, depois de um

tempo, essas coisas endureceriam e poderíamos nos utilizar delas para várias finalidades de acordo com aquilo que havíamos montado, continuava pensando nas coisas que poderíamos criar a partir daquele encontro com o material.

Leilóca era quem parecia mais agitada com aquela atividade e apresentava aquela espécie de espasmo muscular quando está ansiosa. Continuava dizendo estar com medo e que iria brincar com barro.

Após abertos os potes, todos se olhavam com olhos de quem pergunta: pois então, por onde começar?

Também eu fico esperando o que seria o fim daqueles potes cheios de argila nas mãos curiosas a procura de formas que dessem vazão àqueles pensamentos do início. Nada.

Comecei falar um pouco mais sobre as propriedades do barro, sua utilidade em nossas vidas, falei dos filtros de água, dos vasos de flores e dos enfeites que podem ser fabricados tais como estátuas, moringas, etc.

Paçoca intervem perguntando dos cinzeiros, se também eram feitos de barro.

Respondo entusiasmado que sim e pergunto se ele não gostaria de fazer um. Com a cabeça balançada de um lado para o outro me responde que não de um modo meio que receoso de por a mão naquela massa.

Pois bem, cansado de esperar, começo a pegar o barro para brincar dizendo que faria um boneco e que seria uma cópia do Paçoca, aproveito que ele está de boné e começo a copiar o formato desse seu diferenciador do resto do grupo. Paçoca entre sorrisos fala para que eu não faça aquilo, mas não adianta, já havia feito o boné e tentava agora modelar a “bolinha” que me serviria de cabeça. Os outros começam a gostar da idéia de por a mão na massa e começam a meter as mãos nos potes e retirarem suas cotas de massa.

Leilóca, ainda ansiosa, sorri muito, dizendo estar com medo ao mesmo tempo em que apresenta vontade de mexer também com aquele material. Scoob é quem lhe ajuda a começar a pegar o barro perguntando-lhe o motivo do medo ao mesmo tempo em que lhe mostrava as mãos cheias de argila e a melequeira que aquilo fazia.

Lembro a todos eles que depois era só lavar as mãos que aquela massa das mãos sairia com facilidade. Converso de forma direta com Ferdinanda na possibilidade dela poder tirar as pulseiras e os anéis para que se juntasse a nós naquela atividade que nos era permitida, antes de qualquer outra coisa, o sujar as mãos de barro na construção de uma expressão. Ferdinanda me responde com um “não quero” tão sonoro que me impede a reação de qualquer outra intervenção na tentativa de convencê-la a participar daquela festa de palmas e dedos sujos.

Paçoca, entretido com a confecção do cinzeiro, é quem dá o tom das formas que vão surgir também nos objetos dos outros integrantes

do grupo. Faço minha estatueta e quase nem se nota quando não consigo fazer com que fique em pé. Tigrão, contaminado com a forma de Paçoca, faz um cinzeiro utilizando instrumentos disponíveis na sala, tais como: uma pequena marreta de madeira que estava guardada no armário. Scoob, nos chama a atenção para que observemos a construção de Tigrão com aquela marreta. Paçoca quer também a marreta para poder construir o que seria um cinzeiro melhor que aquele que já havia fabricado, um sem número de vezes. Tigrão lhe empresta a marreta e estreita seu cinzeiro até transformá-lo num barco que chama a atenção mais uma vez de Scoob e lhe dá uma dica para mexer um pouco, mas com aquela massa amassada em suas mãos.

A perua de Leilóca chega e ela tem que se lavar rápido para poder sair no horário combinado, despede-se e sua massa volta para dentro do pote como um monte de barro que foi apenas massageado por mãos curiosas a espera de que ali de dentro daquela cota pudesse sair algo que surpreendem os olhos atentos da menina.

Ao ver aproximar o final do nosso tempo, proponho que deixemos nossas “obras” sobre um jornal para que pudessem secar e retomarmos no próximo encontro. Scoob me ajuda com algumas peças sobre a mesa, enquanto Tigrão e Paçoca juntam tudo que têm nas mãos para somar novamente suas porções de trabalho à parcela de barro que havia ficado no pote para mais uma vez formar algo disforme, comprimido num recipiente de plástico.

Ferdinanda aproveita que estamos arrumando as coisas para também sair e arrumar suas coisas na sala onde estava tendo aula. Despeço-me dela com um tchau apenas e é apenas essa resposta que tenho, tchau!

Os outros vão se lavar enquanto fico terminando de arrumar a sala entre cinzeiros e barcos que dentro de alguns dias não passarão de escombros de um dia de atividades com barro de modelar.

Ansiosos para ver a reação dos alunos frente a um material que pode ser trabalhado da forma que se deseja, além de poder ficar, durar um tempo um pouco maior do que outras massas de modelar, esperavamos uma expressão de algo que cada um dos alunos quisesse nos dizer do fundo de sua vontade em poder fazer algo que seria visto não só pelos próprios colegas de grupo.

Ao iniciarmos o trabalho com o grupo formado pelos cinco alunos do AT, tínhamos a intenção de realizar um trabalho de recuperação das saídas e suas repercussões por nós vividas e experienciadas. A proposta inicial contava com um arsenal de material que nos permitiriam as expressões, por mais particulares que fossem, através dos meios artísticos, os mais diferenciados e específicos, tais como pintura, modelagem em argila, escrita conjuntamente com as narrativas verbais que dariam suporte às falas dos alunos. Esperávamos o despertar de uma integração pautada numa ligação de cumplicidade por parte dos alunos principalmente, com os outros alunos de “igual condição”, fosse ela instituída ou não.

O olhar partia de um plano de visibilidade, do qual muitas vezes se partem a maioria dos olhares que se debruçam sobre a excepcionalidade, o plano da homogeneização. Esperávamos encontrar um grupo pronto para se dividir os relatos de suas experiências vividas no acontecimento comum a todos, além da vivência institucional, agora o AT.

Dessa forma levar toda e qualquer proposta de atividade para o grupo, visava a possibilidade do resgate de um campo de trabalho onde todos podem se encontrar num momento comum, vivido em comunidade, ou seja, como o termo nos remete a uma comum unidade.

Mas como seria possível a comunhão das experiências relatadas através de qualquer expressão, se esta ainda não se faz presente como possibilidade de enunciação dos sujeitos que participam de um grupo?

Sim, não havíamos ainda feito essa questão e deixamos o tempo dar conta dessa responsabilidade que, só mais tarde, depois de “alguns encontros”, pudemos recuperar o trabalho de enunciação do sujeito através de seu modo de subjetivação e, só assim perceber que o trabalho deve agora se desdobrar numa preocupação com a construção daquilo que acreditamos ser a função do grupo no trabalho proposto, ou seja, fazer do grupo um dispositivo.

CLUBE DA LULUZINHA

Hoje faltaram Scoob, Tigrão e Paçoca, em razão de estarem em Marília, em um jogo de futebol organizado pelos professores de Educação Física.

Leilóca e Ferdinanda estão à vontade para fazerem o que quiserem, para conversar sobre qualquer assunto sem a preocupação de terem que dividir o espaço e a atenção com os rapazes.

Leilóca diz que quer desenhar e pergunta onde estão as folhas, respondo que estão no armário e que poderia pegá-las.

Ferdinanda, como num hábito que se transforma em vício, senta-se do lado da caixa de revistas e fica folheando-as, talvez na tentativa de fazer o tempo passar, o que não é muito provável por ter sido sua escolha vir para a sala onde acontece o grupo. Respeito o tempo de Ferdinanda e sua escolha, pouco intervenho em sua atividade perguntando-lhe o que lê e ela menos me responde.

Nesse encontro não consigo construir um ponto comum de atividades e nem mesmo de interesse e de conversa. Acompanho as duas e testemunho suas ações de forma passiva e paciente.

A deficiência não é uma questão de gênero, mas a forma como se diferencia o sexo na deficiência pode nos dar uma pista considerável no andamento dessa análise.

Podemos destacar que as bases que sustentam a formação da mulher em nossa sociedade, tais como do bom comportamento, das atitudes de acolhimento, dos bordados à culinária, competem da mesma forma para a formação da mulher deficiente. Porém com um agravante, os limites a que a deficiência lhes impõe assim como as faltas que lhes conferem.

Esses limites, paradoxalmente, não bastasse a crença de serem inatos, devem ser ensinados ao sujeito assumindo as palavras de ordem que dizem da impossibilidade de se mexer no fogão, apesar da vontade e de serem mulheres, da impossibilidade de se relacionar com rapazes porque podem engravidar, da interdição da vida em comunidade porque não sabem se portar e são incapazes de aprender tal repertório comportamental, porque são incapazes de manter relações significativas com todos esses acontecimentos.

Dessa forma começamos a entender o que atravessa-nos (a mim, a Leilóca e a Ferdinanda) no momento do nosso encontro, na visibilidade da barreira que temos que ultrapassar para que o encontro se realize de fato.

APOSENTADORIAS OU A NEGAÇÃO DO TRABALHO

Estão todos presentes e início o grupo perguntando aos rapazes como havia sido o jogo em Marília, apesar de saber de seu resultado. Queria que eles dissessem para que as meninas soubessem o que eles tinham feito na semana anterior e assim lhes explicassem a razão de suas ausências.

Paçoca é quem mais comenta sobre os acontecimentos dos bastidores do jogo, a forma como tinham viajado, a necessidade de estarem levando as malas com os acessórios do jogo e o desentendimento entre os jogadores do mesmo time.

Neste momento, percebo que na realidade repetiam para mim tudo aquilo que havíamos conversado nos ATs individualmente e que a intenção de colocar um assunto comum para os três rapazes facilitaria a fluência de um a conversa capaz de contagiar a todos, as meninas que realizavam as atividades de folhear as revistas e eventualmente desenhavam algo.

Leilóca era quem mais desenhava e era quem mais concorria na busca de minha atenção.

De minha parte acabei por ficar preso nos assuntos de homens e na atenção das mulheres, o grupo assumiria um movimento de gênero na tensão das forças que caíam sobre mim como figura mediadora dessa situação.

A perua de Leilóca chega, e Ferdinanda também resolve ir embora, faltando dez minutos para o término do grupo, acabo ficando apenas com os três rapazes.

Nesse momento, surge o tema da aposentadoria que o pai de Adriano estava recorrendo e que os outros dois também disseram estar fazendo o mesmo.

Pensamos que a conquista deste benefício também pode trazer um sentimento de que já não há mais nada a se fazer, portanto começamos por problematizá-lo com os alunos, perguntando o que significava o termo aposentadoria, o que significava se aposentar. Todos, de forma geral apresentavam

argumentos pré-formulados a respeito do dinheiro que irão ganhar, porém, eram unânimes na afirmação de que irão “continuar” trabalhando, mesmo que recebam tal benefício.

Pergunto se era possível eu me aposentar e não respondem, ou não querem. Para tanto, terão que falar de sua deficiência e o grupo então termina.

O que é a aposentadoria?

Longe da discussão pela qual passamos no período da reforma da previdência no ano de 1999, para o sujeito excepcional, a aposentadoria pode refletir a legitimação da sanção normalizadora e dos saberes que competem para sua formação e aplicação.

A aposentadoria para esses sujeitos reafirma o lugar de incapacidade que lhes é ensinado a permanecerem e correspondem, de forma clara, a uma necessidade assistencialista que a sociedade deve ter para com seus deficientes.

Mexer com os papéis da aposentadoria para esses alunos significa jogar o jogo das cartas marcadas com o destino que encerra nessas práticas tudo o que o sujeito pode ser para o resto de sua vida.

Encarada dessa forma, a aposentadoria é destituída como um direito benefício (duvidoso) ao trabalhador e passa a se apresentar como sentença da incapacidade de vivências sociais (sejam essas vivências coletivas ou individuais) por parte do deficiente, que deve ser ajustado de tal modo que seja a expressão máxima da incapacidade e da necessidade de cuidados traduzidos em tutela.

5- QUINTA CARTOGRAFIA: LANÇANDO OUTRAS LINHAS NAS CARTOGRAFIAS DAS EXCEPCIONALIDADES

Lançar outras linhas nas cartografias das excepcionalidades nos exigem a experimentação de um campo de criação intenso e intempestivo, de outras formas de vida arrebatada na potência que o modo de relação da amizade toma como plano de expressão de si mesmo, no *“...pôr-se aos olhos dos outros para a apreciação da estética da própria existência, do estilo de vida que oferecemos a nós mesmos”*. (PERES, 2000: 132).

Assim, apropriamo-nos do conceito apresentado por Foucault como um conjunto de práticas capazes de reconstituírem *“... a formação e o desenvolvimento de uma prática de si que tem por objetivo se constituir como o artífice da beleza de sua própria vida.”* (FOUCAULT, 1984: p. 78).

5.1- O cuidado versus tratamento

Ao colocar em cada encontro relatado, o exercício diário e cotidiano dos caminhos percorridos, escolhidos ou não, pelas vontades e não-vontades, os silêncios e conversas, os encontros e desencontros com a cidade e sua forma de conexão aberta em cada novo-velho encontro, sua complexidade e atratividade lúdica, repomos também o cuidado em oposição ao tratamento.

Oposição que não se revela no momento exato em que nos dispomos a construção dos encontros realizados no plano da cidade, com ela, os outros e nós mesmos, mas que se faz quando os modos de nos relacionarmos são (re)colocados como matéria do pensamento que, subvertendo esses mesmos modos de tratamento e cuidado experimentados junto às excepcionalidades, nos lançam ao exercício de uma prática ética dos encontros que se formam e se (de)formam na ilimitada (re)invenção que cada encontro nos oferta.

Desse modo, o trabalho se faz na estreiteza entre duas formas de atenção: procurando a realização de um modo de cuidado/amizade, e a busca de uma produção subjetiva distinta de toda moral “...*que participa do saber e do poder*”, (DELEUZE, 1999: 142).

A finalidade dessa posição de trabalho é a produção de campos de subjetivação que indagam aqueles institucionalizados pelas especialidades e o forjar de modos de afeto possíveis de serem experimentados como construção da multiplicidade humana.

Assim, caminhamos pela cidade em busca de estratégias que ofereçam a real sustentabilidade de um lugar onde a circulação desses modos de afeto possam acontecer fora do circuito fechado do tratamento.

Um lugar que seja construído por uma rede de conexões, cujos sentidos ultrapassam a igualdade totalizante, homogeneizante e excludente de uma forma deficiente posta sob o signo da divergência da norma, que se constituem como um lugar de emanações de singularidade e

de formas intercambiáveis de conteúdos afetivos e corpóreos, na partilha de tempo, espaço e dos feitos humanos.

Juntos participamos de um encontro cuja realização se dá na experimentação de afetos

“...que configuram uma escultura de si, uma estética de vida que se forma com o corpo físico, com um corpo sensível, assim como com componentes heterogêneos de subjetivação que aceleram alguns movimentos e desaceleram outros, evidenciando, assim, os territórios que confirmam nossas existências”. (PERES, 2000: 138-139).

Para a partilha dos enredos históricos produzidos na teia ética dos encontros, tem-se, como condição de existência, o exercício cotidiano do diálogo realizado com as ciências do homem, para além de sua apreensão objetiva e teórica (de um objeto a ser revelado), *“criando então outros instrumentos capazes de incidir sobre os acontecimentos que estão em processo e em curso no plano espaço social (...), numa menção agora estratégica da filosofia”.* (BIRMAN, 2000: 76).

É no encontro ético das relações que se constróem nos acontecimentos da cidade, que tomamos o território do cuidado/amizade para além das representações privadas das relações familiares que nos ocorrem quando experimentamos um mesmo espaço físico de lugar e tempo; como também do discurso intimista que esta forma (cuidado/amizade) imprime nos modos de relação dos homens com os outros homens.

Ortega, na construção *genealógica* da amizade, analisa a primeira questão a partir de duas problemáticas distintas. A primeira, caracterizaria o apego as imagens familiares pela incapacidade que temos “...de jogar, experimentar, brincar com o novo, o imprevisível e o aberto” das formas sociais de relação. (ORTEGA, 2002: 124). A segunda seria clara referência ao transbordamento de fronteiras do espaço privado e público realizado no processo de modernidade entendido como dinâmica de privatização dos espaços coletivos.

Já quando o modo de relação cuidado/amizade é realizado através do discurso intimista, ocorre o esvaziamento dos espaços coletivos de encontros, numa correspondência análoga ao espaço que se quer “seguro” do lar, encurtando e estrangulando qualquer manifesto ou emanção que a relação pode, e com certeza traz aos seus participantes.

É na continuidade do exercício ético de nossos encontros que também imprimimos em nosso cotidiano a reposição “política da amizade”, ou seja, trabalhamos o pensamento na recusa de uma psicologização dos comportamentos e ações que o regime hegemônico de saber propõe, apostando numa vida “...disposta a admitir a diferença e aceitar o novo, o aberto, a contingência, o efêmero, o estranho”. (ORTEGA, 2000:110).

Enfim, acreditamos construir nesses encontros um campo de visibilidade das relações possíveis de serem travadas no mundo

*“...já que o espaço da amizade é o espaço entre os indivíduos, do mundo compartilhado – espaço da liberdade e do risco - , das ruas, das praças, dos passeios, dos teatros, dos cafés, e não o espaço de nossos condomínios fechados e nossos **shopping centers**, meras próteses que prolongam a segurança do lar”. (ORTEGA, 2002: 161-162).*

Na dinâmica de nossos encontros, a (re)invenção das práticas de cuidado fecundam o território da amizade na promoção do exercício ético, estético e político, como condição vital da existência humana realizada no encontro e na efetiva experimentação de seus embates.

Assim, é na produção de estratégias de cuidado de si, que se torna possível o rememoração que nos remete a uma história comum, realizada na busca, no processo constitutivo e disruptivo de formas de vida exercidas, pensadas, experimentadas e vivenciadas nas práticas cotidianas dos encontros entre os amigos.

Peres, ainda nos lembra que

“...a noção que cada um tem de amizade apresenta matizes diferenciais que em nada desvaloriza uma da outra, mas evidencia o quanto a história pessoal e a produção das formas de vida, dispõem as pessoas para produzirem a seu modo, sentidos, valores e práticas de amizades singulares”. (PERES, 2000: 127).

A amizade é a intensificação de criação de novas formas de vida como potência, colocada na intercessão das excepcionalidades que se formam no mundo, a partir de uma nova ética, exercida no trabalho sobre si, como transformação de si mesmo no rigoroso embate *“...com os agenciamentos que compõem um campo; no rigor com a expressão do*

singular e inusitado; e no compromisso com as forças que atravessam o campo entre (amizade), compondo os agenciamentos e multiplicando sentidos”. (MUYLAERT, 2000: 91-92).

De uma nova política que se exerce “no entre”, no espaço criado pelo encontro com o mundo e os outros homens, na produção e afirmação da diferença e da pluralidade em um constante processo de negociação, porém sem regras pré-determinadas, estabelecidas na e pela relação.

Para gerar uma constante (re)invenção das práticas de cuidado prenes de outros modos de viver, falar e agir no mundo, desestabilizando os mesmos *“naquilo que transborda as molduras...”*. (MUYLAERT, 2000: 93).

Assim, produzir a amizade nos encontros com as singularidades que participam do embate gerado por esta dissertação, significa participar da (re)invenção das práticas de cuidado postas no circuito das excepcionalidades, tendo na heterogênese humana e no múltiplo, a sustentabilidade das formas de existencialização que as diferenças podem e devem gerar.

Bibliografia

AMARAL, L. A. *Algumas reflexões sobre a (r)evolução do conceito de deficiência*. Em: ALMEIDA, M.A , GOYOS, C. , SOUZA, D. (orgs.), *Temas em educação especial vol. 3.*, São Carlos, EDUFSCar, 1996.

ARENDT, H. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

BARRETO. K. D. *Ética e técnica no Acompanhamento Terapêutico: Andanças com Dom Quixote e Sancho Pança*. São Paulo: Unimarco Ed. 1998.

BARROS, R. D. B. de. *Grupo: apresentação de um simulacro*. Tese de Doutorado. PUC-S.P.,1994.

BARROS, R. D. B. de. *Dispositivos em ação: o grupo*. Em *Cadernos de Subjetividade*. PUC – São Paulo: n 1, vol. 1: 97 – 106, 1993.

BIRMAM, J. *Entre cuidado e saber de si: sobre Foucault e a psicanálise*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

BÓSI, E. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BUENO, J. G. S. *Práticas Institucionais e Exclusão social da Pessoa deficiente*. In: BUENO, J. G. S. e outros. São Paulo: Conselho Regional de Psicologia, 1997.

CARLO, M. M. R. do P. de. *Se essa casa fosse nossa...instituição e processos de imaginação na educação especial*. São Paulo: Plexus, 1999.

CAUCHIC, M. P. M. *Intervenções no Acompanhamento Terapêutico*. Dissertação de mestrado. PUC – São Paulo, 1999.

COSTA, J.F. *A ordem médica e a norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

CUNHA, B. B. B. et al., *Psicologia na Escola: um pouco de história e algumas histórias*, São Paulo: Arte e Ciência, 1997.

DELEUZE, G. *Conversações 1972 - 1990*. Tradução de Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1ª Edição- 1992, 2ª Reimpressão-1998

DELEUZE, G.;GUATTARI, F. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia* Vols.1 e 4. Tradução de Suely Rolnik. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997

GUATTARI, F. *Restauração da Cidade Subjetiva*. Em: *Caosmose*. São Paulo: Ed. 34, 1992.

DIAS, R.M. *Nietzsche Educador*. São Paulo: Scipione, 1991.

DREYFUS, H. L. e RABINOW, P. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: (para além do estruturalismo e da hermenêutica)*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

EQUIPE de AT do Hospital Dia A CASA.. *A rua como espaço clínico*. São Paulo: Ed. Escuta,1991

EQUIPE de AT do Hospital Dia A CASA. Crise e Cidade: Acompanhamento terapêutico. São Paulo: Ed. Escuta, 1997

FERREIRA, J.R. A Nova LDB e as Necessidades Educativas Especiais. In: A nova LDB e as Necessidades Educativas Especiais. Cadernos Cedes, ano XIX, n^o 46, setembro/98

FOUCAULT, M. *Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

_____ *O cuidado com a verdade*. Em: ESCOBAR, C. H. *Michel Foucault (1926-1984). O Dossier. Últimas entrevistas*. Rio de Janeiro: Taurus Ed., 1984.

FRANÇA, S. A. M. *A indisciplina como matéria do trabalho ético e político*. Em AQUINO, J. G. (Org.), *Indisciplina na escola: Alternativas teóricas e práticas*, São Paulo: Summus, 1996. (Na escola)

FRANÇA, S. A. M. *Diferença e preconceito: a efetividade da norma*. Em AQUINO, J. G. (Org.), *Indisciplina na escola: Alternativas teóricas e práticas*, São Paulo: Summus, 1996. (Na escola)

FRANÇA, S. A. M. e SALOTTI, M. R. R. *Análise da produção da subjetividade em sujeitos excepcionais: a medicina social do século XIX e seus desdobramentos na institucionalização do deficiente mental*. Mimeo UNESP – Assis, 1994.

FRANÇA, S. A. M. e SALOTTI, M. R. R. *Acompanhamento Terapêutico: Prática dinâmica de ocupação do espaço urbano*. Em: *Vertentes*, UNESP – Assis, n.3: 111 – 118, 1997a.

_____ *O Poder disciplinar e a constituição do sujeito educacional*. Em: *Perfil*, UNESP – Assis, n.10: 61 – 67, 1997b.

_____ *O Projeto da Verdade das Práticas Educacionais*. Em: *Vertentes*, UNESP - Assis, n.4: 59 – 65 , 1998.

GORE, J. M. Foucault e Educação: Fascinantes Desafios. SILVA, T. T. da.(org.). *O sujeito da educação: estudos foucaultianos*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1999.

JANNUZZI, G. S. M. *Deficiência mental, cidadania e política*. Em: ALMEIDA, M.A. , GOYOS, C. , SOUZA, D. (orgs.), *op. cit.*

KASSAR, M.de.C.M. Liberalismo, Neoliberalismo e Educação Especial: In: *A nova LDB e as Necessidades Educativas Especiais*. Cadernos Cedes, ano XIX, n^o 46, setembro/98

KASTRUP, V. *A psicologia na rede e os novos intercessores*. Em: FONSECA, T. M. G.; FRANCISCO, J. (Orgs.). *Formas de ser e habitar a contemporaneidade*. Porto Alegre: Ed. Universidade, 2000.

LOBO, L. F. *Deficiência: Prevenção, Diagnóstico e Estigma*. In: RODRIGUES, H de B. C., LEITÃO, M. B de S., BARROS, R. D. B. de (Orgs.). *Grupos e instituições em análise*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

LOPES, P. C. *Pragmática do desejo. Aproximações a uma teoria da clínica em Félix Guattari e Gilles Deleuze*. Mestrado em Psicologia Clínica: PUC – São Paulo, 1996.

MACHADO, A. M. e SOUZA, M. P. R. *As Crianças Excluídas da Escola: Um alerta para a psicologia*. Em: MACHADO, A. M. e SOUZA, M. P. R. (orgs.) *Psicologia Escolar: Em busca de novos rumos*. São Paulo: Casa do psicólogo. 1995

MANTOAN, M. T. E. *Compreendendo a Deficiência Mental: Novos caminhos educacionais*. São Paulo: Scipioni, 1988.

MUYLAERT, M. A. *Intermezzo: Mestiçagem nos encontros clínicos*. Doutorado em Psicologia: PUC – São Paulo, 2000.

NICOLACI- da- COSTA, A. M. *Sujeito e Cotidiano: Um estudo da dimensão psicológica do social*. Rio de Janeiro: Campus, 1987.

ORTEGA, F. *Para uma política da amizade. Arendt, Derrida, Foucault*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

_____ *Genealogias da amizade*. São Paulo: Iluminuras, 2002.

PÁEZ, A. *Ética y practica sociales: El caso de los estoicos*. Em: ABRAHAM, T. (Org.). *Foucault y la ética*. Buenos Aires – Argentina: Editorial Biblos, 1988.

PEIXOTO, N. B. *Ver o invisível: a ética das imagens*. Em: NOVAES, A. (Org.) *Ética*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

PELBART, P. P. *Cidade, lugar do possível*. Em: _____(Org.) *A vertigem por um fio: políticas da subjetividade contemporânea*. São Paulo: Iluminuras, 2000.

PERES, W. S. C. *Entre a Solidão e a amizade: cartografias contemporâneas da subjetividade*. Dissertação de Mestrado. UNESP – Assis, 2000.

ROLNIK, S. *Clínica Nômade*. In: Equipe de Acompanhantes Terapêuticos do Instituto A Casa (Orgs). *Crise e Cidade- Acompanhamento Terapêutico*. São Paulo: Educ, 1997.

SANFELICI, J. L. *Sala de Aula: Intervenção no real*. Em: MORAIS, R. de (org.) *Sala de Aula: Que espaço é esse?* Campinas: Papyrus, 1991.

SANTOS, M. *Território e sociedade: entrevista com Milton Santos*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000.

SCHNEIDER, D. *Alunos Excepcionais: Um estudo de caso de desvio*. Em: VELHO, G. *Desvio e Divergência*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1985.

SENNETT, R. y FOUCAULT, M. *Sexualidad y solidad*. Em: ABRAHAM, T. (org.) *Foucault y la ética*. Buenos Aires: Editorial Biblos, 1988.

STREMLow, M.A. F. A. *Cartografias Contemporâneas: modos de relação entre homem e natureza*. Mestrado em Psicologia: UNESP – Assis, 2002.